

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA: SUBJETIVIDADE E CLÍNICA

**EXPRESSIVIDADES: PENSAMENTO, PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES, ENLACES  
E EMBATES NA EXPERIMENTAÇÃO CLÍNICA.**

Denise Farias da Fonseca

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Benevides Duarte

Coorientador: Prof. Dr. Eduardo Passos

Niterói - RJ

2012

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

**F676 Fonseca, Denise Farias da.**

Expressividades: pensamento, produção de subjetividades, enlases e embates na experimentação clínica / Denise Farias da Fonseca. – 2012.

151 f.

Orientador: Regina Benevides Duarte.

Co-orientador: Eduardo Passos.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2012.

Bibliografia: f. 145-151.

1. Psicologia clínica. 2. Subjetividade. I. Duarte, Regina Benevides. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD 155.2842

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA: SUBJETIVIDADE E CLÍNICA

**EXPRESSIVIDADES: PENSAMENTO, PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES, ENLACES  
E EMBATES NA EXPERIMENTAÇÃO CLÍNICA.**

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Regina Benevides de Barros

Coorientador: Prof.Dr. Eduardo Passos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Subjetividade e Clínica, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense como parte dos requisitos parciais para a obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica.

Niterói - RJ

2012

## BANCA EXAMINADORA

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Benevides de Barros (orientadora)

Prof. Dr. Eduardo Passos (coorientador)

Prof. Dr. Auterives Maciel Jr (membro)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Mara Galli Fonseca (membro)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Maria Santos Dias (membro)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Mair Barros Rauter (membro)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Mendes Lima (membro)

Aos sonhadores,

Ousados e insistentes criadores que, ainda que ‘a duras penas’, afirmam cada passo desalinhado em relação ao que oprime, constrange e obstruiu a força criadora.

A todos aqueles com quem compartilho, diferentemente, e que arrastam meu ‘corpo-pensamento’ para longe de no seu equilíbrio ordinário.

## AGRADECIMENTOS

*A todos os que percorreram comigo - direta e indiretamente - as veredas, os atalhos e as encruzilhadas que marcaram esse 'percurso-tese'.*

*A Regina Benevides e Eduardo Passos pela aposta e contribuições impecáveis, tornando essa experimentação possível.*

*Às Rodas... indispensáveis ao ato de fiar. Fiar junto, confiar, fazer funcionar o processo cíclico da criação:*

*Roda dos Analisandos... de experimentar, abrigar mudanças, partilhar. Roda de ultrapassar limites, até os conceitos saírem do papel.*

*Roda de Orientação Coletiva... de multiplicar, interferir, serenar. De seguir caminho de 'fio a pavio'.*

*Roda Travessias... de revigorar, gestar caminhos e descarrilhar. Roda de movimentar peripécias da vida.*

*Roda da Filosofia... de transitar, transpor, levar à 'encantaria' dos 'mil e um' planos extra-Psis. Roda de fazer sonhar.*

*Roda do Suporte... roda de agilizar, de corrigir caminhos 'tortos', de pegar no pesado, de apoiar. Roda dos encargos e os embargos.*

*Roda da Família... de suportar humores, transportar remédios para amenizar as dores, de nutrir e acompanhar... Roda de ninar, alertar, acolher, amar.*

*Roda dos Amigos... a grande roda! De juntar todas as outras rodas, fazer tudo circular. De bordar as diversas faces da vida. Roda do tear.*

*Roda dos Acontecimentos... de envolver, inebriar, inventar. Roda de expressar... De vivificar esse 'percurso-tese'.*

## RESUMO

Nosso argumento principal se desdobra a partir da ideia de que a prática clínica como uma prática social concreta, historicamente produzida, pode, rompendo com sua própria história, forjar desvios na sua produção político-subjetiva, inquietar seu corpo ordenado para 'colocar em xeque' sua potência de resistência, ou seja, sua função criadora. Porém, do ponto de vista que atravessa esse estudo, não será a partir de um Eu, de um Sujeito - como efeito dessa estratificação - que surgirá qualquer inclinação para entrarmos em contato com processos de disjunção, processos nos quais, desarranjar é sinônimo de produzir e, no que diz respeito a prática clínica, produzir maneiras de viver. Todavia, o instante criador escapa ao tempo discursivo engendrando fragmentos que não dizem respeito a nenhuma forma delineada mas às irregularidades, às 'desordens', às fugas em ato, às ações no/do corpo-pensamento: são Expressividades. Tal afirmação nos coloca diante do desafio de poder tornar dizível um conjunto de redefinições de sentidos e valores que sustentam os estudos da subjetividade na contemporaneidade e as interferências dessas reorientações na prática clínica. Urge um reposicionamento na maneira como se concebeu classicamente a função do pensamento - como aquisição e acumulação de conhecimento - e a interferência desse pensar na criação de maneiras de viver, na construção de planos de experimentação. Trata-se de buscar não mais a reflexão ou representação da/sobre a realidade objetiva ou subjetiva, mas a criação de um plano onde dimensões intensivas, *afetos*, e resistências ao que oprime, constrange e obstrui a alegria criadora possam ganhar passagens. Trata-se de fazer funcionar um conjunto de práticas que se caracterize pelo seu 'poder de ser afetada e afetar', esgarçando as duas funções preponderantes na história das práticas clínicas - olhar e escutar - e, coextensivamente, o vetor profundidade que de alguma maneira conecta e faz funcionar essas duas funções, para que se insinue um desvio. Não se trata mais de plano das alturas, também não se tratará de um mergulho nas profundezas do ser, mas nas chances, extraordinárias, que a experimentação clínica pode proporcionar.

**Palavras-chave:** Expressividades, Produção de Subjetividades, Experimentação Clínica.



## ABSTRACT

Our main argument unfolds from the idea that clinical practice as a concrete social practice, historically produced, breaking with its own history, may invent (formulate) deviations in its political-subjective production, may concern its own ordered body in order to prove its power of resistance, in other words prove its creative function.

Such statement puts us face to the challenge of being able to make speak out, a set of redefinitions of meanings and values that support studies of subjectivity in the contemporary and the support interferences of these reorientations in clinical practice.

However, from the point of view of this study will not be from one subject - as the effect of this stratification - that will arise any inclination to get in contact with processes of disjunction, processes in which, disrupting is synonym of producing and regarding to clinical practice, implies to produce living manners (ways of life). Thus, the creator instant (moment) escapes to the discursive time, engendering fragments that do not relate to any delineated form, not even, properly, to a state of body, but the irregularities, to 'disorders', the breakouts in the act, the actions in / of 'body-mind': this is what we call 'Expressiveness'.

It is urgent a repositioning in the way it was conceived classically the function of thought - such as acquisition and accumulation of knowledge - the interference of this thinking in creating ways of living and in the construction of experimentation plans, rather than reflection or representation of an objective or subjective reality, of intensive dimensions, affections, resistance to what that oppresses, embarrasses and blocks the creative joy. It is a set of practices that is characterized by its 'power to affect and be affected', ripping the two predominant roles in the history of the clinical practice - look and listen - and co-extensively the depth vector, that somehow connects these two functions, that has to be activated to produce a deviation. It is no longer a plan of heights, nor a plunge into the depths of beings, but the extraordinary chances that the experimentation in the clinical practice can provide.

Extraordinary chances that the clinical experimentation can provide.

**Key words:** expressiveness, subjectivities production, clinical experimentation

**EXPRESSIVIDADES: PENSAMENTO, PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES, ENLACES  
E EMBATES NA EXPERIMENTAÇÃO CLÍNICA.**

**ÍNDICE**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>I. IMAGEM DO PENSAMENTO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES: NOSSA SEMEADURA:</b>	<b>15</b>
<b>Passagem 1.</b>	
<b>1.1. PENSAR ORDENADO PARA PENSAR BEM</b>	<b>18</b>
UMA COEXISTÊNCIA PERTURBADORA	20
ADVERSIDADES DO PENSAMENTO CLÁSSICO-MODERNO	28
<b>1.2. PENSAR 'ESQUIZO' E SUAS RELAÇÕES COM A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES.</b>	<b>35</b>
<i>INSTABILIDADE, IMPREVISIBILIDADE E INCERTEZAS</i>	37
<i>REVIRAVOLTAS DO/NO CONTEMPORÂNEO</i>	42
<b>II - EXPRESSIVIDADES E EXPERIMENTAÇÃO CLÍNICA</b>	<b>50</b>
<b>Passagem 2.</b>	
<b>2.1 EXPRESSIVIDADES</b>	<b>52</b>
<i>AGENCIAMENTOS COLETIVOS: NADA A MAIS, NADA A MENOS.</i>	56
<i>DESACOSTUMAR AS PALAVRAS, DESACOMODAR O CORPO...</i>	59
<b>2.2 ESTADOS DE CORPO, PASSAGENS, SINTOMAS...</b>	<b>72</b>
<i>A RECIPROCIDADE...</i>	78
<i>TRÊS MODOS DE FUNCIONAMENTO...</i>	85
<b>III- OLHAR, OUVIR, AFETAR E SER AFETADO.</b>	<b>91</b>
<b>Passagem 3</b>	

<b>3.1. PRÁTICA CLÍNICA E PSICOLOGIA: VICISSITUDES NO/DO CONTEMPORÂNEO.</b>	98
<i>O PODER DO OLHAR</i>	102
<i>O PODER DO OUVIR</i>	111
<b>3.2 O PODER DE SER AFETADO E AFETAR</b>	115
<i>DISTANCIAR-SE DE 'SI'</i>	118
<i>PARTILHAR</i>	121
<b>IV. ENTRETECENDO: ENLACES E EMBATES</b>	124
<b>Passagem 4</b>	
<b>4.1. ENLACES E EMBATES</b>	125
<i>ACERCA DOS ENLACES...</i>	127
<i>ACERCA DOS EMBATES...</i>	131
<b>4.2. VOLTAR É PODER PARTIR PARA OUTRO LUGAR...</b>	134
<i>TRAVESSIAS</i>	138
<i>APONTAMENTOS 'finais'</i>	142
<b>REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:</b>	145

## Introdução

A inspiração preponderante nesse estudo tem como fonte - de energia e alimento - os anos de atividade clínica desenvolvidos no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal Fluminense através de projetos de Extensão Universitária - em atendimento individual ou em grupos terapêuticos, em trabalhos comunitários, nas oficinas terapêuticas, ou ainda nos cursos de extensão. Concomitante a isso, minha atividade clínica, que, até 1997, se circunscrevia ao chamado setor público, ramificou-se para o consultório.

Durante essa trajetória, inúmeras e intensas foram as alegrias, diversas foram as dores que fizeram do percurso 'clínico-político' um emocionante caminho, repleto de incontáveis curvas e desvios e, como não poderia deixar de ser, de linearidades, emperramentos e indignações.

Em 1986, inicio os primeiros contatos com a perspectiva da Análise Institucional Socioanalítica que, no Rio de Janeiro, já impregnada com as interferências de Felix Guattari & Gilles Deleuze, configurava, dentre tantas outras maneiras de 'pensar-agir', uma concepção do fazer clínico distanciado tanto das abordagens psicanalíticas clássicas quanto das psicologias mais hegemônicas na época.

Inúmeros parceiros se aglutinaram, outros se distanciaram, preciosos companheiros partiram de modo irremediável do nosso convívio. Todavia, cada um a seu modo deixou marcas inapagáveis, gestos impecáveis e inesquecíveis. Estes nos serviram, e ainda nos servem, como vigor para alavancar os momentos de desalento e afirmar o prazer da tecedura de uma rede de pensamento e intervenção que faz da perspectiva clínico-política um conjunto de ações implicadas, críticas, descontínuas, instáveis e, portanto, rigorosas.

Este é um ponto que merece especial atenção já que espera-se de uma tese, sobretudo, rigor. Como poderá ser visto ao longo do trabalho rigor é, para nós, persistência, aumento do grau de intensidade e transversalidade. É a possibilidade de produzir uma mudança radical de perspectiva. É, como

sublinha Laymert Santos, “abandonar a pretensão do sistema de querer dizer coisas em si para abandonar-se à afirmação de como nos relacionamos com elas.” (SANTOS,1989:31). É, portanto, alegrar-se com os processos de compartilhamento e criação.

A partilha é, sobretudo, com os que demandam uma atenção singular em algum momento crítico de suas vidas e que nos proporcionam a oportunidade de experimentar um processo permanente de modulação dos nossos modos de saber/fazer, desafiando diariamente pré- conceitos, forçando, assim, os conceitos a ‘saírem do papel’ e se tornarem efetivamente ferramentas de intervenção. Nessa démarche, subjetividade e realidade social compõem um mesmo plano.

Vivemos *os* e *dos* muitos efeitos dessa realidade através do nosso trabalho na clínica, sendo impelidos a problematizar as relações que a prática clínica mantém com a produção do ‘corpo-pensamento’ na contemporaneidade, na medida que não acatamos a ilusão de que seja possível separar a produção de subjetividades de uma produção ético-política. Tal construção envolve necessariamente uma reorientação dos conceitos que manejamos e das práticas que reafirmamos.

Deste modo, não caberia nesse ‘percurso-tese’, estarmos norteados por um método à maneira clássica, já que, há algum tempo, abandonamos a ideia de que o pensamento se dá a partir de uma trajetória reta que tem um início em um ponto de partida bem circunscrito e uma pretensão: a de alcançar um ponto determinado de chegada, uma verdade. A vida nos ensina isto. A clínica nos ensina isto.

Encantadoramente, como poetiza Manoel de Barros, “a maior riqueza do homem é a sua incompletude”. Esta incompletude nada se assemelha à falta, ao contrário, é um tipo de fartura que também passa longe da acumulação e do consumo irrefreado que a própria ideia de falta - seja por carência, por erro, pecado, dentre seus tantos outros sentidos - acaba por produzir.

A incompletude de que nos fala Manoel de Barros diz respeito a excessos que precisam transbordar e seguir sem destino, inventar trajetórias despersonalizadas, construir passagens provisórias, dividir para multiplicar. E,

neste sentido, são *sutilezas*, são ações pouco relevantes na cotação do mercado político-subjetivo atual.

Pensando assim, nosso percurso é marcado pelos descomedimentos da experimentação clínica e pelas perturbações que advêm de suas vizinhanças - como o encantar-se com a trajetória dos filósofos, dos poetas, dos autores e atores cotidianos, afeiçoados ao diverso e que, amalgamados, constroem e se apropriam de incontáveis analisadores, engendrando o exercício ‘clínico-político’ no/do contemporâneo.

Pensando assim, nosso ‘modo-tese’ é deflagrado - numa primeira passagem - pela problematização do que chamamos, em acordo com Gilles Deleuze, de uma “*imagem clássica do pensamento*” em que pensar significa conhecer, representar, estabelecer causa através da ordem.

Porém nossa problematização conduziu o pensamento em direção àquilo que Félix Guattari chamou de “*paradigma estético*” visando abrir outras passagens, para que algo do plano sensível - plano das ‘desordens’, do informe, plano ‘esquizo’ - se torne, dizível, vivível.

Uma segunda passagem nos força a desdobrar a ideia de ‘Expressividades’ na clínica. Aqui é a inspiração espinosista que nos permite afirmar que, no exercício da clínica, algo pode expressar-se por si. Trata-se de efetuações do ‘corpo-pensamento’ que não dizem respeito à manifestação criativa de um Eu, de um Sujeito, de um Indivíduo, mas aos *acontecimentos* clínicos, desalinhados que “sobrevoam os corpos”. Como sublinha Deleuze: “uma variação atmosférica, uma mudança de cor, uma molécula imperceptível, uma população discreta, uma neblina ou uma névoa de gotícula.” (DELEUZE E PARNET, 2004:85)

Seguimos nosso curso e uma terceira passagem se configura. A sustentação da ideia de que essas Expressividades se constituem na superfície dos acontecimentos clínicos a partir do ilimitado movimento de *ser afetado e afetar*. Derivas e/ou resistências àquilo que oprime o ‘corpo-pensamento’ e, ao mesmo tempo, oportunidades de construir um plano de sustentação para que a diferença ganhe expressão no mundo.

Por último, uma quarta passagem, sublinhamos alguns enlaces e embates que, a partir da tecedura desses três primeiros movimentos, abrem outro repertório de problematizações.

Nossa composição, imagem do pensamento, suas relações com a produção de subjetividades e as reverberações dessas relações no plano do exercício da clínica é um convite ao leitor, para que cada um, a seu modo, percorra o trajeto conceitual traçado nesse estudo. O leitor deve estar, ciente de que, a todo momento estará esbarrando em fragmentos ‘extraconceituais’ que vão compondo, junto aos conceitos, a paisagem dessa caminhada.

No ziguezague da própria experimentação do dizer, tais fragmentos foram-se exprimindo e esculpindo nossa afeição maior: as Expressividades que envolvem a experimentação clínica a partir de fragmentos ‘capturados’ dos textos literários compartilhados nos atendimentos individuais ou em grupo, na experiência amadora no/do teatro e de outros acontecimentos clínicos. Todos eles foram atraídos - e funcionaram como atratores - nesse ‘percurso-tese’ pelo desejo de produzir a inseparabilidade daquilo que é dito, do como dizer. Isso só se tornou possível a partir do fazer da própria tese, já que, antes, não haveria como saber de que maneira essas combinações se expressariam.

O desejo é o de que o leitor se desloque construindo suas próprias passagens ou seus desvios, partilhando um desafio que nos é soprado novamente pela inspiração do poeta Manoel de Barros: usar o saber/fazer não para “querer aperfeiçoar esse mundo”, mas ao contrário, “para inventar outros mundos”, ainda que essa seja uma experimentação repleta de embaraços.

## I. IMAGEM DO PENSAMENTO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES: NOSSA SEMEADURA

### PASSAGEM 1.

Antes de me lançar na tarefa, propriamente dita, de aproximação das relações entre “Imagem do Pensamento” e “Produção de Subjetividades”, proposta do primeiro plano de sustentação para esse estudo, cabe fazer um pequeno desvio com a intenção de tornar um pouco mais leve o caminho extenso e intenso que convido o leitor a percorrer, no processo de construção do que estamos denominando *Expressividades* na clínica.

Por atração de longa data, tomaremos uma passagem-desvio, na direção de fragmentos do livro de Laymert Santos, *Tempo de Ensaio* (1989), em que o autor nos fala a respeito da experiência do *Dizer*, que ele chamou de “*A experiência da Agonia*”. Experiência do *Dizer*, como momento de produção de afirmação que surge na envergadura de um movimento. Movimento que se caracteriza pela expulsão e pelo exorcismo das forças da morte que constroem o sopro de vida. Momento de luta feroz e surda, cujo começo é indizível, pois quando chegamos a dizer, sublinha Laymert, “é porque a barragem que represava o sopro já sofreu o primeiro abalo. Como se tivesse ocorrido uma imensa e mínima reviravolta, como se, de repente, \_\_\_\_\_”. (...)

Guardemos, com carinho, esse pequeno desvio porque ele abriga a intenção de sustentar uma espécie de alerta, uma indicação de que será prudente não nos apressarmos, já que a “*Experiência da Agonia*” seguirá conosco por um longo tempo.

Tal experiência se dará tanto pela intensidade do esforço do “*Dizer*”, como pela agonia própria de produzir maneiras de dizer através do que convenciamos chamar de uma Tese de Doutorado. Sobretudo, quando esta



tese diz respeito à criação de dizibilidade acerca dos feixes expressivos, dos momentos, por vezes indizíveis, que a experimentação clínica engendra.

Quando falamos de experimentação, deixemos claro que não nos referimos à clássica ideia da construção de um método científico que consista em observar um fenômeno natural sob condições determinadas com vistas a aumentar o conhecimento a respeito das manifestações ou leis que regem esses fenômenos.<sup>1</sup> Bem ao contrário, falamos de experiência, de exercícios de criação, de ensaios. Da construção de um plano onde, do nosso ponto de vista, se enredam o pensamento, a produção de subjetividades e a prática clínica. Entretanto, escapar das velhas dicotomias, embora seja um ponto incluído necessariamente na pauta da ‘ordem mundial’ - científica, filosófica, política, subjetiva - é uma tarefa das mais árduas.

Se o processo de humanização tem como ápice a produção de um psiquismo cada vez mais aperfeiçoado, biotecnologicamente aparelhado e sócio-culturalmente globalizado, essa mesma pluralidade conferiu o deslocamento da noção de sujeito para a noção de subjetividade, incluindo outras relações com a exterioridade que a noção interiorizada e autocentrada de sujeito não mais comportava. Porém, ultrapassar a insuficiente crítica da ideia de sujeito para poder, conforme nos ensina Pelbart (2000:15), “examinar em que medida novos campos a tornam caduca, suscitam novos problemas e a arrastam para outras paragens”, tem sido o nosso maior desafio: construir estratégias que nos permitam transpassar, experimentação e dizibilidade.

Isso implica, necessariamente, despistar o histórico gosto pelas verdades estabelecidas para poder tomar o rumo das condições de emergência da ‘Clínica’ no que se convencionou chamar de *Pensamento Ocidental Moderno*, problematizando conceitos, pressupostos e práticas.

Livrar-se da pesquisa de origem é uma tarefa espinhosa, já que o chamado pensamento clássico, no qual estamos ‘mergulhados até o pescoço’,

---

<sup>1</sup> Definição literal do Novo Dicionário da Língua Portuguesa. HOUAISS, A, VILLAR DE S. FRANCO de. Disponibilizado acesso em Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.

<sup>2</sup> Aqui, não cabe, exatamente, uma referência, mas uma reverência ao poeta Manoel de

é pautado pelo pressuposto de que a pesquisa é uma investigação acerca da essência das coisas, de uma espécie de imobilidade primeira. Portanto, um dos maiores riscos, neste primeiro percurso, é o de poder recuar no tempo - pois isso nos parece inevitável -, para unir alguns pontos e desunir outros, como costumamos chamar na profissão de coser, para firmar e/ou desatar um nó e nos surpreendermos com a multiplicidade de linhas, de fios desordenados, de uma meada.

Partiremos, assim, da problematização do que denominamos, em afinidade com a filosofia de Gilles Deleuze (1988), de efeitos de uma “imagem clássica do pensamento” - ou imagem dogmática - em que pensar significa conhecer, representar, estabelecer causa através de uma ordem. Porém, essa interferência ativa da filosofia de Gilles Deleuze, especialmente em “*A imagem do pensamento*,” terceiro plano de sua pesquisa em *Diferença e Repetição*, bem como a de outros intercessores que atravessarão as encruzilhadas traçadas pelo percurso do nosso estudo, precisará nos conduzir em direção àquilo que Félix Guattari (2008) chamou de *paradigma estético*, fortalecendo a ideia de que o desvio e a criação são desafios do contemporâneo, base de sustentação do que estaremos denominando aqui de plano de Expressividades na clínica.

Importa sublinhar que esses *intercessores* (DELEUZE: 2000) permitem entrar em contato com universos ‘extrapsicológicos’, não só através das relações que procuramos manter com a filosofia como também com outros campos do saber cuja conjugação espera-se poder ser uma interferência ativa nos estudos e intervenções no plano da produção de subjetividades e suas reverberações na experimentação clínica.

*Intercessores*, aproveitando a observação singular de Vasconcellos (2005:1224), “é um dos conceitos mais poderosos da obra de Deleuze e só se manifesta de modo plural: trata-se sempre de intercessores a forçar o pensamento a sair de sua imobilidade.” Tais *intercessores* podem ser pessoas, conceitos, plantas, animais, como nos diz Deleuze (2000), podem ser fictícios ou reais. O importante é que se fabriquem intercessores, que se acolha a ideia de que “sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê”. (DELEUZE, 2000:156)

O apelo à força desses intercessores - filosóficos, literários, cotidianos - atravessando o exercício clínico-político, será, como mencionamos, parte de nossa experimentação nesse ‘percurso-tese’ e se encontra inseparável da construção de um plano de Expressividades na clínica.

Na perspectiva que esboçamos, clínica e política, ainda que digam respeito a territórios distintos, são processos coletivos de produção. Produção político-subjetiva, inseparáveis.

Os passos, ainda que imprecisos, serão persistentes, pois não se trata de querer repetir ou aplicar conceitos filosóficos, mas de efetuar uma apropriação, uma aliança ativa conforme apontou Deleuze, com a filosofia e com outros saberes e afazeres, para suportar a crença naquilo que o poeta Manoel de Barros sublinhou de modo tão sutil: “o criar começa no desconhecer.”<sup>2</sup>

### 1.1 PENSAR ORDENADO PARA ‘PENSAR BEM’

Sigamos, então, na construção do primeiro caminho desse estudo. Nos interessa, primeiramente, ‘pôr em xeque’ algumas das modulações da noção de ‘Ordem’ e suas implicações no processo de produção da chamada ideia dogmática do pensamento, destacando de seus efeitos o que nos interessa para pensar a produção de subjetividades na contemporaneidade.

No segundo momento, mantendo a inspiração dos estudos de Gilles Deleuze, porém enfatizando as ressonâncias produzidas pela obra de Félix Guattari em nosso percurso na prática clínica, ou ainda, as interferências desse funcionamento que marca o encontro de Deleuze&Guattari, estaremos realçando a perspectiva de que a desestabilização - ‘desordem’ - coexiste à organização como vetor de mudanças e de produção de maneiras de viver.

---

<sup>2</sup> Aqui, não cabe, exatamente, uma referência, mas uma reverência ao poeta Manoel de Barros, uma raridade, capaz de transformar a vida em texto poético.

Ao colocar em relevo a maneira singular de esses autores conceberem o pensamento e a interferência desse modo particular de pensar nos estudos acerca da produção de subjetividades, a aposta se afirma na possibilidade de criar um plano de suporte às inquietações que emergem no exercício de uma prática clínico-política na contemporaneidade. Trata-se do esforço de pôr em análise alguns embaraços nas linhas que compõem a chamada imagem clássica do pensamento nos apropriando do que Deleuze (1988) propõe como um modo de pensar para além do campo da representação seja na filosofia, nas chamadas ciências exatas, biológicas, físicas ou humanas, em especial, no caso do nosso estudo, na maneira de pensar a produção de subjetividades e coextensivamente em problemas decorrentes dos enlaces e embates no percurso da clínica na contemporaneidade.

Iniciaremos nossa ‘conversa’ esmiuçando, primeiramente, o antigo e conhecido ‘par de opostos’ que, há muito, se enfrentam como ferrenhos adversários, mas que, conforme já nos indicava Nietzsche (1985) em relação ao binômio bem e mal, ultrapassada a aparente dicotomia estabelecida metafisicamente, torna-se uma oposição inoperante.

Destaca-se, aqui, a relação ‘ordem-desordem’, alguns de seus efeitos nos arranjos e desarranjos dessa visão bipolar da realidade e na construção de caminhos para pensar a produção de subjetividades, sem perder de vista que esse ziguezague tem como função construir regiões de contato com o que denominamos Expressividades na clínica.

Longe de querer revelar o que se teria passado na verdadeira origem da noção de ordem, interessa-nos percorrer alguns sentidos heterogêneos, porém complementares, tanto daquilo que aprendemos a amar e reconhecer enquanto *a Ordem* quanto de seu correlato, *Desordem*, que tanto aprendemos a repelir.

Recuar no tempo é poder ir além. Poder acompanhar uma série de afirmações e de confrontos que construíram e/ou desconstruíram as formas estabelecidas que, na maioria das vezes, são apreendidas como universais e unívocas, mas, na realidade, não passam de perspectivas múltiplas, singulares e heterogêneas.

Prossigamos, então, cientes das nossas hesitações.

### **UMA COEXISTÊNCIA PERTURBADORA.**

Pensemos que o desejo de criar uma compreensão da realidade pode produzir um tipo de pensamento - e aqui nos referimos, como exemplo, ao pensamento grego, que data do século XXI ao VI a.C. - sem que se estabeleça qualquer relação lógica empírica com uma verdade tal como passamos a concebê-la no ocidente moderno. Se a narrativa mítica, neste caso, remetia a um tipo de verdade, era uma espécie de evidência que não necessitava de provas para ser aceita. Entretanto, o mito não pode ser chamado de mentira, pois a narração de uma história mítica nada mais é do que uma primeira atribuição de sentido ao mundo.

Aventuras, lutas e façanhas de agentes sobrenaturais formaram o enredo dos mitos que narravam o surgimento do mundo e o estabelecimento da ordem. Um ser Absoluto - um Deus, ou vários Deuses - que no mito aparece como criador do Universo, também se caracterizava, na maioria das vezes, por ser uma entidade mantenedora da ordem e cuja função seria afastar o indiferenciado e a desordem, promovendo regularidades e organização no Universo: um ser criador e/ou mantenedor do Cosmo.<sup>3</sup>

A Natureza, respeitada e venerada por ser a responsável pela sobrevivência humana, mostrava-se, ao mesmo tempo, produtora de fenômenos misteriosos, ameaçadores e causa de desalinhos. Tempestades, furacões, vulcões, desintegrações e morte revelavam o funcionamento desregrado da natureza e os indivíduos, majoritariamente, através da deificação, idolatravam a ordem como forma de sustentação de sua existência material, social e moral.

Porém, segundo observa Vernant (1977), o mito não só exprimia a confrontação da constituição organizada do Universo, mas também expressava concepções relativas a uma função política e à ordenação das relações de

---

<sup>3</sup> Do Grego, *Kòsmos*, que designa o conjunto do Universo em sua totalidade ordenada. Ordem do Universo, disciplina, organização.

soberania. Um rei com poderes divinos tinha como uma de suas funções a manutenção do equilíbrio, a hierarquia social e natural, pois, como a relação natureza e sociedade ainda não era concebida como uma oposição, o soberano não interferia, apenas, na hierarquia social, mas intervinha no rumo das narrativas acerca dos fenômenos naturais.

Nos termos de Vernant, tratava-se de estabelecer e manter a ordem supondo sempre “um agente ordenador, uma força criadora suscetível de promovê-la. No quadro do pensamento mítico, não se poderia imaginar um domínio autônomo da natureza nem uma lei de organização imanente ao universo”. (VERNAN, 1977:80)

Entretanto, importa sublinhar que esta noção de ordem que se configura como signo da regularidade, da estabilidade, da repetição e do absoluto, seja nas relações com os fenômenos naturais, seja nas relações com um déspota com poderes divinos, é fundada numa relação de exterioridade com a Natureza e seus fenômenos - físicos, biológicos e sociais - e, em relação com essa exterioridade, constrói seus problemas. Porém, como o próprio Vernant vai nos mostrar, a emergência da filosofia, na Grécia, marcará o declínio do pensamento mítico e o advento de um saber de tipo *racional* que imprime uma nova maneira de traduzir a natureza, agora apreendida a partir de objetos de investigação sistemática que poderão ser apresentados através de uma *theoria*.<sup>4</sup>

Trata-se da passagem do mito ao *logos* que não se dará de forma linear, nem contínua. Ela vai configurando-se através de decodificações do pensamento mítico e de combinações inéditas com sistemas de referência exteriores ao mundo fabuloso que, conjugados, farão emergir o que podemos chamar em acordo com a história da filosofia de uma *reflexão filosófica*. A *palavra*, conforme nos menciona Maciel (2003), torna-se um bem comum e um instrumento de poder exercido pelos guerreiros da sociedade antiga, cujo tipo de organização, igualitária e praticada no espaço público, vai atravessar,

---

<sup>4</sup> Do substantivo grego *theoria*, que significa ação de contemplar, olhar, examinar, especular. Conhecimento de caráter estritamente especulativo, voltado para a contemplação da realidade, em oposição à prática e a qualquer saber técnico aplicado. HOUAISS, A, VILLAR DE S. FRANCO DE. Disponível acesso em Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.

caracterizar e constituir o novo modo de organização político - social do século VI aC.

Comunidades desviam, escapam da derrubada da antiga realeza, construindo um tipo de organização política completamente diferente da realeza despótica. É a chamada organização da *Polis* ou da *Cidade-Estado* regida “pela associação de cidadãos, com direitos iguais, com um certo prazer de se associar - que constitui a amizade e a rivalidade - e um gosto especial pela troca de opiniões”. (MACIEL, 2003:21)

Um novo cenário que não só vai reafirmar o poder da *palavra*, como também vai transformá-la em objeto de investigação, propiciando o surgimento da política como processo de consciência de si e da inauguração de um discurso propriamente filosófico. E, nesse contexto, precede a Sócrates um grupo de pensadores que, preservadas as diferenças de suas ideias, são chamados em conjunto de Pré-Socráticos, caracterizados por seu modo de pensar sistemático e por sua busca de respostas a respeito dos ‘mistérios’ da vida através da reflexão.

Para Maciel (2003), embora o pensamento Pré-Socrático ainda se apresentasse como portador de uma verdade conferida por um deus, o discurso desses pensadores ultrapassa a manifestação religiosa e, no próprio mundo natural, vai buscar os princípios da origem da natureza, engendrando “uma transição espiritual de extrema importância para o surgimento da reflexão filosófica: a passagem do pensamento mítico para o pensamento racional, do *mýthos* para o *lógos*”. (MACIEL, 2003:14) A transformação da verdade em objeto de investigação do próprio pensamento é manifestada, agora, através de princípios lógicos e empíricos.

Ainda que os critérios de objetividade da ciência moderna - critérios matemáticos e experimentais - não nos autorizem a dizer que esses filósofos foram os primeiros cientistas de que temos notícia, sabemos que eles serão os primeiros a indagar a respeito das origens da natureza no mundo físico, dentro da própria Natureza afastando-se, assim, dos mitos da criação. (MACIEL, 1993:13) Ainda, a noção de verdade, neste caso, ainda não mantém relações com o caráter de representação da realidade, posto que ela diz

respeito a um confronto do *logos* com o mundo exterior.<sup>5</sup> A *palavra* se refere à ação, ao poder político, ao domínio, à gestão da cidade e à organização.

Das ações ordenadoras do Universo realizadas por um deus, ou por um rei, a explicação sobre essa ordem torna-se consequência das interrogações do próprio humano - do pensamento - no seio da própria Natureza.

Do mito à razão, nos indica Maciel, algo de original se estabelece, pois agora a Natureza deverá abranger não só “o princípio que explique a sua origem como também a substância que é fonte de tudo o que existe, e também a razão da separação, da geração, da transformação e da corrupção das coisas”. (MACIEL, 2003:37)

Mas, se existia ordem, harmonia e beleza na Natureza e se os homens faziam parte dessa organização, ainda que, ao mesmo tempo, nessa ordem da natureza coexistissem as transformações, os desmanchamentos e o fim das coisas, importava entender como tudo isso poderia funcionar. Haveria um responsável pela ordem? Deveria ser esse responsável, de natureza distinta a desse mundo ordenado? Tornava-se necessário estabelecer um princípio, um elemento ordenador que ultrapassasse as narrativas de origem expressas pelo mito.

Embora sem comprovações empíricas, nem verificações futuras, *na aurora da razão*, um modo de pensar se afirma através da liberdade de indagação e de resposta, transferindo ao Ocidente “a origem de uma grande aventura intelectual que culminou no advento da Ciência Moderna.” (MACIEL, 2003:143) É a emergência de um novo tipo de organização política que surge na Grécia, o chamado Estado democrático ou civilizado, produzido e, ao mesmo tempo, produtor de outras maneiras de viver, de conviver e de pensar. Entretanto, esse novo tipo de organização político-social vai coexistir com elementos do antigo Estado despótico e o discurso mítico será um desses elementos que possibilitará uma espécie de trânsito entre os dois tipos de produção sócio-política.

---

<sup>5</sup> Na Grécia pré-socrática, a palavra *logos* não dizia respeito a uma faculdade humana, mas designava um discurso sobre uma verdade racional como fundamento de todas as coisas. MACIEL JÚNIOR, A. in *Pré Socráticos: A invenção da Razão*. 2003.



Um gesto, acentua Deleuze (1988), marcará o mundo filosófico e extrafilosófico ocidental e, sem dúvida, ainda repercute nos dias de hoje: a tão conhecida cisão do mundo em dois. Trata-se da distinção que aparece no pensamento platônico entre um mundo ordenado, *habitat* das *Ideias* - composto por formas perfeitas e imutáveis - e um mundo dos sentidos, mundo impreciso e efêmero, inadequado para a prática de investigação. Porém, na base de sustentação desse gesto, vamos encontrar a reintrodução de uma figura mítica, de um deus organizador, um Artesão, uma mente divina - que não corresponde à figura de um deus sobre-humano, como aparece na mitologia Grega, nem à imagem de um deus criador, conforme conhecemos a partir da tradição judaico-cristã - um Demiurgo que surgirá, no universo do pensamento platônico, com a função de impor uma ordem ao mundo das formas. Essa entidade se ocupará do visível e privado de repouso e cujo movimento se dará contra as regras e de uma forma desordenada, conduzindo tudo “da desordem para a ordem, considerando que esta é de todas as maneiras melhor do que aquela”. (PLATÃO, 2003:68). E, a partir da perseverança da desordem, o Artesão decide copiar na matéria as *Ideias* imutáveis e perfeitas, gerando, assim, os objetos formadores da realidade.

Esse artífice divino é forjado como entidade capaz de colocar regra nos movimentos, nos deslocamentos e nas transformações da matéria, já que o mundo sensível seria incapaz de ordenar-se por si e de restituir uma ordem ideal que conduzisse ao bem e ao equilíbrio cósmico. Como na engenhosidade do pensamento platônico apenas a *Ideia* tem um sentido ontológico, pode existir enquanto realidade, permanecendo indiferente às mudanças, aos transtornos e à decomposição, a ordem da natureza é tomada como efeito do planejamento desta mente divina, deste artesão que vai conceber a vida como uma obra cujos elementos já tinham existência *a priori* e eterna.

A divindade arrebatava o mundo visível, errante e fortuito, e faz com que ele passe da desordem à ordem, tornando esta última uma *Ideia* superior. (PLATÃO, 2003:18) Depois de terminada a tarefa do artesão divino, ele se retira, deixando em seu lugar uma espécie de *gerente do mundo*,<sup>6</sup> responsável pela repetição dos ciclos e das formas em todos os seres. Mas, essa ‘criatura’

---

<sup>6</sup>ANTOUN H. *Deleuze*. Curso ministrado na UFRJ, 1992. RJ. Mimeo

entre a natureza divina e a humana, também, não consegue refrear as desavenças do mundo material desordenado, em constante e violento movimento ilimitado. E, na insistência para encontrar uma resposta a essa incessante e virtual ameaça, Platão propõe que sejam desterrados os seres da errância - o artista e o sofista - para fora do solo democrático da República, propondo, para exercer o poder de organizar o mundo imperfeito, a figura de um *filósofo-rei*, homem virtuoso e capaz de recuperar a semelhança no plano das *Ideias*.<sup>7</sup>

No ideário platônico, as *Ideias*, noções ou conceitos se encontram separadas do mundo sensível e conquistam sua superioridade à experimentação. Essências eternas, imitando o *logos* divino, expressando sentidos ideais, como única e perfeita realidade, idênticas a si mesmas, enquanto a vida, na sua precariedade, transforma-se e tudo aquilo que transfigura precisará ser explicado por uma causa. Daí, a importância da separação do verdadeiro e do falso, da operação de discriminação por meio do diálogo - que Deleuze (1988) vai denominar de dialética da rivalidade e não da contradição, como maneira de produzir distinção através da semelhança do mundo da imagem com o mundo das *Ideias*. Todos pretendem certas qualidades, importando, assim, “julgar a pertinência ou a legitimidade das pretensões”. (DELEUZE, 1988:154) Será o filósofo grego aquele que tornará livre de perigo a opinião dos homens propondo maneiras de regular a seleção entre os rivais.

O mito, neste caso, faz funcionar o princípio de identidade, enquanto o método da divisão faz funcionar o princípio de semelhança que, como observa Deleuze, não são opostos, mas se conjugam para criar a unidade do próprio método platônico.

Em *Ambiguidade do Platonismo*, uma das séries que compõe o texto *A Imagem do Pensamento*, Deleuze (1988) sublinha que é no solo do pensamento platônico que encontraremos o preparo da chamada imagem dogmática e

---

<sup>7</sup> Na *República* concebida por Platão, os governantes precisariam de uma educação especial para constituir a unidade maior dessa sociedade justa e perfeita, baseada na racionalidade. Seria o filósofo, já que estaria mais próximo das ideias eternas - do Bem e do Justo -, quem poderia conduzir a sociedade à ordem, ultrapassando a instabilidade dos sentimentos. PLATÃO, No Diálogo, *A República*.

moralizante do pensamento, submetendo o pensamento às formas de oposição no sensível, similitude na reminiscência, identidade na essência e analogia no Bem. Assim, observa Deleuze, “Platão prepara o mundo da representação, nele operando uma primeira distribuição dos elementos, e já recobre o exercício do pensamento com uma imagem dogmática que o pressupõe e o trai”. (DELEUZE, 1988: 235)

A rigor, segundo Maciel (1996), ainda não podemos falar de um pensamento representativo na filosofia platônica, porque a *Ideia*, em Platão, ainda não se refere a um conceito que represente genericamente as coisas do mundo. O processo do conhecimento, nesse momento, se realiza através da reconhecimento das *Ideias* imutáveis e eternas já vislumbradas pela alma antes mesmo de sua encarnação.<sup>8</sup> A noção de ordem, aqui estabelecida, diz respeito a uma ideia exterior à vida e, conforme a observação preciosa de Fuganti (2008), a própria vida seria ilusória, se não se deixasse regular e limitar por tal ordem.

Entretanto, o que mais nos interessa nesse gesto não é como bem o sabemos o fato de ele dar lugar à existência desse mundo imutável, perfeito, ordenado e eterno, mas, como nos ensina Deleuze (1988), é poder realizar uma apropriação oportuna da visibilidade que esse modo de pensar acabou conferindo à matéria imperfeita, errante, louca, que tanto se esforçava por ordenar através do pensamento. Deleuze (1988:123) afirma, num misto de ironia e rigor, que é o próprio Platão o primeiro a reverter o platonismo na medida que todo o esforço de sua obra se inclina sobre o precipício da matéria desordenada e enganadora, fonte do falso e do erro.

Porém, como a história se faz em ziguezague, por movimentos irregulares, vai emergir, no século IV aC, um modo de pensar que, posteriormente, será consolidado, a partir da chegada dos escritos aristotélicos ao Ocidente, no século XIII. Negando a realidade das *Ideias* e afirmando, em contrapartida, o real como um composto de indivíduos concretos que precisam ser investigados na esfera do próprio sensível. Nesta maneira de pensar, o interesse pela alma não é maior do que os interesses pela física e pela Natureza. O mundo passa a ser encarado como um conjunto

---

<sup>8</sup> Platão em *O mito da circulação das almas*, no diálogo *Fedro*.

ordenado com caráter de permanência cujo interesse volta-se para os existentes, para os objetos naturais, tornando possível a valorização das sensações e o surgimento de uma ciência voltada para este mundo sensível, para as coisas percebíveis.

Na denominação de Deleuze (1988), trata-se do advento da *imagem clássica do pensamento*, em que pensar torna-se sinônimo de conhecer e conhecer implicará representar a realidade. Nesta nova configuração, o pensamento é equivalente à representação das coisas do mundo e as palavras à significação dessas coisas que o pensamento representa. Conhecer, neste caso, é a passagem da coisa à palavra mediada pelo pensamento, da produção da noção de representação através dos órgãos, motivo que leva Deleuze (1990) a denominá-la *representação orgânica*, por ser mediada pelos órgãos dos sentidos e por conceber o próprio mundo como uma espécie de organismo. É a emergência de um pensamento a respeito do indivíduo e a partir dele, para extrair daí um saber universal, agora, não mais por contemplação, mas por abstração das semelhanças. Podemos dizer que é a fundação da psicologia, da consolidação da superioridade das representações mentais em relação ao corpo e da ideia de intencionalidade - de uma boa intenção - como garantia de uma razão universal e do bom sentido - o sentido comum - expresso pela linguagem cuja função será significar. Ao contrário do universo de referência platônico, no modo de pensar aristotélico, o inteligível “perde o estatuto de realidade e passa a existir na mente daquele que especula acerca do real”. (MACIEL, 1996:04)

Trata-se, usando os termos de Fuganti (2008), da produção do homem do bom senso que através do juízo, confere a si e ao mundo um caráter de permanência, julgando e classificando a multiplicidade “para reduzir suas diferenças acidentais à diferença específica e à identidade do gênero, isto é, para reduzi-las à unidade universal da razão” (FUGANTI, 2008:50). Dito de outro modo, refere-se à construção da identidade de um conceito por abstração das semelhanças e, conseqüentemente, da produção da noção de diferença apenas por oposição.

Conforme sublinha Maciel, a diferença, aqui, só será pensável, “quando mediada pela identidade de um conceito genérico. Neste caso, a diferença nunca é em si, mas sempre em algo”. (MACIEL, 1996:09).

Nessa perspectiva, que atravessou séculos, não coube lugar para o entendimento da diferença pela diferença, ou, ao modo de Deleuze (1988), não existiu lugar para a *Diferença Pura*, noção à que retornamos mais à frente nesse estudo.

Do século XII até o século XVI, a chamada ciência clássico-moderna adotará, como modelo, a ideia de que só seria possível fazer uma ciência do universal, e não do particular. O raciocínio lógico passa a funcionar como garantia de que os universais fossem apreendidos corretamente ou de que a operação intelectual não fosse enganada pela matéria e pelos sentidos. É a predominância de um método lógico cujo objetivo se baseia na demonstração de verdades universais e necessárias, assentado na investigação dos fenômenos naturais. A experiência - perspectiva que atravessava a obra aristotélica - vai manter-se no cenário da ciência, porém, como sublinha Martins (1999), dos embates entre as forças do pensamento aristotélico e o pensamento escolástico<sup>9</sup> resultam o enfraquecimento da prática e da observação, fazendo predominar a interpretação do uso da lógica como prova de veracidade, como dogma, como verdades incontestáveis e como possibilidade de alcançar leis universais e ideias válidas para todos.

#### **ADVERSIDADES DO PENSAMENTO CLASSICO-MODERNO.**

Quando Descartes, no século XVI, apresenta o *cogito*<sup>10</sup> por meio do procedimento que será conhecido como *dúvida metódica*, ele inicia suas *Meditações* duvidando da veracidade de todas as ideias que ele tem no

---

<sup>9</sup>A Escolástica, filosofia medieval de cunho cristão ensinada nas Universidades medievais européias, foi considerada um método que unia a fé cristã - como guardião dos valores espirituais e morais cristãos - e o pensamento racional. Como exemplo, podemos citar a obra de Tomás de Aquino.

<sup>10</sup> O argumento do *Cogito* é utilizado por Descartes em suas *Meditações Metafísicas* - primeira meditação - como tentativa de fundamentar sua Teoria do Conhecimento. Descartes pretendia chegar a um fundamento que fosse o mais verdadeiro possível. Para isso ele vai utilizar um artifício: o *Princípio da Dúvida*. DESCARTES, *Meditações*. Os Pensadores São Paulo: Nova Cultura, 1999 .

pensamento. Duvida da veracidade de suas ideias acerca do mundo, duvida das ideias que tem da matemática e da geometria, duvida de tudo para concluir que ele não pode duvidar de uma única coisa: de que ele duvida. Duvidando de tudo, Descartes irá concluir que ele pensa e que esta é uma ideia verdadeira - *penso na medida que duvido* - inferindo, assim, que o ato de pensar faz emergir um sujeito puro do pensamento: *sou na medida que penso*.

Esse sujeito será efeito de um ato. Mas esse ato de pensar estará ancorado na ideia da existência de um ser pensante e o pensamento como propriedade desse ser, como uma alma pensante, uma consciência de si. Este ideário racionalista não parte de qualquer evidência sensível ou empírica, ao contrário, o sensível e o empírico são entendidos como fonte de engano, de indicações confusas e obscuras e somente as ideias neste caso, entendidas como obras da razão, serão *claras e distintas*. Ideias que não se deixam misturar aos sentidos, já que o corpo se torna fonte de confusão, de ignorância e de obscuridade das próprias ideias.

Será a partir do século XVII - e da ascendência do método cartesiano que sintetizou os princípios do reducionismo, do mecanicismo e do racionalismo, quando o corpo passa a ser concebido como uma máquina, separado da razão - que poderá emergir, na história, um eu-pensante, considerado como o ordenador da natureza-objeto e, conseqüentemente, consolidar-se a ideia de que a espécie humana será a única capaz de conhecer, prever e conceber leis gerais em torno da busca da verdade e da ordenação da vida.

Não mais um deus ordenador, nem mesmo um filósofo-rei, mas a ascensão da razão, da separação definitiva entre o corpo e a mente e da crença de que o homem racional é o único capaz de, através do conhecimento, pôr ordem no mundo.

Martins (1999), citando um trecho célebre da introdução do *Ensaio Filosófico Sobre as Probabilidades*, escrito por Laplace,<sup>11</sup> sublinha o modo como o ideário da ciência moderna pode ser definido. Nos termos de

---

<sup>11</sup> Pierre Simon Laplace (Marquês Laplace), matemático, astrônomo e físico, francês, dedicou parte de sua vida aos estudos acerca da teoria das probabilidades.

Laplace, “a complexidade do mundo em contínuo devir pode e deve ser reduzida a leis pelas quais seus movimentos, complexos, podem ser tidos como mecânicos”. (MARTINS, 1999:30 )

As leis mecânicas, no ideário da ciência moderna, preconizado por Laplace, são as regras ocultas que ordenariam a natureza. Submetida às experiências, a natureza, analisada e ordenada pela razão humana, poderia “prever e portanto determinar, pela análise do presente e do passado, o que ocorrerá no futuro, conquanto que controle as variáveis presentes”. (MARTINS, 1999:30 ) Conforme observa Martins, a ciência moderna surge nesse embate entre a asseveração da experimentação - rompendo com diversos sentidos do mundo medieval - e a busca por verdades comprovadamente universais herdadas tanto do platonismo como do aristotelismo.

Se, do plano da natureza, a noção de ordem migrou para o plano das ideias em um mundo diferente do mundo real, no chamado mundo moderno, ela se deslocará para o interior do indivíduo como uma entidade própria da chamada Modernidade e correlata a uma produção discursiva. É a emergência de um sujeito, caracterizado pela consciência de si, pela responsabilidade de seus atos e por sua autonomia - marca do universo de referência kantiano - que marcará os séculos XVIII/ XIX, consolidando, assim, o par sujeito - objeto e a primazia do sujeito cognoscente ao objeto conhecido. É, propriamente, a emergência do sujeito moderno - indivíduo autônomo - capaz de, a partir do uso privado de sua razão saber obedecer e, ao mesmo tempo, como membro de uma comunidade racional, tornar-se capaz de realizar sua crítica, usar livre e publicamente sua razão, como exercício de liberdade e afirmação de um conhecimento verdadeiro.

Mas essa subjetividade livre, não mais submetida aos fenômenos naturais, continuará subjugada a um tipo de ordem, ainda que ela não seja a ordem da natureza. Torna-se conveniente aos seres racionais a ordenação de sua vida político-administrativa a partir do cumprimento de leis morais - dos imperativos da razão - com vistas a realizar sua condição de autonomia. (FIGUEIREDO, 2002) O conhecimento racional transforma-se na chave que abrirá as portas para o novo mundo e do expurgo das misturas e

apaziguamento das turbulências que vão atravessar os séculos XVIII e XIX, representando fonte de ameaça à estabilidade e à ordem político-social .

Se a produção da noção de ordem em suas diferentes modulações implicou classificação, análise e incorporação no discurso racional, a noção de desordem, que lhe é correlata, tornou-se atrelada à ideia de transtorno e de caos que, por definição, só poderia ser expressa, através de métodos estatísticos. Conhecer, sinônimo de representar, fugir do erro, ordenar, vai compreender o afastamento de tudo que representasse impedimento à ‘clareza’ do pensamento. No que se refere ao campo social, esta clareza de pensamento será referida a uma capacidade para, através dos princípios racionais, calcular, prever e ordenar os impulsos, fazer pactos e contratos a partir de um tecido social que será cortado ao meio, separando as turbulências - campo interno - da racionalidade social, campo externo.

No entanto, paradoxalmente, essa suposta noção contínua de ordem - que, no pensamento clássico, se afirmou, enquanto certeza absoluta, produzindo a promessa de que seria possível controlar tudo o que extravai - também, desvia ou desordena, enfrentando sua grande crise, deixando escapar que a busca incessante pelo preexistente, pela cópia, por algo a ser representado fora desse mundo, no próprio mundo ou mesmo no interior de um sujeito, em todos os casos, diz respeito a uma imagem a ordenar o fluxo do pensamento.

Evocando os termos nietzscheanos, os valores e a ordem estabelecida encontram nessas diferentes maneiras de pensar sua base de sustentação. É o que Gilles Deleuze nos faz ver em *Nietzsche e a Filosofia* (1976), quando nos apresenta as três teses nietzscheanas, identificadas como crítica a essa imagem dogmática do pensamento.

A primeira trata da ideia de que o pensador é aquele que ama a verdade e que possui formalmente essa verdade que constitui o pensamento - a verdade dos conceitos existentes *a priori* - bastando, então, pensar de forma verdadeira para pensar a verdade. A segunda diz respeito à ideia de que o pensamento é desviado sempre que dominado por forças estranhas ao próprio pensamento, como por exemplo, o corpo, as paixões e outros interesses sensíveis, levando o pensamento ao erro; e a terceira é a crença de



que nada será tão eficaz quanto um método, para que se torne possível pensar bem, pensar verdadeiramente. (DELEUZE, 1976:85)

Quantos problemas, dirá Nietzsche (2001), nos colocam essa vontade de verdade. Por trás de toda lógica ou da autonomia do pensamento, sempre estiveram presentes os valores. E, na investigação desses valores, Nietzsche entende que, dos pré-socráticos até o séc.IX, predominou um tipo de pensamento marcado pela interpretação socrático-platônica de mundo. Não sem um tom de ironia, Nietzsche dirá que o homem bom também quer ser verdadeiro e acredita na verdade de todas as coisas. Acredita na verdade do mundo, pois “que razão teria o mundo para o enganar? Transpõe portanto a sua própria tendência no mundo e acredita que relativamente a ele o mundo deve também ser verdadeiro”. (NIETZSCHE, 1999: 65)

A imagem clássica do pensamento, conforme sublinha Deleuze (1988), problematizando os postulados que sustentam a imagem dogmática do que seja pensar, conserva, como marca principal, esse sentido comum de que o pensamento é uma atividade natural e espontânea, que tem a posse do verdadeiro e quer, naturalmente, esse verdadeiro.

A chamada ideia dogmática do pensamento não diz respeito à existência de várias imagens possíveis do que seja pensar, mediante cada filosofia a ela correspondente. Ao contrário, o que aprendemos de mais valioso com Deleuze, em suas transversalizações nietzscheanas, é que há uma Imagem que se constituiu a partir de um pressuposto subjetivo da filosofia - de uma imagem pré-filosófica e natural, geral e moral - e que nos fez crer que o pensamento possui essa boa natureza. O pensador é um sujeito dotado de uma boa vontade, e só o Bem pode fundar a ligação do pensamento com o Verdadeiro. (DELEUZE, 1988)

Hoje, o mundo físico, biológico, humano e, principalmente se pretendemos pensar a inseparabilidade desses ‘mundos’, não mais obedecem às leis racionais. Não porque a história tenha-se tornado desobediente, mas porque a histórica crença na obediência que diz respeito a um tipo de produção de saber que se consolidou como geral e universal, não mais se sustenta.

Seria cabível dizer, por exemplo, que a história das ciências devesse implicar a retificação dos inúmeros enganos cometidos no passado, visando corrigi-los, com o intuito de alargar, cada vez mais, o conhecimento e produzir indagações, interrogações e desafios para cada verdade encontrada. Esta maneira de pensar a verdade e a ordem, denominada de um *Novo Espírito Científico*<sup>12</sup> ou de *construção do objeto científico*, inspirou diferentes pensadores contemporâneos, a partir do entendimento baseado na ideia de que a vida intelectual científica “move-se dialeticamente sobre este diferencial do conhecimento, na fronteira do desconhecido. A própria essência da reflexão é compreender que não se compreendera”. (BACHELARD, 2000:148) A ciência, neste caso, não se definiria apenas pela claridade da razão, mas pela obscuridade, pela ambiguidade e por sua relação com os equívocos que antecedem qualquer descoberta. Neste sentido, o ato de conhecer acarretaria, então, uma negação de antigos conhecimentos, revelando o caminho do progresso das ciências a partir da superação do que teria sido mal formulado, de uma espécie de contrariedade diante dos conhecimentos anteriores como movente do progresso científico.<sup>13</sup>

Neste caso, não poderíamos falar de precursores e sim dos cortes que fariam com que noções, utilizadas em um campo delimitado da ciência, pudessem migrar para outro campo do saber onde seu sentido e sua utilização fossem incomuns. Aqui, esboça-se a chamada *Reforma do Pensamento*, substituindo a lógica dicotômica, binária - do verdadeiro e do falso, do certo e do erro etc. - para seguir em direção à ideia de que a ciência e a história progridem a partir dos obstáculos, dos conflitos e das contrariedades.

Entretanto, esta lógica também não conseguiu operar um desvio em relação à marcha pela verdade, menos ainda, pela busca de uma coerência a partir de uma ordenação feita pela própria ciência. Trata-se de mudanças nos

---

<sup>12</sup> A obra de Gaston Bachelard é conhecida como dividida em duas: a obra diurna e a noturna. A obra diurna diz respeito aos seus estudos de epistemologia e história das ciências e a chamada faceta noturna é referida à sua expressão poética. *O Novo Espírito Científico*, escrito em 1934, é um esforço no sentido de fornecer um sentido filosófico à revolução científica promovida no início do século XX (1905) pela Teoria da Relatividade, formulada por A. Einstein.

<sup>13</sup> Gaston Bachelard divide três períodos na história do pensamento científico: um estado pré-científico, relacionado à antiguidade clássica, ao renascimento e aos séculos XVI a XVIII. O estado científico que iria do século XVIII ao início do século XX e o novo espírito científico, a partir da consolidação da teoria da Relatividade. Porém, para o autor, esses três períodos não são estanques e se atravessam o tempo todo.

conteúdos, de contestação de erros do passado ou do surgimento de novas, verdadeiras e definitivas mudanças científicas? Ou ainda, da elaboração de teorias mais brilhantes ou de uma mera substituição de paradigmas?

Se pensarmos na *incidência das interrupções*, conforme denomina Foucault (2008:89), por exemplo, diríamos que a função da própria ciência contemporânea seria a de nos conduzir ao ato de conhecer, através de uma recusa à pretensão de um saber linear e válido para todos. Entendimento de que toda história é produzida a partir de rupturas, de discontinuidades que inauguram os novos modos de pensar e de conceber o mundo tornando a produção de conhecimento - a produção dos saberes - uma questão ético-política. Nos termos de Foucault, “foi a noção de discontinuidade que mudou de estatuto”. (FOUCAULT, 2008:84)

Se, antes, o descontínuo era o que deveria ser submetido e suprimido pelo pensamento dogmático, para dar visibilidade ao contínuo, ao constante e à seriação das ideias, hoje, torna-se elemento fundamental, deixando de ser obstáculo para ser prática. (FOUCAULT, 2008)

Em sua *Arqueologia das ciências humanas*, ultrapassando o problema da crítica epistemológica das ciências, Foucault nos faz ver o quanto as chamadas ciências humanas surgem no universo de referência ocidental, quando o homem se constitui “como o que é necessário pensar e o que se deve saber”. (FOUCAULT, 2007:476) Evidentemente, observa Foucault, o surgimento dessas ciências encontra-se relacionado com uma problematização, com embaraços teórico-práticos; relaciona-se com as novas imposições da sociedade industrial sobre os indivíduos, fazendo surgir, no cenário do século XIX, por exemplo, a Psicologia, enquanto uma disciplina, do mesmo modo que as ameaças de desequilíbrio social instauradas desde a revolução francesa vão construindo uma reflexão sociológica. Porém, foi preciso que, pela primeira vez, o homem se transformasse em um objeto da ciência, em um acontecimento que se dá na ordem do saber.

Cada sociedade porta seu regime de verdade e seus mecanismos para determinar os enunciados verdadeiros e desconsiderar os falsos, para afirmar “a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o

encargo de dizer o que funciona como verdadeiro”. (FOUCAULT, 1979:12) Cada época se caracteriza por um tipo de configuração do saber, o que traça os caminhos do que pode ser pensado, dos modos como pode ser pensado e da ordem do pensamento. Em determinados momentos históricos, emergem mudanças repentinas, imprevisíveis que não estabelecem qualquer relação de continuidade ou de sucessão histórica. São modificações, sublinha Foucault (2008), nas regras de produção dos enunciados, aceitos como verdadeiros e como produção científica.

Foi possível aprender com Foucault que não há produção de verdade que não gere efeitos de poder e nem poder sem a produção de saberes que se imponham como verdadeiros. A continuidade das ideias não passa de um efeito de superfície, é o próprio modo de ser das coisas e da ordem dessas coisas que é alterado, distribuído e oferecido ao saber.

Muitos são os esforços que se voltam, hoje, para o fortalecimento dos chamados *saberes menores* diante de uma histórica coerção, de uma hierarquização científica e de todo tipo de produção de conhecimento e seus efeitos de poder. A ciência moderna - do mesmo modo que a filosofia e a arte - se faz a partir das modificações que desorganizam o próprio saber e tornam possível a emergência de um novo tipo de conhecimento bem como das maneiras de ser daquilo que se presta a saber. (FOUCAULT, 2007)

## **1.2. PENSAR ‘ESQUIZO’ E SUAS RELAÇÕES COM A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES.**

Testemunhamos um momento bastante importante baseado na construção de outros tipos de relação entre ciência, filosofia, arte, política etc. E, se isso nos interessa tanto, não é pela pretensão de construir uma espécie de ‘neo-reducionismo’ no que se refere aos estudos da subjetividade, ao contrário, é no sentido de ir produzindo uma malha que suporte uma perspectiva transversal do pensamento - o pensar, enquanto força desestabilizadora dos saberes tradicionalmente considerados responsáveis por

produzirem o discurso verdadeiro acerca da subjetividade -, arriscando construir estratégias no sentido de forçar o pensamento para longe de uma representação simplificada, universalista e totalitária da realidade, visando, com isso, construir reverberações nos modos de experimentar a prática clínica.

Quando Guattari desenvolveu a noção de transversalidade, no início dos anos sessenta, suas preocupações diziam respeito, principalmente, ao funcionamento institucional e à necessidade de construir operadores conceituais que ultrapassassem os clássicos sentidos verticais e horizontais pregnantes na hierarquia dos estabelecimentos de saúde, de educação, dentre outros. Porém, a força da noção de transversalidade nos possibilitou ir além, tornando compreensível o caráter heterogêneo e complexo da realidade. Este empenho se engendra no contemporâneo e nos implica a confrontação entre um ponto de vista estático de um mundo, submetido a leis deterministas e um mundo instável, incerto, heterogêneo e múltiplo.

Os processos no lugar dos fenômenos isolados, a incerteza ultrapassando o suposto equilíbrio, a complexidade extrapolando as restrições da simplificação.

O esforço na clínica não é diferente. Pensar as relações que configuram o exercício da clínica, hoje, convoca, necessariamente, esta perspectiva transversal de saberes e afazeres - já que não nos referimos apenas ao conhecimento formal - criando suportes para caminhos inusitados, tanto no que se refere ao percurso aberto por outras disciplinas quanto, pelos diferentes modos de saberes e afazeres que se entrecruzam alterando, deslocando, interferindo na construção dos nossas maneiras de viver.

Neste sentido, arriscar a composição, imagem do pensamento, suas relações com a produção de subjetividades e as reverberações dessas relações no plano da clínica é experimentar aproximações com os pontos de obscuridade e com os impasses dos nossos instrumentos de intervenção e análise, no sentido de construir um distanciamento do padrão cientificista e representacional - subordinado ao mercado *capitalístico*<sup>14</sup> - visando criar

---

<sup>14</sup> Félix Guattari, em *Revolução Molecular: pulsações políticas do Desejo*, considera que na base dos mecanismos de modelização acionados pelo capitalismo encontramos uma série de elementos sociais, tecnológicos, de mídia, pedagógicos etc. que nos moldam a serviço das

coragem para desviar o pensamento no sentido do que Guattari chamou de *paradigma da criação*. Um deslocamento radical no que se refere ao campo do conhecimento, já que, a partir desse desvio, conhecer torna-se sinônimo de criar.

Uma arriscada aposta cuja intenção é a de construir práticas político-subjetivas que, contrariando a clássica noção de paradigma, não se pretende exemplar, modelar. Ao contrário, aspira, a partir dessas composições heterogêneas, ativar o desejo de criar e os riscos de misturar.

#### ***INSTABILIDADE, IMPREVISIBILIDADE E INCERTEZAS.***

Ainda que por caminhos bem diferentes daqueles percorridos por Foucault, o percurso traçado por Isabelle Stengers - química, Doutora em Filosofia das Ciências e crítica a respeito dos rumos tomados pela ciência experimental - fortalece o entendimento da histórica relação hierárquica entre ciência e poder e suas relações com as chamadas ciências humanas. Partindo da ideia de que as diferentes relações de poder se entrecruzam, Stengers enfatiza a importância de não tornar essa vinculação uma relação de verdade, pois seria lançar mão do velho sentido unilateral do poder para tamponar as múltiplas relações de poder-saber que atravessam as ciências: seus deslocamentos, seus riscos, sua vulnerabilidade.

Tomando distância tanto daqueles que defendem, quanto dos que combatem uma especificidade das ciências experimentais, Stengers percorre um caminho singular que vai além de uma denúncia acerca de um poder unilateral da ciência. Criticando a clássica leitura sociológica e seguindo pistas deixadas por Deleuze & Guattari, Isabelle Stengers concebe a ciência como um plano de invenção, um plano de interpretação em que a hierarquia

---

funções produtivas e subjetivas pré-fixadas pelo mercado capitalístico. O sufixo “ístico” foi utilizado por Guattari para nos ajudar a entender o quanto o capitalismo tomou proporções muito maiores do que a de um regime econômico. O termo Capitalístico se refere a um tipo de produção político-subjetiva que atravessa todo e qualquer tipo de sociedade, todo e qualquer tipo de prática.

entre as ciências e os interesses ultrapassam os laboratórios, consolidando aquilo que é *científico* e rechaçando o que é considerado um *conhecimento menor*.

Compondo uma genealogia dos saberes científicos a partir do ponto de vista daquilo que eles negam, Stengers aponta para o fato de que aos chamados saberes científicos *menores* foi recusada, historicamente, a possibilidade de afirmar os fenômenos com os quais se envolvem. As chamadas ciências maiores tornaram indispensável a exigência da prova “para individuar os fenômenos a fim de separá-los do mundo, *purificando-os*, tomando em consideração seu lado abstrato e não sua relação com outros fenômenos”. (STENGERS, 2008)

É o que, desde *A Nova Aliança* (1991), em parceria com Ilya Prigogine, Stengers nos apresenta como proposta de uma *ciência aberta*, lançada para além do domínio da própria ciência e das restrições dos domínios das diferentes disciplinas, indicando que os problemas forjados pela complexidade em física ou em química podem ser úteis na problematização do objeto de estudo das ciências ditas humanas. Ao contrário da ideia de que a evolução da ciência se compara com a evolução das espécies, uma visão *arborescente* das disciplinas crescendo verticalmente e cada vez mais especializadas, Prigogine e Stengers vão propor “passar da imagem biológica à imagem geológica, porque aquilo que por nós foi descrito é antes da ordem do deslizamento que da mutação”. (PRIGOGINE e STENGERS, 1991: 219) Problemas negados ou negligenciados por determinadas disciplinas podem-se alastrar, interferindo em outras, forçando novos problemas, em outro campo sócio-político. Percurso *subterrâneo* e de *superfície*, que “parece manifestar o trabalho surdo de algumas questões que determinaram o estabelecimento de comunicação profunda para além da proliferação de disciplinas”. (PRIGOGINE e STENGERS, 1991: 219)

Contrariando a ideia de uma hierarquia necessária nas relações entre as práticas científicas, filosóficas e políticas, de um princípio de ordem entre essas práticas, Stengers propõe uma arte de combinar. Uma prática que

denomina de *phármakon*,<sup>15</sup> tomando o sentido tradicional do termo na medicina, como arte de dosar. Não pelo perigo das misturas, ao contrário, por uma arte de forçar combinações. De criar novas relações entre as práticas científicas e não científicas.

Desde Platão, diz Stengers, “os *pharmaka*, estas coisas perigosas que requerem uma arte da dosagem, têm sido desqualificados em benefício dos princípios que garantem o bem e a verdade”. (STENGERS, 2008) A arte da dosagem implica a conjugação de práticas científicas e não científicas, permitindo, ao contrário, a combinação de ideias e práticas para além das hierarquias científicas consideradas como naturais.

Trata-se de uma maneira insubordinada de pensar a antiga separação entre uma cultura científica e uma cultura das humanidades, entre uma maneira dogmática de pensar e uma outra possibilidade de conceber o pensamento. Sem dúvida, uma postura que se afirma, não somente no âmbito das ciências, sejam elas físicas, biológicas, exatas ou humanas. O que, nos termos de Prigogine, seria uma insistente aposta na criação de novas alianças entre homem, natureza, ciência, filosofia e arte. Uma maneira de pôr em xeque os pressupostos da ciência clássica que privilegiaram a ordem e a estabilidade, apontando para um futuro que reconhece a necessidade de superar estas fronteiras, criando operadores a partir da *instabilidade* e das *flutuações*.<sup>16</sup>

Prigogine (1996) assim como Stengers, sublinhava o quanto o mundo científico encontra-se em um momento crítico. Numa passagem de uma visão geométrica clássica para uma relação com a natureza onde o elemento narrativo torna-se essencial.

---

<sup>15</sup> Stengers toma de empréstimo o conceito de *phármakon* introduzido por Jacques Derrida em *A Farmácia de Platão* de 1997, texto que analisa a oposição que aparece no diálogo *Fedro* de Platão sobre fala/escrita. “A escritura como *pharmakon*, uma forma de dosagem da loucura”. Stengers vai usar o termo *phármakon* no seu sentido tradicional em medicina, como dosagem. Entrevista ao Jornal *Il Manifesto*, 2008.

<sup>16</sup> A perspectiva de Prigogine foi totalmente inovadora no âmbito da física ocidental. A descoberta de estruturas de não-equilíbrio, estruturas *dissipativas* e o papel das *flutuações* e da *instabilidade* colocaram em questão as noções de escolha, de liberdade e criatividade que não tinham expressão no mundo científico determinista. Vale ler “*O Fim das Certezas: tempo, caos e as leis da natureza*”. Ed. UNESP. São Paulo. 1996



No artigo denominado *Ciência numa era de transição*<sup>17</sup>, Prigogine (2009) insiste na ideia de que a natureza é criativa e de que ela nos fala a respeito de uma história. História em que ordem e a previsibilidade fazem parte de um ponto de vista determinístico que se desordenou fazendo ver que todos os campos do conhecimento passam, hoje, por uma transição e essa experiência crítica envolve o ultrapassamento da herança do pensamento clássico, no sentido da superação das fronteiras que dividiram e ainda dividem o campo científico do plano do pensamento, da política, da criação.

Quem teria pensado, diz Prigogine, que as partículas são instáveis e que o universo possui uma história? E ele segue observando: “Gosto de dizer que o universo é um narrador parecido com Sherazade, que conta uma história para logo se interromper e contar uma outra história.” (PRIGOGINE, 2003:50)

Ao contrário da termodinâmica clássica que associava equilíbrio à ordem e desequilíbrio à desordem, o pensamento se insurge contra essa equivalência tornando possível conceber um mundo irregular e não linear. Um caminho traçado a partir de um plano de incerteza, para além da clareza e da ordem.

Sem dúvida, esse é um empenho que se engendra, hoje, nos mais diversos campos do saber e se encontra pautado na confrontação de um ponto de vista estático, de um mundo submetido a leis deterministas e imutáveis com um mundo totalmente instável, em movimento, efetuado pelo acaso, pela incerteza e pela multiplicidade: são os processos no lugar dos fenômenos isolados, é a incerteza no lugar do equilíbrio, a complexidade no lugar da regularidade e da generalidade.



*Momento de contentamento...*

*Amostras de sangue retiradas de um povo - mais de duas mil amostras de sangue - “repousaram” nos centros de pesquisa das Universidades Americanas.*

*Agora, devolvidas. Dez anos depois, seriam devolvidas.*

---

<sup>17</sup> Artigo foi publicado no jornal El Pais, Madrid em 1996 e incluído no livro, *Ciência, Razão e Paixão*, S.P. 2009.

*Parece que os brancos, diz o líder lanomâmi, entenderam a importância da volta desse sangue.*

*Os cientistas não explicaram nada direito quando vieram colher o sangue dos lanomâmis, segue dizendo.*

*“Só deram presentes, panelas, facas, anzóis e falaram que era para coisa de saúde. Depois, todo mundo esqueceu”.*

*O sangue foi guardado nas geladeiras, como se fosse comida, observa...*

*A Tristeza tomou conta do lanomâmi quando ele entendeu que o sangue dos parentes mortos ainda estava repousando nas tais geladeiras.*

*Pensaram diz “que os lanomâmis poderiam ser tratados como crianças e que não teriam pensamento próprio”.*

*Na saída, além dos presentes pouco úteis, os cientistas também deixaram o “Toototobi” de sarampo.*

*Muita gente morreu...*

*A pergunta que poderia constranger:*

*Mas, realmente jogarão o sangue dos ianomâmis no rio?*

*A resposta que vivifica.*

*“Porque o nosso criador, Omama, pescou sua mulher, nossa mãe, no rio no primeiro tempo... Mas não gosto da palavra “jogar”, não vamos jogar o sangue dos nossos antigos; Vamos devolver para as águas”.*

*Mais uma pergunta:*

*Mas, e a importância desse estudo do sangue ianomâmi para a humanidade?*

*As críticas de setores da ciência?*

*Outra resposta que vivifica:*

*“A ciência não é um deus que sabe tudo para todos os povos.*

*Se querem pesquisar o sangue do povo deles, eles podem.*

*Quem decide se pesquisas são boas para nosso povo somos nós, lanomâmis”.*

*Fragmento 01*

Não são poucos os pensadores dedicados a problematizar uma nova aliança entre o chamado conhecimento humano e o denominado conhecimento científico, o que na perspectiva de Prigogine, por exemplo,

indicaria uma espécie de retomada da aliança rompida historicamente entre o homem e a natureza.

Todavia, em meio às transformações de um planeta que se reconfigura como um conjunto articulado e complexo, singular e incerto, aberto às possibilidades de misturas e à composição, um pensamento que se funda na diversidade, na irregularidade e na criação, cabe interrogar: Quais são os tipos de reapropriações dessa desconfiguração - ou dessa reconfiguração - da ordem na contemporaneidade?

Quais são seus efeitos na produção de subjetividades e que tipos de enfrentamento essas reverberações arrastam para o plano da clínica?

#### **REVIRAVOLTAS DO/NO CONTEMPORÂNEO.**

Se o caos, enquanto dimensão, comporta a complexidade, ou seja, caos e complexidade se transpassam, se atravessam, Sherazade<sup>18</sup>, hoje, já pode contar muitas histórias acerca de um mundo onde os homens não possuem mais territórios precisos, habitam uma espécie de errância generalizada. Sherazade pode nos apresentar um tipo de mundo, onde não faz mais sentido polarizar a própria relação ‘ordem-desordem’ como duas forças antagônicas operando no fundo dos acontecimentos. Ao contrário, esse é o próprio processo de produção dos acontecimentos, em que essas duas forças se cruzam de maneira agonística criando uma espécie de zona indiscernível, um meio.

A concepção de ordem - com suas múltiplas modulações - tornou-se cada vez mais complexa, enfraquecendo, assim, seu caráter absoluto, eterno e dogmático, possibilitando ao caos- ou à ‘desordem’ - transitar nesse mundo com menos pudor. Perturbando muitos, contentando outros, as redefinições do universo de referência dos diferentes saberes no contemporâneo já não comportam mais a ideia de caos como um negativo da ordem.

---

<sup>18</sup> Em alusão ao belo comentário de Ilya Prigogine, referido na pg. 26 do nosso estudo e extraído do artigo *O Fim da Certeza* em que Prigogine observa que a história do mundo pode ser pensada como uma narrativa. Como as histórias contadas por Sherazade em *Às mil e uma Noites*. Texto publicado In: Mendes, C. (Org.) *Representação e Complexidade*. RJ. Garamond, 2003.

Agora, precisamos encarar o caos como uma dimensão. Uma dimensão geradora da própria processualidade da vida, um movimento de desorganização das antigas ordens vigentes e de produção de outras configurações imprevisíveis. Nosso aparato mental já não pode ser mais considerado o reflexo de uma natureza pré-existente já que a vida passou a ser compreendida como um ilimitado processo de conhecimento, o que implica, também, um processo ilimitado de modificações, de combinações e de formas de organização.

Entretanto, toda essa fabulosa ‘contação de histórias’ seria convertida em artimanha se nos distraísse ou nos anestesiasse diante das interferências político-subjetivas que atravessaram as relações de saber-poder no chamado mundo moderno, a partir da emergência do regime de produção capitalista desde a sua primeira versão européia, consolidada após a Revolução Industrial - sua permanente variação - e, especialmente em sua forma atual: complexificada, fluída e ‘desordenada’.

Que outras composições enredam a produção de conhecimento em todos os níveis bem como as nossas maneiras de viver e de construir formas de resistência aos inúmeros equipamentos de moldagem - objetiva e subjetiva - a essa outra imagem - outro tipo de ordem - do capital?

Perguntas que precisam servir como elemento de passagem para as interferências daquilo que Deleuze (1988) nomeia uma outra *imagem do pensamento*, ou mais precisamente, *um pensamento sem imagem*, suas relações com a produção de subjetividades na contemporaneidade, os enlaces e os embates do ‘pensar de outra maneira’ e as práticas de enfrentamento a essa nova modalidade de mercado político-subjetivo.

Guattari já anunciava o quanto a ordem que ele denominou de capitalística, para além das alterações dos processos de produção material e social, passou a fazer parte da produção das relações humanas, de nossas produções inconscientes, de nossos diferentes modos de viver. Essa ordem capitalística, além de fabricar a relação com a produção material, passou a fabricar outras relações “com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro - em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo

mesmo.” (GUATTARI e ROLNIK. 1986:42) E segue ‘dizendo’ que há uma espécie de ilusão que nos faz crer que essa é a ordem do mundo e que não poderia ser modificada sem com isso comprometer a organização da própria vida.

Daí, Guattari conceber a existência de um mercado subjetivo que alinhava todo o planeta, uma *rede tentacular* dos equipamentos capitalísticos. (GUATTARI, 1986:203). Uma política de subjetivação que ocupa, hoje, uma função de destaque e que nos move em direção a caminhos ainda desconhecidos, a zonas obscuras. O Capitalismo, conforme observou Guattari, tornou-se mundial e integrado, propagando-se por todo o planeta, penetrando, com virulência, os países que, por algum tempo, imaginamos que pudessem estar livres de sua ação predatória, como no caso do bloco soviético e da China. (GUATTARI, 1985)

Pensando assim, quando mencionamos *subjetividade contemporânea*, nos referimos a um tipo de produção cujos principais efeitos no mundo capitalista foram a instalação e a cristalização de séries individualizadas, indivíduos semelhantes ou comparáveis a partir da produção de padrões universais - modelos, consensos subjetivos - de ordenação, e regulação dos indivíduos, padronizando pensamentos, afetos, e ações. O predomínio e a propagação do capitalismo produziram um tipo hegemônico de subjetividade, na qual os sentidos e valores foram convertidos em fenômenos totalitários, globalizados, de massificação.

Nenhum modo de pensar e agir - seja no âmbito científico, filosófico, político-subjetivo, seja nos modos mais simples de viver - se tornou imune aos efeitos transversos do capitalismo.

Mais ainda, o capitalismo, em suas modulações, conforme sublinha Deleuze (2000), deixou de ser concebido como um regime de concentração, voltado para a produção e para a propriedade, como no caso do século XIX. Em sua versão atual, ele se dirige para o produto - para o mercado - passando a ser volátil, dispersivo, desordenado em relação à sua antiga versão acumulativa. Seu funcionamento, agora, impõe circuitos abertos, virtuais, não fixados, transitórios.

Já não se trata mais de homens enclausurados, diz Deleuze (2000), mas da fabricação de homens endividados. É verdade que o capitalismo mantém uma constante: a miséria de parte da humanidade, pobre demais para endividar-se e numerosa demais para ser confinada. (DELEUZE, 2000:224). Partindo da pesquisa impecável de Michel Foucault acerca das sociedades disciplinares, Deleuze (2000), no Post-Scriptum *Sobre as sociedades de controle*, destaca que estaríamos ‘deixando para trás’ o funcionamento disciplinar que, conforme análise foucaultiana, encontrou seu ápice no início do século XX, sofrendo um processo de transformação a partir, principalmente, da Segunda Guerra Mundial.

Os novos procedimentos que configuram o tipo de sociedade atual são efetuados através do controle contínuo, pela comunicação instantânea, por outras maneiras de produzir penalidades ou recompensas que hoje, incidem muito mais sobre o tempo do que sobre o espaço, como era o caso do regime disciplinar. Esse tipo de mercado subjetivo transpassa o modo de vida contemporâneo, colocando em ação uma rede de equipamentos que produz, difunde e dá sustentação ao mercado capitalístico cujo principal efeito é o incentivo ao consumo passivo - de representações, de imagens estereotipadas, de produtos - e a neutralização dos processos de resistência a este mercado.

Guattari já observava que seria necessário construir outras vias de acesso aos processos de transformação, que seria vital inventar outros “modos de sensibilidade, de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular” (GUATTARI E ROLNIK, 1986:17) espreitar as condições de enfrentamento a essa rede de equipamentos de controle contínuo e sua eficiência para conjurar relações inventivas, forjar maneiras de rebater os afrontamentos político-subjetivos que não são mais restritos a uma ordem econômica, mas circulam entre os diferentes modos de viver.

Experiência desestabilizadora, como sublinham Passos e Benevides, seguindo trilhas delineadas por Foucault. Experiência do/no contemporâneo que se desvia do conjunto dos fatos que nos tornam *figuras da história*.

“ O contemporâneo, portanto, nos põe sempre numa situação crítica, tomada aqui em sua dupla acepção: exercício crítico do instituído e experiência de crise”. (PASSOS E BENEVIDES, 2001:90)

Levar em conta essa dimensão crítica diz respeito ao desafio de fazer com que algo do plano sensível - plano das ‘desordens’, do informe, plano ‘esquizo’ - se torne vivível. Implica, fundamentalmente, forçar o pensamento no que ele pode, enquanto suporte à experiência de diferenciação, de desestabilização das formas em vigor, auxiliando-nos na criação de sentidos-desalinhados em relação ao mercado subjetivo e que sirvam como suporte para as perturbações e os incômodos gerados na passagem do que se vamos deixando de ser para o que ainda estamos em vias de nos tornar.

Nos termos de Gilles Deleuze (1988), seria preciso que o pensamento pudesse pensar diferente. Uma *diferença pura*, diz Deleuze (1988), conforme observamos, que não se dá por representações imagéticas, genéricas, nem por comparação dos semelhantes. Pensar o irrepresentável, experimentar - corpo e linguagem - relações que ultrapassem o meramente significativo para que se esbocem fragmentos expressivos.

Sendo assim, se aprendemos, a partir da tradição ocidental moderna, que um método - *methodos, met' hodos* -, literalmente, significa um caminho para chegar a um fim, cabe interrogarmos se, ainda nos interessa esse modo de conhecer, já que fomos impelidos a abandonar a ideia de que o pensamento se dá a partir de uma trajetória reta que tem um início em um ponto de partida bem circunscrito e uma pretensão, a de alcançar um ponto determinado de chegada: uma verdade.

Aqui, essa força propulsora é uma imposição que emerge da própria prática clínica, pois é no plano da experimentação clínica, atravessado por diversos outros campos do saber investidos na reorientação do que seja o pensamento, que a busca pela verdade mostrou-se inadequada, insuficiente e empobrecedora evidenciando, assim, a importância do primado do caminho em relação à meta, reversão denominada por Passos e Benevides de *hódos-meta*. (PASSOS E BENEVIDES 2009:17) O caminho, funcionando como plano de consistência para a invenção de direções e, ao mesmo tempo, como acolhimento de ‘mundos’ diversos. Nesse caminho, teoria e prática, sujeito e

objeto tornam-se efeitos de um mesmo plano, o plano da experiência ou ainda, como estaremos denominando em nosso estudo, plano de experimentação.

Entretanto, tal afirmação nos coloca diante de um constante desafio: o de podermos tornar dizível esse conjunto de redefinições de sentidos e valores que sustentam os estudos da subjetividade na contemporaneidade e as interferências dessas reorientações na prática clínica, tal como temos procurado exercê-la. Indica a importância de um reposicionando na maneira como se concebeu classicamente a função do pensamento - como aquisição e acumulação de conhecimento - fazendo e desfazendo a própria realidade como modo de insistir na criação de outras maneiras de viver.

Nos termos de Guattari, esse reposicionamento diz respeito à criação de um mundo que “só se constitui com a condição de ser habitado por um ponto umbilical de desconstrução, de destotalização e de desterritorialização, a partir do qual se encarna uma posicionalidade subjetiva”. (GUATTARI, 1992:102) Por outro lado, essa *posicionalidade subjetiva* de que nos fala Guattari diz respeito a um incerto e insistente processo de experimentação. De invenção de meios que suportem os lampejos criadores que emergem dos transtornos, dos estranhamentos, das intensidades, das discontinuidades e rupturas com antigas maneiras de pensar e viver. Estratégias de produção de modos de pensar/agir, a partir das modificações, dos acontecimentos extraordinários, das crises que colocam em xeque todas as expectativas de permanência, lançando, por exemplo, um modo de vida para fora de sua suposta ordenação, para o imprevisível das linhas de desvio, para pontos de rachadura, de volta a uma espécie de periferia “esquizo” de dissociação e, ao mesmo tempo, de possibilidade de criação de mundos.

Uma *Caosmose* (GUATTARI, 1992), cuja dimensão é um complexo de entidades virtuais e de diferenças que, em nada sugerem simplificação e menos ainda, universalidade. Uma organização própria a um caos - cosmo; uma passagem permanente do caos à complexidade e vice-versa; uma osmose, produtora de organização objetiva e subjetiva, mutante, com suas inúmeras bifurcações.



Trata-se de uma perspectiva ‘*esquizo*’ do pensamento, forçando a passagem de uma problematização ‘*esquizo*’ dos modos de subjetivação e, ao mesmo tempo, de uma análise ‘*esquizo*’ dos diferentes efeitos desses modos na experimentação clínica.

Quando falamos de uma perspectiva ‘*esquizo*’ do pensamento, nos referimos à ideia de que o pensar se efetua através de uma “encruzilhada de processos” (GUATTARI e ROLNIK, 2008: 383) sendo lançado, deste modo, para um além do seu tempo. O pensar como intempestivo, expressão de uma paisagem, maneira de desfazer e restituir territórios, efetuando-se por composição, para além de uma forma prévia ou de um modelo: o que Deleuze (1988) denominou de um *pensamento sem imagem*.

Uma análise ‘*esquizo*’ da realidade, conforme entendemos a proposta reafirmada por Deleuze & Guattari ao longo de sua obra, implicando pôr em análise os modos de atravessar essa encruzilhada entre diferentes maneiras de apreender um problema. Pensar, neste caso, já não dirá mais respeito ao ato de conhecer a partir das regularidades, do esquadrinhamento e da ordem que dominaram o chamado pensamento moderno, em especial, o pensamento acerca da concepção de sujeito e seus efeitos na contemporaneidade, mas à constituição do ato de criar, privilegiando a experiência com a desmedida, o desalinho, a ‘desordem’, os fragmentos.

No nosso caso, essa análise impôs três direções: pôr em questão um modo hegemônico de operar o pensamento, as relações entre este modo de pensar e a produção de subjetividades e os efeitos dessa produção na prática clínica. Conjugação que nos arrasta para o reposicionamento diante da ideia do que seja pensar, da interferência desse pensar na criação de maneiras de viver e da construção de planos de experimentação e não de reflexão ou de representação da realidade objetiva ou subjetiva, forçando a passagem de outros problemas para o plano da clínica.

Uma perspectiva ‘*esquizo*’ da realidade, uma perspectiva ‘*esquizo*’ da subjetividade, uma “*esquizoanálise*” no que se refere a uma clínica dos modos de subjetivação.

Nestes termos, como conceber o sujeito como uma entidade individual, ou mesmo, como uma entidade social dada de antemão?

Guattari (2008) respondeu a esta pergunta nos oferecendo um conceito-ferramenta de grande valia e risco, qual seja o de *agenciamento coletivo*, esgarçando as noções de estrutura e de sistema até que ficassem puídas, fazendo ver a composição dos componentes múltiplos e heterogêneos que conjugados, inventam maneiras de pensar e de viver: produzem subjetividades. Outra relação com o pensamento, com a criação de modos de vida, a partir de um tempo que divide e desagrega, um tempo não linear, fora dos trilhos.

Dizer isto é admitir que a prática clínica tem muito mais a ver com quebra e criação de sentidos do que com o alcance de verdades, com irregularidades mais que com linearidades, com arranjos e desarranjos e com processos cada vez mais distantes de qualquer certeza e de qualquer ordem, diz respeito a processos de diferenciação.

Mas, para que isso não seja apenas um dos efeitos especiais de um sofisticado mercado do pensamento, torna-se necessário, sobretudo, interrogar até que ponto é possível romper com a própria história da clínica? Até que ponto, como interroga Pelbart, é possível que alguma reviravolta seja conspirada em “pequenos laboratórios, na cabeça e na prática de alguns poucos desvairados, na mais microscópica das agitações”? (PELBART, 1993:26) Sigamos intrigados, errantes...

## II. EXPRESSIVIDADES E EXPERIMENTAÇÃO CLÍNICA

### PASSAGEM 2.

Podemos arriscar uma segunda passagem. A pretensão, agora, será a de que ela nos leve mais adiante e - ao mesmo tempo - nos arraste de volta, diferentes, no rumo da nossa problematização.

Vamos nos embrenhar, um pouco mais, nos caminhos sinuosos do ensaio de Laymert Santos (1989), em seus embates com *a Experiência da Agonia*, já que, em nosso estudo, a experiência do *Dizer* vai ganhando um sentido que podemos chamar de uma ‘agonia da experiência,’ ou, nos termos em que estamos trabalhando, uma agonia própria à experimentação.

Produzir um dizível acerca da experimentação clínica - nosso problema em destaque - é, utilizando os termos de Santos (1989:14) em relação à experiência do *Dizer*, assumir a solidão, a dissociação do que parecia unido, o indivisível. É uma “declaração de guerra aberta à morte em vida”.

Muitos séculos, diz Santos (1989:14), foram necessários para produzir a servidão e transformar as forças da morte em vida. “Morte e vida, morte em vida, carne e osso. São elas que fazem da vida um osso duro de ser roído. Vida corroída”. (...) Entretanto, o *Dizer* irrompe como maneira de produzir uma espécie de *densidade ao silêncio*, na maneira de dizer do autor, selando a comunhão espírito-corpo, para, com isso, enfraquecer as forças da morte em vida, até que elas percam a respiração. Daí, esta força do *Dizer* emergir como uma guerra à corrosão dos modos de vida, arriscando sustentar “outros ritmos, outros movimentos, outras intensidades, rebeldes à voz morta. Tremor, dor, horror, esplendor, pavor, amor. No fundo do labirinto.” (SANTOS, 1989:14)

Com a ambiência de mais essa amálgama construída com a ajuda da literatura de Laymert Santos, vamos seguindo, pretendendo ganhar um pouco mais de força, para podermos *dizer* da agonia própria à experiência de ir construindo um ‘modo-tese’ - mais que uma ‘forma-tese’ -, já que esta

experimentação se encontra, no nosso caso, inseparável da construção de um plano de dizibilidade acerca de algo que, na maioria das vezes, parece sufocado no meio dos pensamentos retos: os feixes expressivos que emergem na experimentação clínica.

Falamos de movimentos, de saídas disruptivas, de caminhos silenciosos e imprecisos, dos combates sofridos, dos enfrentamentos às diferentes formas de constrangimentos, lutas ferrenhas ou arrefecidas, nem sempre bem sucedidas, contra as tiranias que consolidam as obsessões, os ritos e comandos, os medos desmedidos na relação de enfrentamento da vida em sua diferença, nos seus tortuosos processos de criação. Processos que incluem as desavenças e/ou as composições com todos os outros processos de produção: social, material, afetivo etc. Tudo isso e muito mais, desencadeado, compartilhado e, muitas vezes, degradingolado, no percurso desse outro processo irregular que denominamos, aqui, experimentação clínica. É fundamental, portanto, insistir que, quando falamos em experimentação, nos referimos aos diferentes modos de produção de realidade, a maneiras de fazer e desfazer modos de vida, aos esforços para modificá-los para fazê-los diferir.

Aproveitemos, aqui, a inspiração do diretor teatral Luiz Carlos Garrocho, quando, a partir do performático Richard Schechmer, desloca a noção de experimental, forçando-a a sair de seu significado clássico - enquanto um método científico de classificação dos fenômenos, a partir da observação -, para ganhar um sentido que eles denominam de “*ex-peril*: o que sai do perímetro e se aventura ao desconhecido”.<sup>19</sup> (GARROCHO: 2007)

No que se refere à prática clínica, essa experimentação - seja verbal ou não verbal, individual ou grupal - produz efeito de análise quando gera desconexão, disjunção de sentidos e valores, saída de um perímetro, porém, ao mesmo tempo, quando pode produzir engendramento de condições para sustentar um trânsito rumo ao insólito. Falamos dos riscos inevitáveis de aproximação e objeção com o que denominamos, no primeiro plano desse

---

<sup>19</sup> Luiz C. Garrocho é pesquisador e professor nas áreas de criação cênica, filosofia, arte-educação e gestão cultural. Todo o seu trabalho é atravessado pela filosofia da diferença, uma perspectiva micropolítica e, como o próprio Garrocho denomina, uma militância estética e cultural.

estudo, em acordo com Deleuze & Guattari, de uma zona de indeterminação - *zona esquizo* - entre um passado que já não pode mais ser sustentado, um presente vivido ainda como informe, desordenado, muitas vezes, desmoronado e um futuro impreciso.

Entretanto, para dizermos a respeito desse contato com tais zonas de indeterminação, é preciso que uma pergunta, ainda que sob diferentes maneiras, nos acompanhe e se mantenha por todo o percurso desse trabalho: Até que ponto, para usar a ênfase de Pelbart (1993), a clínica suporta sua precariedade intrínseca? Noutros termos, para manter nossa afinidade com o problema do pensamento, conforme proposto por Deleuze (1988): Até que ponto suportamos o exercício de uma clínica sem imagem?

Deixemos guardadas, mas não aquietadas, essas interrogações e sigamos o rumo da nossa agitação que, no sentido atribuído às águas, vai repetir de maneira turbulenta ou mansa, diferentemente, suas ondulações no esforço de avançar na perspectiva do cofuncionamento, pensamento, produção de subjetividade e criação de um plano de Expressividades na clínica.

## 2.1. EXPRESSIVIDADES

O entendimento mais comum que encontramos do que seja a noção de expressão refere-se a tudo aquilo que demonstra uma emoção, um sentimento a partir de formas voluntárias ou não, aparentes no corpo: a expressividade do olhar, do andar, de uma voz, de um rosto etc. Geralmente, a noção de expressão encontra-se relacionada à ideia de criações simbólicas que fariam chegar à superfície níveis mais profundos do psiquismo, através das artes plásticas, da literatura, do teatro, cinema, da dança entre outras, deixando vir à tona algo interior.

Expressar, ao longo de suas modulações históricas, também se referiu à possibilidade de manifestação de um caráter mais pessoal e intuitivo daquele

que explicita um sentimento interno, ou seja, sua expressão, diante de uma realidade formal, sua impressão.

Conforme apresenta Murilo Castro, em seu *Vocabulário de Filosofia* (2010), as diferentes formas de expressão desde a antiguidade tiveram uma grande importância, pois se referiam às maneiras de fazer funcionar a relação entre o corpo e a alma, entre o individual e o social e, a partir do mundo moderno, dirão respeito às manifestações de experiências internas para a exterioridade. Castro observa, ainda, que, no século XVIII, vários filósofos, escritores e artistas, como Engels e Goethe por exemplo, se interessaram fortemente pela teoria da expressão ou *fisiognomia*.<sup>20</sup> Tais estudos baseados no desvelamento de um estado interior, muitas vezes, se relacionavam à análise do caráter das pessoas pela fisionomia, interpretada como expressão sensível e simbólica do psiquismo através do corpo.

Não seria equivocado dizer que, desde Platão, para a maioria dos filósofos até o século XIX, o tema da expressão vai aparecer como um problema central em suas obras, e ainda que sob diferentes perspectivas, guardando um elemento comum, a distinção feita entre a ideia, ou conteúdo e a forma, ou expressão. Isto implicando sempre uma relação de identificação ou de semelhança entre o conteúdo e a expressão, entre a ideia e a forma ou, podemos dizer em uma perspectiva mais contemporânea, entre o pensamento e o corpo.

Será a partir do século XVIII que a noção de forma - ou expressão - começará a ser valorizada nas artes plásticas, na literatura, na música etc., não mais como reprodução ou identificação, mas como efeito de um tipo de criação. Na literatura, por exemplo, convencionou-se opor conteúdo à forma, identificando como forma, o externo de uma obra: sua expressão. É a perspectiva do expressionismo, por exemplo, surgido no início do século XX, na Alemanha, e propagado como um movimento vanguardista que se caracterizou por sua composição heterogênea, por uma atitude, uma maneira de entender a arte e a vida, aglutinando pessoas de características intelectuais diversas, surgindo como uma reação ao impressionismo, movimento que data do final do século XIX, cujas bases eram naturalistas, e

---

<sup>20</sup> *Vocabulário de Filosofia*. Murilo Cardoso de Castro. <http://www.filosofia.bem-vindo.net>. 2010.

se caracterizava pelas impressões visuais das formas e suas variações a partir da incidência da luz.

A força do expressionismo encontrava-se na defesa da possibilidade das artes possuírem um caráter mais pessoal e intuitivo - o excesso de cores, o inesperado e distorcido - como manifestação interior do artista - sua expressão - diante da realidade formal - sua impressão.

Porém, já na segunda metade do século XVII, vai aparecer uma descontinuidade que arrasta o sentido da noção de expressão para a proximidade de uma manifestação por si mesma, livre de qualquer identificação a ideias perfeitas ou habitadas em outro plano para além do plano da existência. Este entendimento emerge, sem dúvida, como um combate, uma contraposição à perspectiva dominante desde o platonismo, que conforme observamos, marcava a distinção entre a essência ou ideias eternas e a aparência vinculada sempre ao mundo efêmero dos corpos.

Espinosa, no século XVII, posteriormente, Nietzsche, no século XIX, foram os filósofos que imprimiram os cortes mais decisivos nessa herança platônica, dicotômica e transcendente a respeito da relação 'ideia-corpo', produzindo os elementos necessários para um reposicionamento da noção de expressão - especialmente, no caso da filosofia de Espinosa<sup>21</sup> - que vai reaparecer no século XX, nas composições com a obra de Deleuze & Guattari arrastadas, no caso de nossas investidas, para a ambiência da clínica.

Não será por acaso que, quando entramos em contato com a filosofia de Gilles Deleuze e suas conjugações com o pensamento de Félix Guattari, algo de novo e desconcertante acontece. Fortemente inspirados pela filosofia de Espinosa e Nietzsche, dentre outras, também vão pôr em xeque a velha conhecida distinção entre essência e aparência - ou seja, a antiga hierarquia da essência sobre a aparência e da analogia da aparência em relação à essência - nos ajudando a conceber o sentido de expressividade que traçamos, aqui, como indissociável das noções de diferenciação e de criação, bem como,

---

<sup>21</sup> Como observa Lins (2009), não há em Espinosa nenhuma definição ou demonstração explícita da categoria de expressão. Porém, esse será para Deleuze, um conceito operador. Daí Deleuze denominar a filosofia espinosista de uma *Filosofia Prática* pois ela exprime. Tudo nela exprime. Espinosa ultrapassa a concepção representativa para situar a noção de expressão em um plano de produção.

dar dizibilidade à importância da dimensão ético-política que a noção de expressividade pode envolver quando pensada a partir de uma manifestação por si. Livre do domínio das identidades, do submetimento às estruturas, livre do predomínio das determinações de causas externas à experiência, livre da separação entre o pensamento e o corpo.

Mas esta afirmação ainda é vaga e surge como uma incontinência de sentimentos, frágil para sustentar o nosso problema de que a prática clínica, no contemporâneo, é sinônima de criação de suportes à produção de um plano político-expressivo.

De uma maneira ainda preliminar, diremos que, rompendo com a hierarquia ou privilégio entre o conteúdo e a expressão mais ainda, contrariando qualquer relação de identidade ou de correspondência entre eles, Deleuze & Guattari afirmaram que “entre o conteúdo e a expressão nunca há correspondência ou conformidade, mas apenas isomorfismo com pressuposição recíproca”. (DELEUZE & GUATTARI, 1995:58). Isto implica dizer que conteúdo e expressão são entendidos como dois planos independentes e distintos não sendo atribuída à expressão uma função representativa do conteúdo, ao contrário, cabendo à expressão manifestar rupturas, desvios, ranger as formas e desinvestir a linguagem de seu caráter universal ou geral,<sup>22</sup> reinventando conteúdos.

Trata-se da possibilidade de pensar em arranjos de expressões, inseparáveis de arranjos de conteúdos que são, ao mesmo tempo, independentes, porém, inteiramente relacionados. Esses arranjos que se formalizam - processo de criação de formas - remetem a configurações que não são exclusivamente, prioritariamente, orgânicas, lógicas ou linguísticas.

Essa dupla articulação torna conteúdo e expressão duas formas irreduzíveis que se desdobram em duas direções: uma que diz respeito ao visível das matérias e outra que se refere aos enunciados. Poderíamos dizer, nos termos de Foucault, que se trata de uma formação discursiva e outra não

---

<sup>22</sup> Deleuze & Guattari tomam como referência a concepção do linguista Louis Hjelmslev que abandona o domínio da transcendência para pensar a linguagem através de uma espécie de solidariedade entre expressão e conteúdo em oposição à linguística saussuriana, cuja base é o par significante/significado. Deleuze & Guattari encontram, na obra de Hjelmslev, elementos que conectados com a perspectiva espinosista produzirão um desvio na teoria da linguagem. Vale ler em *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. (DELEUZE & GUATTARI, 1976)



discursiva, regiões visíveis e regiões dizíveis, ou ainda, de conteúdos e expressões. Porém, o conteúdo não se confundirá com o significado, nem a expressão com um significante. Mais ainda, acompanhando os passos de Deleuze & Guattari, entendemos que todo tipo de produção possuirá uma espécie de unidade mínima, entretanto, esta unidade nem estará referida a um sujeito - enquanto sujeito de enunciação - nem a um objeto, enquanto sujeito do enunciado, também não dirá respeito aos corpos ordenados.

Essa unidade mínima será concebida enquanto *agenciamento*. (DELEUZE & GUATTARI, 2008), enquanto conjunto complexo de relações materiais e de um regime de signos independente, porém, correlativos. Conforme sublinha François Zourabichvili em seu *O vocabulário de Deleuze* (2009), os dois polos do conceito de agenciamento “não são, portanto, o coletivo e o individual: são antes dois sentidos, dois modos do coletivo”. (Zourabichvili, 2009:22)

Mas, é conveniente, aqui, caminharmos um pouco mais devagar, seguindo entre tropeços, o percurso traçado por Gilles Deleuze & Félix Guattari, com o intuito de elucidarmos a importância desse operador conceitual - a noção de *agenciamento* - para o exercício da clínica, mais ainda, para encorajar nossa investida rumo ao que denominamos uma prática clínica interessada em *Expressividades*.

#### **AGENCIAMENTOS COLETIVOS: NADA A MAIS, NADA A MENOS.**

Cabe matutar um pouco a noção de *agenciamento*, porque ela precisará funcionar como uma chave, abrindo diferentes portas, produzindo diferentes saídas para a nossa problematização.

Diremos, inicialmente, que *agenciamento* é o *nome próprio* das composições ilimitadas entre *corpos* e *enunciações*. Pode parecer apenas um clichê, entretanto, como já dissemos, essa afirmação abriga a ideia de que a vida é produzida a partir de ilimitadas composições. Tal afirmação, compartilhada, hoje, por diferentes áreas de produção de conhecimento, constituiu-se em um desacato radical à ideia de que exista algo anterior, algum *a priori* ao próprio engendramento do dizer e do fazer, do pensamento

e do corpo, alguma razão transcendente ou verdade anterior ao plano de natureza das coisas. Este é um refrão que nos acompanhará durante todo ‘percurso-tese’, funcionando como um lembrete permanente de que o nosso problema-desafio, a coextensividade pensamento, subjetividade e clínica diz respeito a essa correspondência mútua, a um processo ilimitado de produção/ criação.

De saída, destacamos a distinção feita por Deleuze, em seus *Diálogos*, com Claire Parnet (2004), do que ele e Guattari denominaram duas faces que compõem os agenciamentos: uma, que diz respeito aos *estados de coisas* ou modificações corporais, e outra, que é traçada pelos *enunciados* e que se refere sempre a uma enunciação coletiva.

Lançamos mão, inicialmente, desta conversa porque ela sempre nos parece menos atropelada pela multidão de noções que povoam a caminhada em cofuncionamento de Deleuze & Guattari e isso pode nos auxiliar a transitar de maneira mais livre junto ao conceito.

Uma face do agenciamento, afirma Deleuze, indica o modo como os corpos se penetram uns nos outros, produzindo uma maneira de ser, um estado de corpo, e a outra se refere ao modo como os signos se organizam diferentemente produzindo enunciados. Noutros termos, esta dupla face dos agenciamentos corresponde aos corpos e aos signos, ao atributo do estado corporal e ao sentido do enunciado, às formalizações de conteúdo e às formalizações de expressão. Assim, todo agenciamento engendrará o que se faz e o que se diz, a produção dos corpos e a enunciação, conteúdo e expressão sempre em cofuncionamento.

É neste sentido que Deleuze & Guattari vão construir a ideia de que todo *agenciamento* será, ao mesmo tempo, *maquínico de efetuação* e *coletivo de enunciação*. *Máquinas*, como denominadas em *O Anti-Édipo* (1976), engrenagens de fabricação de real, de produção material, entendimento do funcionamento da vida como efeito de um ilimitado processo de produção a partir de acoplamentos e disjunções, do fazer e desfazer, organizar e desorganizar ou, como denomina Félix Guattari, *territorializar* e *desterritorializar*.

Depois de *Kafka: para uma literatura menor*, a noção de máquinas - *desejantes e sociais* - é modulada na obra de Deleuze & Guattari dando lugar à noção de *agenciamentos coletivos*, já que não há agenciamento maquínico, “que não seja agenciamento de desejo; não há agenciamento social de desejo que não seja agenciamento coletivo de enunciação.” (DELEUZE & GUATTARI, 2003:139)

Territorializar-desterritorializar, criar territórios e desfazê-los são como dois movimentos que “coexistem num agenciamento e, contudo, não se equivalem, não se compensam, não são simétricos”. (DELEUZE E PARNET, 2004:92). É o que nomeiam de perspectiva vertical dos agenciamentos, seus lados territoriais de estabilização e seus momentos intensivos de instabilidade e desterritorialidades. (DELEUZE & GUATTARI, 1976)


Todo agenciamento é uma disposição de desmanchar territórios e ao mesmo tempo, de produzir territorialidades. Não há agenciamento coletivo sem produção de territorialidade, porém, observa Deleuze: “também não há agenciamento sem ponta de desterritorialização, sem linha de fuga, que o arrasta para novas criações, ou antes, para a morte.” (DELEUZE E PARNET, 2004:91) Esse cofuncionamento aparece como efeito de uma *simpatia*, que, conforme graceja Deleuze, nada tem a ver com sentimento de admiração, aprovação ou vontade de um sujeito. Ao contrário, diz respeito às condições de misturas, ao compartilhamento, às produções de alianças, à miscigenação de corpos - biológicos, físicos, sociais, verbais, psíquicos, afetivos etc. - aos contágios, às relações, ao corpo-a-corpo.

Tanto os corpos, propriamente dito, como os enunciados estão sendo pensados, neste caso, a partir de circunstâncias, de territórios, da produção de personagens psicossociais e não a partir de um *eu*, de um *sujeito* cognoscente ou mesmo *inconsciente*. Estão sendo pensados como acoplamentos coletivos, como inúmeras conjugações que se individualizam, mas antes de se tornarem indivíduos, são processos pré-representativos.

A partir desta compreensão, torna-se descabida a ideia de um sujeito pré-existente, de uma interioridade ou de qualquer nível mais profundo do psiquismo, que precisaria chegar à superfície através de dispositivos clínicos, por exemplo.

Esta foi a perspectiva traçada por Félix Guattari e que nos auxilia a reposicionar o que convencionamos chamar, depois de Freud, de *inconsciente*. A noção de inconsciente, aqui, diz respeito a uma polifonia, a uma heterogênesse de corpos que se atualiza no momento em que falamos/agimos. É o que foi cunhado por Guattari (1988) com o nome de *inconsciente produtivo ou maquínico*, entendido enquanto dimensão processual, engendramentos criadores e mutantes. Uma perspectiva que lançou a noção de inconsciente para uma exterioridade, “cuja trama não seria senão o próprio possível, o possível à flor da linguagem, mas também o possível à flor da pele, à flor do sócios, à flor do cosmos...”. (GUATTARI, 1988:10)

Diremos, então, que, quando mudam os agenciamentos que emolduram uma vida, todo o funcionamento dessa vida mudará, toda a produção de um modo de viver será alterada e esta alteração tanto pode se dar de maneira parcial, como pode pôr em risco uma maneira de viver e até mesmo uma existência. E, se existem fracassos, nas composições, nos agenciamentos, sublinham Deleuze & Guattari, é porque “há sempre elementos que não chegam a tempo, ou que chegam quando tudo acabou, tanto que é preciso passar por neblinas, ou vazios, avanços e atrasos que fazem parte eles próprios do plano de imanência”. (DELEUZE & GUATTARI, 2002:41)

 *Mas o que fazer com os acontecimentos, que não têm seu próprio lugar no tempo, os acontecimentos que chegaram tarde demais, quando todo o tempo já foi distribuído, dividido, desmontado e que agora “ficaram numa fria”, não alinhados, suspensos no ar, sem lar, errantes?*

*Fragmento. 02*

#### **DESACOSTUMAR AS PALAVRAS, DESACOMODAR O CORPO.**

Abrindo a seção “20 de novembro de 1923 - Postulados da Linguística”, em *Mil Platôs*, volume II, (2008) Deleuze & Guattari nos esclarecem que a linguagem é, a despeito do senso comum, recepção e transmissão de *palavras de ordem*.

Estranho nos parece, quando, pela primeira vez, entramos em contato com este enunciado, sugerindo que uma regra de gramática é um registro de poder. Informar é, apenas, o mínimo necessário para emitir, transmitir e observar as ordens interpretadas como comandos que a cada palavra se transformam em um veredito. No dizer de Elias Canetti (1983), transformam-se em um *agulhão* que penetra fundo e permanece, tornando-se tão natural como comer ou falar.

Pondo em análise quatro pressupostos básicos da linguística clássica, Deleuze & Guattari sublinham a importância de uma dimensão ética, estética e política da linguagem, observando que esta dimensão só pode ser acessada a partir do momento em que admitimos *que a linguagem não informa, nem comunica*. Esta é a primeira reversão de uma pré-concepção da linguística consagrada, difícil de ser descartada sem rebuliço, já que, durante toda a nossa vida, principalmente, durante toda a nossa formação escolar, aprendemos que é função da linguagem comunicar e informar. Porém, as palavras “não são ferramentas: mas damos às crianças linguagem, canetas e cadernos, assim como damos pás e picaretas aos operários”. (DELEUZE & GUATTARI, 2008:12)

A linguagem está sendo pensada, neste caso, enquanto um artifício político que abriga, inevitavelmente, uma relação de obediência ainda que isso não fique explícito de maneira imperativa no que é dito. Podemos dizer que todas as *instituições sociais*<sup>23</sup> são regidas por coordenadas linguísticas pré-estabelecidas que implicam obedecer ou comandar, não existindo “significância independente das significações dominantes nem subjetivação independente de uma ordem estabelecida por sujeição”. (DELEUZE & GUATTARI, 2008:17) A escola, a empresa, o hospital, a família, a mídia, a clínica, dentre outras, encontram-se atravessadas por diferentes instituições comprometidas com essa obediência - fazer valer o que é necessário

---

<sup>23</sup> Tomamos emprestado, aqui, o sentido de *Instituição* formulado pela perspectiva da Análise Institucional Socioanalítica - conforme desenvolvida por R. Lourau e G. Lapassade, articulada singularmente, no Brasil com o pensamento de Felix Guattari que ultrapassando a clássica relação entre instituição-estabelecimento e instituição-técnica, vai conceber a noção de Instituição como referida a práticas sociais, formas de produção e reprodução das relações sociais. Vale ler: RODRIGUES HELIANA DE BARROS CONDE SOUZA, VERA LÚCIA BATISTA. *A Análise Institucional no Brasil*. RJ Ed Espaço e Tempo, 1987.

assimilar, reproduzir e consumir -, a partir de um comando implícito na linguagem, de um marcador de poder, pois, “uma regra de gramática é um marcador de poder, antes de ser um marcador sintático”. (DELEUZE & GUATTARI, 2008:12)

Falar é fazer algo, é realizar uma ação, é fazer uso. São regimes diversos que, necessariamente, repercutirão em algum tipo de transformação cuja variação se dará mediante as relações que o falar efetua, ou ainda, a partir dos agenciamentos engendrados no funcionamento desse falar. Falar como uma efetuação - *effectus*- de ações, de atos - atos de fala - de regimes de produção que embora sejam implícitos, não discursivos, produzem transformações em relação aos corpos, produzem uma transformação da realidade.<sup>24</sup>

Seguindo o curso traçado por Deleuze & Guattari (2008), em sua crítica aos principais postulados da linguística clássica, diremos que, do mesmo modo que o conteúdo, a expressão possui sua forma e que a forma de expressão não pode ter a função de representar, de descrever ou atestar um conteúdo correspondente. Esta é a segunda crítica aos pressupostos da linguística clássica feita a partir de um engendramento com o pensamento estóico - enfatizado em *Mil Platôs* através do estudo de Émile Bréhier<sup>25</sup> - e,

---

<sup>24</sup> John L. Austin, a partir dos estudos de Wittgenstein, sublinha que a linguagem vai além dos enunciados descritivos ou da efetuação de um código linguístico. Seus estudos são pautados nos atos de linguagem, mostrando as relações intrínsecas entre a fala e determinadas atos - ações - que se efetuem, quando as palavras são ditas, quando falamos. “São esses atos, interiores à fala, essas relações imanentes dos enunciados com os atos, que foram chamados de pressupostos implícitos ou não discursivos”... (Deleuze & Guattari, 2008:14)

<sup>25</sup> O filósofo francês Émile Bréhier estudioso em História da Filosofia, e conhecido, em especial, pelo estudo do estoicismo. Seu trabalho mais importante é *La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme* citado em *Mil Platôs*, p.27. O estoicismo grego é recuperado por Bréhier, e, posteriormente, por Deleuze, principalmente, no que se refere à construção de uma ética rigorosa - da construção de maneiras de viver - e diferenciada da moral cristã que atravessou o estoicismo romano. Segundo Bréhier, o conhecimento dos ensinamentos estóicos é indireto, já que as principais fontes - favoráveis ou críticas - são de época posterior à história do *antigo estoicismo*. A obra de Bréhier *O Antigo Estoicismo* foi traduzida por Miguel Dúclos e encontra-se disponível em [contato@consciencia.org](mailto:contato@consciencia.org).

posteriormente, conjugado com a filosofia de Espinosa que, mais adiante, nos ajudará a pensar o problema da relação indissociável entre corpo e pensamento e os efeitos clínico-políticos dessa relação na prática clínica e suas expressividades.

Essa problematização já aparece na filosofia de Deleuze, desde a *Lógica do Sentido* e, como o próprio Deleuze nos indica, os dois modos de conceber uma ética, uma estética e uma política - tanto na filosofia estóica quanto na filosofia de Espinosa - se constituíram em uma fonte inesgotável de interferências no seu pensamento, fazendo reverberar essas interferências na perspectiva clínico-política de Félix Guattari que tanto nos interessa aqui.

Seguindo a ênfase de Deleuze, os Estóicos foram os primeiros a conceber a independência entre as ações e as paixões dos corpos, entre os corpos e algo que denominam *incorporais*. A perspectiva estóica, enfatizada por Deleuze em sua vertente grega, foi a primeira concepção de existência composta exclusivamente por corpos, não cabendo uma compreensão de mundo superior ou vida mundana inferior além dos elementos corpóreos em constante mistura. Dizer que os corpos se encontram em um processo de mistura permanente é dizer que eles são um efeito do processo constante e ilimitado de efetuação de *encontros*, ou ainda, de um conjunto de *relações*. Dinâmica de ações e padecimentos, encadeamento de causas, movimento gerador de uma moldura que será reconhecida como um indivíduo. Deste modo, a noção de relação não dirá respeito a maneiras de se relacionar de determinados indivíduos, mas ao movimento anterior a essas individualizações.

Neste sentido, importa destacar que, se para o pensamento ocidental moderno a ideia de relação é baseada no efeito gerado pelo relacionamento entre dois termos, aqui, contrariamente, a produção de qualquer tipo de corpo e do tipo de relacionamento que esses corpos mantêm entre si já é efeito da germinação de elementos, sem forma definida que se unem ou se repelem: de relações. É falar de um plano pré-individual, virtual, informe.

Nesta perspectiva - que reaparece na formulação da filosofia de Espinosa - tudo que existe são os corpos. Corpos, como sublinha Fuganti, compostos de “qualidades ativas e matéria passiva, ou seja, potência de

afetar outros corpos (qualidades ativas) e potência de ser afetado, de receber ação de outros corpos (matéria passiva).” (FUGANTI, 2008:65)

Todavia, no engendramento do pensamento estóico, haveria um vazio infinito comportando um número ilimitado de corpos se deslocando e, ao mesmo tempo, produzindo uma espécie de preenchimento desse vazio no presente. A partir dessas relações - de preenchimento ou de movimento - dos corpos com o *vazio* e com o *tempo* surgem o que os Estóicos denominaram efeitos *incorporais*.<sup>26</sup>

No momento em que os corpos preenchem o vazio, surge o efeito incorporal chamado de *lugar* - o lugar que os corpos ocupam provisoriamente nesse vazio - e do deslocamento desses corpos no vazio; ou seja, na relação dos corpos com o tempo, vai emergir, como efeito incorporal, o que os Estóicos chamam de *acontecimento*. Algo que existe, sem que esta existência seja corporal, mas estranhamente, torna-se condição para a existência dos corpos.

Interessa-nos sublinhar essa dupla face dos atributos incorporais: uma atribuída aos corpos, os *acontecimento* e outra expressa na linguagem, denominada, *sentido*. Pois, *sentido* e *acontecimento* são dois efeitos *incorporais* - não são corpos - “impassíveis, inqualificáveis, infinitivos que resultam das misturas, que se atribuem a esses estados de coisas e que se exprimem nas proposições”. (DELEUZE E PARNET, 2004:82).

E para dar mais ênfase à importância desse modo de pensar em nosso percurso, podemos afirmar, mais uma vez, com o auxílio de Fuganti que *acontecimento* e *sentido* dizem respeito a algo atribuído aos corpos, mas que não são seus estados nem suas qualidades corpóreas, dizem respeito a “algo que não se pode tocar, mas que o pensamento é capaz de apreender; algo que não é linguagem mas que, como diz Deleuze, funda a expressão e vive através dela”. (FUGANTI, 2008:76)

---

<sup>26</sup> Na filosofia estóica, são dois os chamados incorporais puros: o *vazio* e o *tempo*. Esse vazio infinito ao redor dos corpos é a realidade que possibilita a esses corpos seus movimentos no tempo, no presente. “Só os corpos ocupam um lugar no vazio e existem no tempo presente”, Fuganti, 2008:78.



Portanto, importa destacar que, aqui, se esboça uma perspectiva singular acerca da linguagem, assim como uma perspectiva singular a respeito do corpo. Isso nos interessa enquanto problematização clínico-política.

Retomando a noção de agenciamento, vale sublinhar que será nesta mesma direção que Deleuze & Guattari formulam a ideia de dois eixos que vão compor um agenciamento: um *eixo horizontal* - que comporta o segmento de conteúdo e diz respeito à maquinação dos corpos e o segmento de expressão que se refere à enunciação coletiva. E outro eixo, um *eixo vertical*, que diz respeito a lados territorializados, lados estáveis, e aos movimentos intensos de desterritorialização. (DELEUZE & GUATTARI, 2008:29) Os agenciamentos, assim pensados, não abrigarão qualquer infraestrutura, nenhuma superestrutura, nem comportarão a ideia da existência de uma estrutura profunda ou superficial.

Os agenciamentos coletivos vão nivelar “todas as suas dimensões em um mesmo plano de consistência em que atuam as pressuposições recíprocas e as inserções mútuas.” (DELEUZE & GUATTARI, 2008:32)

Daí na terceira crítica aos postulados da linguística, Deleuze & Guattari colocarem em análise a ideia de que os fatores linguísticos - classicamente tomados como constantes - não dependem dos fatores não-linguísticos. É a linguagem, dizem, que “depende da máquina abstrata, e não o inverso”. (DELEUZE & GUATTARI, 2008:33) Mais uma radicalidade que o pensamento de Deleuze & Guattari nos apresenta em sua disposição de tornar a linguagem uma política pragmática e nos fazer ver que não existe algo predefinido que sustente sua formação.

Nesta mesma direção, segue a quarta reversão aos clássicos postulados da linguística, apresentada como uma espécie de desacato a uma política que pretende fazer da língua maior uma ciência, uma padronização de uma língua hegemônica às variantes desta língua, tomando-as como línguas restritas. Toda língua, dizem eles, é aberta para possibilidade de muitas outras línguas e se isso se torna obstaculizado é pelo efeito da ação de uma política de dominação. Não existe, neste caso, uma língua-mãe, mas uma “tomada de poder por uma língua dominante, que ora avança sobre uma grande frente, ora se abate simultaneamente sobre centros diversos”. (DELEUZE &

GUATTARI, 2008: 46) Trata-se de uma maneira de ocupar-se da língua, um modo de tratar as variações, fazendo das regras ditas obrigatórias uma oposição em relação às regras ditas facultativas. Para que serve, então, falar de constantes ou de universais da língua? Tais formas constantes, os universais linguísticos, os sistemas homogêneos, nada mais são do que os pilares da *língua maior*, ou seja, da língua modelar e padrão.

Os chamados usos majoritários e minoritários da língua se referem a dois modos de funcionamento - e não a duas línguas - em que um modo de fazer uso da língua, majoritário, encontra-se capturado pela medida padrão - hegemônica e ordenada - da linguagem. Quando a língua funciona de modo minoritário, um rompimento com essa padronização foi efetuado, produzindo maneiras singulares de resistir e inventar desvios em relação a uma língua “maior”. Um uso político da língua, invenções de outras línguas, criação de outros modos de dizer/fazer, “devir minoritário da língua”. (DELEUZE & GUATTARI, 2008:52) As línguas podem muito mais!

As línguas são heterogeneidades que se espalham e criam inúmeras ramificações, criam *línguas menores* que não obedecem, necessariamente, às regras do molde padrão. Isto, porque a língua carrega consigo uma pluralidade, povoada de inúmeras outras línguas, produzida como processo de conexão e desconexão ou, como nomeia Guattari, de *agenciamentos coletivos de enunciação*. Como a noção de *minoría*, aqui, não mantém qualquer relação com um caráter quantitativo, podemos afirmar que em qualquer subtexto, texto ou contexto, emergirá, subitamente, um desvio, uma ruptura com uma determinada medida padrão, uma saída de um perímetro, como nos disse Garrocho (2007), rumo ao desconhecido.

Surgirão combates de sentidos, jogos de variação da língua maior, *desnaturalização* de uma língua “natural”, inventando a produção de línguas desconhecidas a partir dessa língua maior, puxando linhas/línguas fugidias, estrangeiras em relação à chamada língua natal.

É preciso que se reafirme que quando Deleuze & Guattari se referem a línguas menores, estão longe de uma referência a sub-línguas, dialetos, regionalismos ou a guetos, ao contrário, estão falando em “agentes potenciais

para fazer entrar a língua maior em um devir minoritário de todas as suas dimensões, de todos os seus elementos”. (DELEUZE & GUATTARI, 2008:53)

Composições, conjugações, variações da língua maior para que se pronuncie a outra face da *palavra de ordem: a sentença de fuga*. Para que insurjam os componentes de passagem que escapem desordenadamente do veredicto das palavras de ordem, fundando outros arranjos, outros contornos, fazendo com que “um corpo ou uma palavra não se detenham em qualquer ponto preciso. Potência incorpórea dessa matéria intensa, potência material dessa língua” (DELEUZE & GUATTARI, 2008:57)



Y São elas. X- O quê?

Y- *Elas, as palavras. Elas me abandonam. X- O que quer dizer?*

Y- *Chegam a mim submissas, sussurrantes, pedindo-me permissão para entrar e ficar. Eu deixo que se aninhem. Como pequenas larvas inocentes, crescem pelos cantos de meu corpo, nutrem-se com meu sangue, com meus sonhos, aprendem a respirar por meus pulmões, navegam pela minha linfa, se duplicam, se acoplam, se ampliam aos meus olhos, aos meus lábios, saltam entre meus dedos, me fazem cosquinhas na pele, invadem minha memória, enchem-na de ecos, de figuras, de aromas e revolvem toda a minha memória. Logo saem ao ar, ao sol, ao mundo, dão voltas ao meu redor, vão e vêm sem parar, flutuam entre as coisas, mergulham fugazmente nos outro... mas sempre regressam, saciadas, a seus ninhos.*

*Eu ouço-as murmurar, contar seus segredos, rir ou chorar, inventar aventuras, ou exagerá-las bastante; algumas mentem descaradamente, outras ficam caladas, retraídas, não sei muito bem por quê. Mas há também as que voltam tarde: regressam quando ninguém espera, fazendo um escândalo danado ou, ao contrário, quase furtivamente, e estão muito excitadas, ou furiosas, ou atônitas, ou agoniadas, ou exaustas, como se viessem de muito longe, como se tivessem sofrido algum estranho encontro, alguma experiência constrangedora... E eu não as compreendo, elas não me explicam nada, mas eu sinto que trazem o coração doente, que estão cheias de raiva, de medo, de esperança, apodrecidas de excesso ou de miséria, que já não são*

*o que eram, que não se reconhecem entre si, que se evitam, fogem umas das outras, até se golpeiam, tentam se destruir, se devorar, se aniquilar, e me aniquilar também, envenenar minha alma, as vísceras, as fontes da linguagem, o olhar ... E pouco a pouco conseguem seu propósito. A peste vai estendendo-se, invade as artérias, entra nos alvéolos mais secretos, brota nas gengivas, infecta os desejos, os ossos, as promessas, os nomes, os pronomes... Espalha por todas as partes a suspeita, o desalento, a gangrena, o pânico.*

*E digo eu, e sinto uma pontada; digo ponte, manhã, e soa oco; digo revolução e fede a morto. Vão- se suicidando as palavras, sucumbem ao contágio sem a menor resistência, se jogam à fogueira, à loucura, ao vazio...*

*Abro o dicionário e já não há mais do que milhares de pequenos defuntos. Você acha que eu falo, que pronuncio palavras? Não é assim: mastigo seus cadáveres e logo os cuspo.*

*X- Chega!*

*Y- Não são palavras vivas: são só seus cadáveres, compreende? Ossos, penas, escamas, carapaças, unhas... É isso que cuspo ao falar.*

*X- Chega, por favor!*

*Y- E as que conseguem sobreviver, as que se salvam desse contágio, fogem aos bandos. Me abandonam, enfim. X- Cale-se!*

*Y- São elas que me abandonam, me despovoam, me deixam deserta, imóvel, morta...*

*X- Pelo amor de Deus!*

*Y- Prostrada, caída, sim, inerte... Inerte.*

*X- Foi você quem quis assim! (SAI)*

*Y- Você... Outra palavra que me abandona.*

*Fragmento 03*

Em *Estudos deleuzeanos da Linguagem*, Julia Almeida (2003), também, nos convida a pensar o quanto foi alicerçada em nós essa concepção de que, de um lado, estão as coisas - um mundo real - e de outro, a linguagem como signo, como palavra que representa por correspondência simbólica direta, as coisas do mundo. Sob esta perspectiva, a linguagem seria, então, o representante do mundo na sua ausência. Entretanto, seguindo as pistas de

Deleuze, Almeida nos dirá que o problema, hoje, é o de como fazer com que a linguagem escape da forma da representação, estabelecendo com o real uma relação que não seja mais de filiação, conformidade ou correspondência. Almeida sublinha que “nem a expressão é redutível ao significante (ou qualquer outra unidade linguística, palavra, proposição, ato de linguagem), nem o conteúdo é redutível ao significado deste significante (seja um referente, um objeto, estado de coisas ou conceito)”. (ALMEIDA, 2003: 39) O sentido jamais será prévio, ao contrário, ele vai emergir a partir das maneiras como a linguagem é utilizada.

Trata-se sempre de um problema de uso, de uma pragmática e não de uma representação.

Em suma, reafirmando nosso caminho sinuoso, diremos que o *sentido* só é produzido na conjugação, no agenciamento, ao mesmo tempo, é o efeito de algo que desune e desencadeia um processo que desmancha o que parecia dado e insinua algo que parecia indizível.

O incorporal na linguagem que funcionará como um lampejo, arrastando a linguagem para um *plano de imanência*.<sup>27</sup>

Entretanto, esse não é um movimento natural, será preciso, como poetiza Manoel de Barros (2010), *desacostumar as palavras* para que o sentido *injete, traiçoeiro, insanidades nos verbos* “para que eles transmitam aos nomes os seus delírios”. (BARROS, 2010: 54)

Em *Lembranças de um espinosista I*<sup>28</sup>, Deleuze & Guattari reafirmando a interferência do pensamento estóico na filosofia de Espinosa, bem como a interferência do pensamento de Espinosa em toda construção da filosofia e da clínica crítica que formulam, nos possibilitam entrar em contato com esses elementos da filosofia que nos provocam no sentido de problematizar - além

---

<sup>27</sup> O termo *imanência* é, no sentido comum, relacionado a uma força divina que envolve todas as coisas com o poder de influenciá-las. Um Deus, uma divindade criadora etc. Porém, aparece, no Panteísmo, um sentido diferenciado que diz respeito a um tipo de divindade que está presente de maneira inseparável das coisas. O sentido de imanência, neste caso, se opõe ao de transcendência. No caso da filosofia de Espinosa, esse sentido será ainda mais radical, aparecendo como um princípio de causalidade interno a todas as coisas. Ou seja, o processo de produção da vida encontra-se na própria vida e nunca em alguma causa exterior à própria existência: Este é o sentido de “Deus sive Natura” - Deus é Natureza”, de onde tudo se expressa.

<sup>28</sup> Em *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4, Ed. 34,RJ.

de um entendimento hegemônico, a respeito da linguagem - uma maneira sujeitada de pensar o corpo. Por este motivo, interessa-nos sublinhar o quanto Deleuze & Guattari também nos instigam a manejar com uma noção de corpo nada convencional, pois um corpo, neste caso, não dirá respeito a uma entidade natural de característica predominantemente orgânica, um organismo. A noção de corpo vai se referir - conforme mencionamos - a todo tipo de individuação complexa, a todo indivíduo formalizado, indicando-nos que é possível pensar que tudo é corpo, inclusive as palavras.

Todo indivíduo, enquanto conjunto de relações, enfatiza Deleuze, “tem uma composição dos indivíduos entre eles, e a individualização não é separável desse movimento de composição.” (DELEUZE: 2009:181) O processo de individuação nos reportará, sempre, para um *plano de composição*<sup>29</sup>. Sob esta perspectiva, os corpos não mais se explicam por gêneros ou por espécie muito menos por seus órgãos e funções, eles se regulam e se engendram por aquilo que eles podem, nos termos de Espinosa, pelas ações ou pelas paixões que podem suportar, pelas possibilidades de ser tocado e tocar, *ser afetado e afetar*. (ESPINOSA, 1992:267)

Trata-se de uma definição “cinético-dinâmica” a respeito do corpo, aponta Deleuze: a definição cinética diz respeito ao fato de que “todo corpo se define por uma relação de movimento e repouso. A definição dinâmica é: todo corpo se define por um certo poder de ser afetado.”(DELEUZE, 2009: 279) Mas esta noção de corpo não precisa ser limitada ao corpo humano, ao contrário, todo tipo de corpo - social, político, econômico, material, biológico etc. - pode ser pensado como um grau de concentração ou, na maneira de dizer de Espinosa, um *grau de potência*.

---

<sup>29</sup> Deleuze e Guattari denominam plano de consistência ou plano de composição a uma dimensão que, ainda, não se encontra formalizada. É um plano de elementos em movimento, invisíveis, mas que são a possibilidade de criação das formas, dos indivíduos formalizados - sujeitos, objetos - daí ser possível dizer que esse é um plano de forças e não de formas. Porém as formas, ainda que distintas dessas forças elementares, não se separam delas, pois se encontram em movimento constante de fazer, desfazer, de compor infinitudes de formas a partir de uma infinidade de elementos/forças. Só existem, neste plano, conforme observam Deleuze & Guattari, “relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão entre elementos não formados, ao menos relativamente não formados, moléculas e partículas de toda espécie”. Ver em *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. IV: 54.

Pensando assim, todo corpo é uma composição de infinitos outros corpos e sua permanência na existência se dá em virtude das relações de movimento e repouso, da velocidade ou da lentidão que interferem no seu engendramento, aumentando ou diminuindo seu grau de potência, sua força.

No belo artigo “*O que pode a clínica? A posição de um problema e de um paradoxo*,” Passos e Benevides, a partir da leitura da proposição 2 do livro III da *Ética*, observam que Espinosa propõe um “*mais além*” do plano do conhecimento consciente, um plano de ignorância com o qual todos nós, necessariamente, entramos em contato. Um além da consciência, já que além do corpo, o que na filosofia espinosista, implica em além do espírito. Esta é uma problematização de grande importância, pois se refere a uma perspectiva na qual o *entendimento* se dá pela composição dos corpos na natureza e não pelos seus efeitos.

Seguindo as pistas da proposição espinosista, Passos e Benevides vão acentuar que conhecer um corpo é, então, “conhecer a composição, ou conhecer a ordem das causas é conhecer a ordem de composição e decomposição das relações que constituem a natureza”. (PASSOS E BENEVIDES, 2004:277)

No sentido das nossas investigações clínicas, aparece aqui uma interferência fundamental dessa atmosfera espinosista. Refere-se à maneira de compreender o que se passa e o que passa por - atravessa ou afeta - um corpo, pois, longe da incessante procura a respeito do que seja um determinado corpo ou os significados que dele emanam, somos forçados a experimentar os efeitos de uma modulação radical dessas perguntas, passando a problematizar um corpo a partir do que ele pode. (ESPINOSA: 1992:274) Entretanto, para seguirmos por mínimas trilhas da filosofia de Espinosa é preciso ter em mente que esse ‘saber a respeito do que pode um corpo’ só se torna possível a partir das experimentações que o próprio corpo realiza ou, retomando Deleuze & Guattari, a partir dos agenciamentos que esse corpo é capaz de efetuar. A que tipos de relação de poder, tomando emprestada a noção fabricada por Foucault, um corpo se submete ou se liberta e quais os tipos de força, seguindo o entendimento nietzschiano, esse corpo põe em ação se opondo ao ordenamento, à limitação e ao constrangimento de seus

processos expansivos? Quais são seus ‘modos de resistência’, tanto no que se refere a obstaculizar uma ação como no sentido de se opor àquilo que obstaculiza a ação do corpo?

Deste modo, torna-se inconsistente falar de corpo em termos de mediação ou de representação. Falar de corpo - assim como no caso da linguagem - é falar de arranjos e desarranjos, composição e decomposição, ou seja, é falar de relação.

Todo indivíduo, humano, singular, complexo e finito poderá, através de suas composições e disjunções, se fixar ou se distanciar de seu equilíbrio ordinário. A maneira de existir desse corpo dirá respeito aos combates travados entre assujeitar-se a uma ordenação - manutenção de um determinado organismo - e os esforços, muitas vezes ‘fracassados’, de tornar-se liberto de uma espécie de tirania dos órgãos. Embate permanente entre a *conservação* - para abraçar o sentido de Espinosa - da manutenção de um tipo de funcionamento meramente orgânico, e a *expansão* de um corpo intensivo em nós, que está sempre incitando uma passagem, um escape dos limites de uma dada moldura, pois cada corpo, além de sua extensão possui o que Espinosa denominou uma *potência de agir*.

Dois modos de funcionamento dos corpos - dos indivíduos - que, ora podem estar subordinados a uma ordenação funcional, ora podem derivar, se desorganizando, se desestratificando, entrando em contato com uma espécie de matéria caótica, com uma zona esquizo, conforme apresentamos no primeiro plano desse estudo. Ou ainda, ao modo de Artaud, entrando em contato com uma matéria intensiva, matriz da própria vida, porque a grande mentira, diz Artaud, de maneira surpreendente e assustadora, “foi fazer do homem um organismo, ingestão, assimilação, incubação, excreção.” (ARTAUD, 1988:)


Nos termos de Deleuze & Guattari, essa matriz intensiva, esse *corpo sem órgãos*, conforme nomeado a partir de Artaud,<sup>30</sup> não se insurge hostil aos órgãos, mas à ordenação, à organização dos órgãos resignados em organismos. Rebelar-se em relação a uma restrição, a um fenômeno de “acumulação, de

---

<sup>30</sup> Dos textos-poesias da transmissão radiofônica, *Para Acabar com o Julgamento de Deus*, realizada em 28 de novembro de 1947, por Antonin Artaud. Acesso disponível em: *Escola Nômade de Filosofia.org*.



coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil”. (DELEUZE & GUATTARI, 1996:21)

 *O que me é menos odioso é a parte mecânica, rotineira, de meu trabalho: voltar a rever um lançamento que já reescrevi milhares de vezes, efetuar um balanço de saldos e descobrir que tudo está em ordem, que não há diferenças a procurar.*

*Esse tipo de trabalho não me cansa, porque me permite pensar em outras coisas e até (por que não dizer isso a mim mesmo?) também sonhar.*

*(...) Em meu trabalho, o insuportável não é a rotina; é o problema novo, o pedido surpreendente dessa Diretoria fantasmagórica que se esconde atrás das atas, disposições e gratificações, a urgência com que se reclama um relatório ou um balancete ou uma previsão de verbas.*

*Então sim, como se trata de algo além da rotina, minhas duas metades devem trabalhar no mesmo objetivo, já não posso pensar no que quero, e a fadiga se instala em minhas costas e nuca, como um emplastro poroso.*

*Fragmento 04*

## 2.2 ESTADOS DE CORPO, PASSAGENS, SINTOMAS...

Partindo da inspiração espinosista de que nós só conhecemos através da ação dos outros corpos sobre o nosso e que esse conhecimento se dá a partir de um sinal, de um signo, na experimentação clínica, esse sinal é o que convencionalmente chamamos de sintoma. Todo sintoma, neste caso, é um efeito e, como todo efeito, terá uma pluralidade de sentidos. Tais sentidos se expressam a partir da ação de outros corpos sobre o corpo afetado.

Conforme observamos, a noção de corpo diz respeito a toda individuação complexa em relação. Ou, nos termos de Chauí, um indivíduo composto “por relações internas entre seus órgãos, por relações externas com outros corpos e por *afecções*, isto é, pela capacidade de afetar outros corpos

e ser por eles afetado sem se destruir, regenerando-se com eles e os regenerando”. (CHAUI, 1995:54)

Quando um corpo age sobre outro, instala-se um estado corporal, um estado atual no corpo que foi ‘atingido’, nos termos de Espinosa, no *corpo afetado*. Esse estado atual do corpo afetado funcionará como uma linha divisória que determinará um aumento ou uma diminuição, uma expansão ou uma subtração de sua maneira de existir ou de sua própria existência. Como os signos ou sintomas não possuem referentes diretos - objetos - eles se referem a estados de corpo, são *afecções*. Ao mesmo tempo, reportam às variações da potência desse corpo - diminuição ou expansão -, são *afetos*. Todavia, para seguir transpassando esses elementos da filosofia de Espinosa em nosso estudo, é necessário sublinhar que *Afeto (affectus)* e *Afecções (affectio)* não se reduzem um ao outro, mas supõem sempre um e outro.

Deleuze nos alerta para o fato de que alguns tradutores de Espinosa entenderam as noções *affectus* e *affectio* da mesma maneira, como afecção. Porém, Deleuze discorda deste entendimento e nos esclarece, principalmente, no *Curso sobre Espinoza*, de 24 de Janeiro de 1978, ministrado em *Vincennes*, esta importante diferença entre Afeto e Ideia no pensamento espinosista e seus efeitos ético-políticos. (DELEUZE, 2009:20)

Uma *Ideia*, na filosofia de Espinosa, assim como na filosofia clássica, é o modo de pensamento que representa alguma coisa, uma realidade objetiva. E para distinguir Ideia de Afeto (*affectus*), Espinosa propõe que afeto seja todo o modo do pensamento que não representará nada. Sendo assim, todo modo do atributo pensamento não representativo é um afeto.

Uma vontade, aponta Deleuze, vai indicar algo que se quer, algo que é dado enquanto uma ideia, entretanto, *o querer* não é uma ideia, é um afeto. (DELEUZE, 2009:21) Porém, todo afeto - todo modo do pensamento que não representa nada, vai pressupor uma ideia por mais confusa que ela seja, por mais confusa que seja a ideia do que se quer. (DELEUZE, 2009:21) Isto não implica dizer que haverá uma hierarquia da ideia sobre o afeto. Ao contrário, ideia e afeto, utilizando os termos de Deleuze, “são duas espécies de modos de pensamento que diferem em natureza, irreduzíveis um ao outro; contudo,

simplesmente envolvidos em tal relação, que o afeto pressupõe uma ideia, por mais confusa que ela seja” (DELEUZE, 2009:22)

De acordo com as ideias que temos, haverá sempre um grau de variação de força, um grau de variação da potência de agir e esse regime de variação não se confundirá com as próprias ideias. Temos ideias e, ao mesmo tempo, variações intensivas coexistentes, porém diferentes delas. Nos termos de Deleuze, de um estado a outro, de uma ideia a outra, haverá, sempre, “transições, passagens vividas, durações pelas quais passamos a uma perfeição maior ou menor”. (DELEUZE, 1970:50) Passagens para *mais* ou passagens para *menos*, não identificáveis por comparação.

Se o corpo humano “foi, uma vez afectado por corpos exteriores, a Alma humana poderá considerar esses corpos como presentes, embora já não existam nem estejam presentes.” (ESPINOSA, 1992:222) Tal afecção deixará sinais, signos, sintomas que podem designar, indicar, representar os estados desse corpo, mas produzirá, também, rastros das passagens, das transições de um estado para outro, deixará signos transitivos. (DELEUZE: 1992) E nesta *linha melódica*, como denomina Deleuze, traçada pelo afeto, serão delineadas na perspectiva espinosista, as duas paixões mais evidentes no corpo humano: *a alegria e a tristeza*.

A alegria, como demonstra Espinosa, é um tipo de afecção “pela qual se aumenta ou favorece a potência de agir do Corpo; a tristeza, pelo contrário, é uma afecção pela qual se diminui ou entrava a potência de agir do Corpo; e por conseguinte a alegria é directamente boa, etc.” (ESPINOSA, 1992:399). E como tudo que se passa no corpo tem uma correspondência no pensamento, as ideias, bem como os afetos, vão nortear - sempre - as maneiras de reagir e de agir de cada corpo, de cada indivíduo.

Ninguém, afirma Espinosa, “pode desejar ser feliz, agir bem e viver bem que não deseje ao mesmo tempo ser, agir e viver, isto é, existir em ato”. (ESPINOSA, 1992:379) Neste sentido, todo modo existente - todo corpo - se definirá pelo seu *poder de ser afetado e afetar*.

Ou ainda, quando um corpo encontra outro corpo, pode acontecer desse encontro ser *bom*, produzir uma composição com o corpo afetado. Ou

pode acontecer desse encontro ser *mau* e produzir uma diminuição de força, uma decomposição no corpo afetado.

Entretanto, como sublinha Rauter, ao afirmar as transversalizações do pensamento de Espinosa na clínica, é necessário abolir qualquer pretensão *de prever* ou *controlar* os efeitos produzidos a partir do encontro dos corpos. “Trata-se de estabelecer pequenas guerrilhas, lutas particulares do desejo na direção da expansão. Introduzir na vida novos campos de força, dobras da subjetividade” (RAUTER, 2009:97)

No sentido de Espinosa, tudo aquilo que faz com que “as relações de movimento e repouso que as partes do Corpo humano têm entre si sejam conservadas, é bom; e, ao contrário, é mau, o que faz com que as partes do Corpo humano tenham entre si outras relações de movimento e de repouso”. (ESPINOSA, 1992:397)

Os sintomas, ou signos, neste sentido, servem como indicadores de condições que se desenham quando um corpo experimenta, a partir do encontro com outro corpo, uma desarticulação de suas funções uma desagregação do seu organismo e, ao mesmo tempo, esforça-se para produzir elementos suficientes que reposicionem sua existência. É o próprio indício “de que os universos de referência tornaram-se obsoletos, ou mesmo que se encontram em desacordo, desestabilizando uma constelação de afetos que perderam seu valor”. (DIAS, 2008:04) Todavia, também é um sinal de que outros sentidos e valores já anunciam sua aproximação, efetuam sua propagação.

Os sintomas, nos apresentam duas dimensões: uma que diz respeito ao estado de um corpo, na maioria das vezes, passivo diante do que lhe constrange e outra, sua dimensão afetiva - sorradeira, silenciosa e fugidia - que pode nos indicar que outro tipo de existência e consistência estão sendo processadas, para que um corpo construa escapes ao constrangimento. São indícios dos *componentes de passagem*, conforme denominou Guattari, necessários para fazer surgir outras condições, outras maneiras de viver. Componentes que fazem emergir “de repente, outras coordenadas de existência, permitindo encontrar uma saída”. (GUATTARI e ROLNIK, 1986: 269)

Indicam um enfrentamento que implica analista e analisando: o de encontrar as condições necessárias para ultrapassar o enredo da trama institucional que o sintoma anuncia e, ao mesmo tempo, “operar o desafio de vasculhar o território de organização, ultrapassar seus limites instituídos, em suma: desdobrar o surgimento de uma nova cartografia - sentido ético desta clínica”. (DIAS,2008:05)



*“Corre crianças”... diz acelerando o passo.*

*Porque, mãe? Pergunta o pequeno.*

*Sem responder a pergunta eles continuam correndo.*

*O pequeno avista ‘luzes’ no chão e diz: olha, mãe!! E ela, puxando os dois pelo braço, segue apertando o passo.*

*Vamos ver, mãe? Vamos ver?*

*É balão, crianças!! É balão! Responde aflita.*

*Mas então porque a gente não pode ver o balão???? Ele insiste indignado.*

*É agarrar bem forte um em cada mão e correr até entrar pela casa. Ufa!!!*

*Tudo pra dentro! Ninguém de cara em janela! Pra banho e depois jantar!*

*E ela chora... e chora... e começa a tremer.*

*A cena do corpo estendido no chão não era a primeira e ela sabia que não seria a última. Também sabia que não poderia, por muito mais tempo, correr com as crianças pela mão sem dar maiores explicações.*

*Os tiroteios, as mortes, a lista dos escolhidos...*

*E as dores de cabeça, Dra, que sempre voltam. A zonzeira. O mal-estar no corpo, a profunda tristeza.*

*De repente, tudo fica escuro. E vem o apagão.*

*E foram chegando os exames da cabeça, de todas as partes do corpo.*

*A depressão...*

*O “quadro é histérico”? O quadro é neurológico?*

*E os medicamentos... Muitos medicamentos. Veio o sono, um sono narcotizado...*

*Até que, por um atalho, alguém no hospital público ouviu diferente, e aí - para além disso tudo - chegaram também as histórias, as narrativas, o poder dizer.*

*No início, elas me atravessam pela via da supervisão e depois pelo atendimento herdado a partir dos afetos que analista e analisanda, em ziguezague, faziam transpassar por meu corpo, por meus percalços.*

*A força daquela aliança já inventara outros possíveis, dizíveis, audíveis, vivíveis...*

*Um desvio da morte para fazer perseverar a vida.*

*As marcas das lutas para desatar o nó cego e deixar de ser o que era e tornar-se outra.*

*Foi um bom tempo... mas foi um tempo muito bom.*

*Ela ia esculpindo, no seu 'corpo - pensamento', os efeitos do tornar-se mais forte.*

*Rearrumar os cabelos, mudar a maneira de vestir-se, cuidar do corpo.*

*O gosto pelos estudos, o empenho para trabalhar e obter algum recurso.*

*Piruetas para não deixar submeter-se. Inquietar-se com a vida amorosa, ultrapassar a violência e o abuso que marcaram aquele corpo desde muito cedo.*

*Poder dizer, poder ver, ser tocada e tocar!*

*Nós "não sabemos o que pode um corpo"... o quanto investe uma vontade de viver, de estilhaçar um modo de vida para que outro tipo de existência possa surgir.*

*O fervor esgarçando o horror até rasgar, folha por folha, o bloco de memórias para reescrever uma vida .*

*Lágrimas na despedida.*

*Fragmento 05*

Como sublinha Guattari, com muito bom gosto, os sintomas são como os pássaros, "que vêm bater seus bicos no vidro da janela". (GUATTARI e ROLNIK, 2008: 269) Portanto, segue acrescentando, não se trata de interpretá-los, mas de situar sua trajetória para saber se servirá como um indicador de outros mundos possíveis e de até que ponto esses outros mundos conseguem consistir, acolhendo as derivas que o 'voar' produz. Cabe poder - ou não - transitar na ordem de composição dessas relações que nem sempre se fazem disponíveis, pois as matérias dos componentes que incitam uma

mudança, indica Guattari, geralmente não são “da mesma natureza que aquelas dos componentes que efetuam essa mudança. (Exemplo: a palavra se converterá em somático, ou somático em econômico, ou em ecológico, enquanto que o ecológico se converterá em palavra ou em acontecimentos sócio-históricos, etc., etc.)” (GUATTARI, 1988:190)

Dito de outro modo, os sentimentos, como sublinha Maciel (1977), ainda que coexistentes às variações de intensidade em um corpo, dizem respeito ao vivido, ou seja, ao estado desse corpo, ao subjetivo e se encontram atrelados às representações. São, sempre, determinados por representações do passado. Já os afetos, diferentemente, são presentes e só dizem respeito à experimentação, àquilo que repentinamente conflui.

#### **A RECIPROCIDADE...**

Nossa tradição ocidental, difundida desde o platonismo e consolidada, posteriormente, no mundo moderno, fez imperar o pressuposto cartesiano de que o pensamento encontra-se separado do corpo e sempre numa posição anterior e superior a ele.<sup>31</sup> O imperioso, durante muitos séculos, foi que o homem se tornasse circunspecto e vedasse seus olhos em relação ao corpo, como condição para que a razão, como um clarão, surgisse iluminando o mundo turvo e confuso da matéria.

Até o século XX - e seria enganoso dizer que não mais no século XXI - o corpo e as ideias, o corpo e a alma, o corpo e o psiquismo, o corpo e o pensamento foram tratados como duas instâncias separadas. Ao corpo sempre coube a responsabilidade pelo descontrole, pela desordem e pela desmedida. Aprendemos a temer “seus movimentos, seus espasmos, suas dores, seus gritos surdos, suas vertigens” (GIACOMEL. A. E.; RÉGIS V.M FONSECA, T. M. G. 2004: 89)

Contudo, como a história nunca anda em linha reta, já no século XVII surge uma ruptura com o pensamento cartesiano que retorna em sua

---

<sup>31</sup> Trata-se da clássica separação cartesiana entre *res cogitans* - “a coisa pensante” - e *res extensa* - o corpo - que possui uma extensão e funciona de maneira mecânica, sujeito ao domínio das paixões e, portanto, fadado ao erro devendo, por isso, ser atrelado ao controle da consciência, para adquirir poder racional e saúde.

persistência atual, soprada pelos fortes ventos da filosofia de Deleuze, dentre tantos outros, incorporada por nós nas transversalizações, com a clínica de Felix Guattari. Trata-se, mais uma vez, das flechas arremessadas pelo pensamento de Espinosa, cruzando nosso fazer clínico-político, no qual importa afirmar que corpo-ideia ou, nos termos que utilizamos, ‘corpo-psiquismo’ são correlatos e se articulam, simultaneamente.

Com ajuda dessa amálgama ‘espinodeleuziana’ diremos que para todas as coisas existentes - para cada corpo humano existente -, haverá uma reciprocidade no psiquismo, ou ainda, tudo que ocorrer na ideia, deverá ocorrer no corpo. Isto implicando, conforme proposição de Espinosa, que tudo o que for paixão no corpo, também será paixão na ideia e tudo que for ação no corpo também será ação na ideia. Ou ainda, “se uma coisa aumenta ou diminui, facilita ou reduz a potência de agir do nosso Corpo, a ideia dessa mesma coisa aumenta ou diminui, facilita ou reduz a potência de pensar da nossa Alma”. (ESPINOSA, 1992: 278)

Esta correspondência entre o corpo e o psiquismo de que lançamos mão como maneira para fazer funcionar a prática clínico-política, no/do contemporâneo, apropria-se da perspectiva espinosista que ficou conhecida com o nome de *Paralelismo Psicofísico*. Um termo, emprestado da filosofia de Leibniz e aplicado também à proposição de Espinosa que diz respeito a uma recusa ao princípio cartesiano de que corpo e espírito, ou corpo e alma, corpo e mente efetuam suas relações inversamente, ou seja, o espírito para agir implica que o corpo padeça. (MACIEL, 1993)

Ainda que a mente não seja redutível ao corpo, nada acontecerá no corpo que não ocorra na mente e vice versa. Assim, quando o corpo *padece* a mente - alma, *mens* - também *padece* - *imaginará* - e quando o corpo *agir*, a mente *agirá*, simultaneamente: ‘*entenderá*’.<sup>32</sup>

Referindo-se a esta ligação corpo-alma em Espinosa, Chauí (1995) salienta que, “pela primeira vez, em toda a história da filosofia, corpo e alma são ativos ou passivos juntos e por inteiro, em igualdade de condições e sem

---

<sup>32</sup> A ideia de entendimento, aqui, diz respeito à compreensão do encadeamento das ações, dos acontecimentos que se efetuam, necessariamente. A partir da conexão do que acontece, o que existe não poderá ser diferente, nem deixar de existir. ( CHAUI, 1995)



relação hierárquica entre eles. Nem corpo comanda a alma nem alma comanda corpo”. (CHAUI, 1995:66)

Essa relação de reciprocidade entre corpo e alma que aparece na filosofia de Espinosa abriga a ideia de que só existe uma Natureza que se autoproduz, engendrando todas as coisas, todos os indivíduos. Um *Plano comum de imanência*, observa Deleuze, “em que estão todos os corpos, todas as almas, todos os indivíduos”. (DELEUZE, 2002:127). Corpo e mente são expressões da mesma substância, de uma substância única que Espinosa denomina *Deus*.

Porém, rompendo com toda a tradição teológica de seu tempo, Espinosa vai conceber essa ideia de Deus não como a de um ser dotado de vontade ou de onisciência. Ao contrário, concebe a ideia de um Deus que não cria e nem legisla, cuja causa de sua existência é imanente: uma substância concebida em si e por si mesma que, ao causar-se, causa todas as outras coisas existentes. Esta concepção singular de Deus implica um princípio de causalidade interno a todas as coisas, ou seja, um processo de produção próprio à vida que nunca dirá respeito a alguma causa exterior a ela, ao contrário, encontra-se na própria vida.

Este é o sentido de existência - autoprodução, causa de si - cunhado pela filosofia espinosista: “*Deus sive Natura*” ou Deus é Natureza de onde tudo se expressa.

Cabe observar que esse Deus não é criador de nada, ele apenas produz, autoproduz e produz naturezas, existências, inclusive a humana.

Na filosofia de Espinosa, essa natureza autoprodutora recebe o nome de *Natura Naturada* ou ainda, tudo aquilo que seja uma qualidade de Deus, a *Natureza Naturante*. (ESPINOSA, 1979:108) Um Deus que nada tem a ver com uma entidade separada dos seus efeitos, ou modos. Ao contrário, que se exprime através desses efeitos. E seus modos de expressão, ao mesmo tempo, o exprimem como uma fonte inesgotável, ilimitada, de produção, de modificações dessa substância única e infinita, que não foi criada por nenhuma força fora dela mesma.

Ao abrirmos este breve parêntese a respeito da noção de Deus formulada por Espinosa, interessa-nos dar ênfase ao fato de que este Deus não

tem, propriamente, um ‘poder’, ele é uma potência e esta potência é ato. No caso de Deus, esta potência é a força para produzir-se e produzir todas as coisas e, no caso dos modos, ou das modificações finitas dessa substância única - tudo que existe -, também, são potências de agir e de produzir efeitos.

O humano, por exemplo, afirma Chauí, é um *conatus*<sup>33</sup> e “é pelo *conatus* que ele é uma parte da Natureza ou uma parte da potência infinita da substância”. (CHAUI, 1995:63) Os humanos como os demais seres, acrescenta Chauí, são dotados de *conatus* com algo muito singular: “somente os humanos são conscientes de possuir o esforço de perseveração na existência. Na verdade, os humanos não possuem *conatus*, são *conatus*.” (CHAUI, 1995: 63).

Dito de outro modo, todo ser vivo é um esforço, uma insistência, uma persistência em existir e cada corpo exerce um grau de potência sobre outros corpos podendo, ao mesmo tempo, encontrar uma potência superior à sua, capaz de destruí-lo ou de lançá-lo para fora de algum tipo de codificação até então preponderante.

Em suma, todo indivíduo - ou ainda, todo corpo - pode ou não perdurar e perdura somente enquanto existe uma força que mantenha o máximo da conjugação que lhe talhou uma moldura. Moldura que só se mantém enquanto existirem alianças - as simpatias de que nos falava Deleuze - que conservem o máximo de seu processo de produção. Enquanto houver, explica Deleuze, “partes extensivas que me pertencem sob certa relação, partes infinitamente pequenas que me pertencem, posso dizer: existo.” (DELEUZE, 2009:220)



*A tarde chegava nublada como o rosto do menino que parecia um tanto ‘apagado’.*

*Meio menino, meio ancião... Pode-se dizer de uma beleza incomum.*

*Embora nada animado, lembrava algum personagem dos desenhos infantis.*

<sup>33</sup> Termo latino, cujo sentido é esforço de/para. Chauí (1995) observa que o termo é utilizado a partir da física do século XVII, ao apresentar o princípio de inércia - um corpo permanecerá em movimento ou em repouso desde que outro corpo não atue sobre ele modificando seu estado - possibilitando pensar que “ todos os seres do universo possuem a tendência natural e espontânea de autoconservação e se esforçam para permanecer na existência”. (CHAUI, 1995: 106)

*O encaminhamento - em mãos - anunciava: já passou por muitas entrevistas, mas não consegue aderir ao tratamento.*

*Nem bem entrávamos na sala, em tom de desafio, introduz a conversa.*

*Tenho um assunto pendente!*

*Viu Gasparzinho? Me veio de súbito à cabeça...*

*Vi, por quê?*

*Lembrei agora: algo que ele diz sobre todo fantasma ser um assunto pendente.*

*Esboçando um sorriso amarelo, imposta uma voz firme, quase repreensiva exclamando: ser ou não ser um psicótico!*

*Na tentativa de amenizar aquele tom grave, sigo: bem, aí já parece mais Shakespeare...*

*Não!*

*São esses carneiros... Empresários da doença. Sim, porque esses médicos, psiquiatras, sobre saúde é que não entendem nada. Ter um jeito diferente? Ser diferente?*

*Desde cedo foi assim. Fui assim.*

*Mas isso nunca me incomodou.*

*O insuportável mesmo era ninguém ver nada, ninguém querer saber nada. Tudo em mim, meu corpo, meus pensamentos, tudo se transformava em exótico. Era mais fácil.*

*Para quem?*

*Ele segue: não era. Era mesmo muita tristeza.*

*A carne... Sempre foi uma ameaça para mim. Sabia?*

*Nunca fui chegado à comida. Parecia que seria comido ao invés de comer.*

*Principalmente, coisas sólidas. Mais ainda, a carne.*

*Daí ser um psicótico?*

*Nunca colocava meus pés no chão quando sentava? Sabia? Era criança...*

*Mas não era por isso. Eu tinha ideias, muitas ideias na cabeça do que não podia fazer, do que podia...*

*Ninguém via? Ou sabia?*

*Claro que via, mas fazia que não... Até que meu corpo tombava exausto.*

*Mas o mundo não tolera a provocação. Sabia?*

*Eu gosto da provocação!*

*Gosto de seguir as garotas na rua. Mas só para seguir... Não consigo tocar no corpo... Me dá agonia pensar em juntar meu corpo com outro corpo.*

*Aí eu comecei a escandalizar. Envergonhar a familiazinha nas festas, assustar as pessoas certinhas... Que divertido! Hahhahahah*

*Então, todo mundo viu: ele só pode ser psicótico!*

*Quer ler essa bula? Aumentando o tom.*

*Preferia não ler agora.*

*É para psicóticos! Para psicóticos...*

*Do que mais você gosta, além de provocar as pessoas?*

*Eu gosto de escrever e de desenhar. Charges eu gosto mais.*

*Devem ser cômicas?*

*Cômicas, é claro... Meu humor é cortante, devo te dizer. Os dramas da vida não me comovem. Isso é muito assustador. Para os outros, é claro.*

*Como fica para você? Será que sou mesmo um psicótico? Hahahahahhahahaha*

*Você é divertido, realmente. Gostaria de trazer seus escritos para a gente ler? Ou alguns desenhos?*

*Gostaria! Eu tenho muita coisa... Na próxima vez lembro de trazer...*

*E foi chegando o tempo das charges, dos muitos escritos livres...*

*Indicações de que o fantasma ia se esfumando.*

*Depois veio o tempo das lágrimas, muitas lágrimas. E o tempo das revoltas...*

*Era necessário construir tempo para refazer os espaços.*

*Mas tinha o tempo das risadas, muitas risadas.*

*Até chegarem os textos profissionais, escritos para uma revista voltada à juventude.*

*Um belo dia, surge o tempo de poder comer um pedaço de carne. Bem depois, o tempo de ser tocado e tocar o corpo de uma mulher.*

*Um dia... Parecia o mais belo dos dias...*

*Configura-se o de tempo de poder ter uma "grande ideia"...*

*Sabia? Dane-se, se sou ou se não sou um psicótico...*

*Hahaahahahahah*

*Fragmento 06*

Em *Corpo e pensamento: alianças conceituais entre Deleuze e Espinosa*, Cintia Silva salienta que as ideias, que, na perspectiva espinosista, se encontram na nossa mente, “se referem ao que se passa no corpo ou ao efeito dos corpos exteriores sobre o nosso corpo” (SILVA, 2007:149). O pensamento, aqui, conforme sublinha Silva, não é algo que habita um corpo, mas uma expressão do próprio corpo.

Cada modo de vida diz respeito a uma maneira de pensar-agir ou, nos termos espinosista, a uma maneira de conhecer.

Neste sentido, nosso percurso exprime esse ânimo, essa vontade, como diria Nietzsche, de favorecer a imprescindível tarefa de entretecer corpo e psiquismo como dois modos distintos, porém, totalmente indissociáveis. Pôr em análise a ideia de que corpo e psiquismo são entidades distintas - duas substâncias diferentes - interligadas.<sup>34</sup> Perspectiva espacializada, consolidada, historicamente, de que o homem é dividido em duas partes: uma, relativa ao espaço interior e outra, voltada para uma exterioridade.

Mas, se isso nos interessa, não é no sentido de desqualificar o psiquismo em favor do corpo, mas, como nos diz Deleuze, seguindo as pistas da filosofia espinosista, de consistir “uma desvalorização da consciência em relação ao pensamento: uma descoberta do inconsciente e de um inconsciente do pensamento, não menos profundo que o desconhecido do corpo”. (DELEUZE: 1970,27)

Abraçar a força dessa reciprocidade, dar a devida importância aos seus efeitos na experimentação clínica é desejar fazer insurgir essa potência recíproca enquanto uma política da produção de subjetividades. Dito de outro modo, ao atrairmos esta simultaneidade para nosso campo problemático, interessa-nos destacar que psíquico e somático nada mais são do que duas maneiras diferentes de exprimir uma mesma realidade e, sob este ponto de vista, não pode haver *ação* ou *paixão* que não produza um efeito imediatamente “psicossomático”.

Classicamente, no âmbito dos estudos a respeito da subjetividade, as doenças chamadas psicossomáticas são consideradas tipos de enfermidades que, embora apareçam no corpo, possuem uma espécie de causa na

---

<sup>34</sup> Perspectiva defendida por René Descartes (século XVII) que separa duas substâncias distintas - alma e corpo -, um agindo sobre o outro e ligados através da glândula pineal.

afetividade, sendo o aspecto psíquico o que vai determinar não só os estados críticos da doença como sua estabilização. Ou ainda, são entendidas como algo que, por não ser simbolizado, vai aparecer no 'real do corpo'.

As chamadas novas formas de sofrimento psíquico, por exemplo, muitas vezes, são denominadas 'novas' pelo fato de produzirem, com certa ênfase o sintoma somático. Entretanto, nenhum tipo de sofrimento psíquico deixou de ter no corpo sua sede incontestável de expressão.

Não nos parece que esta seja a 'novidade' que se colocaria hoje, para os estudos acerca da subjetividade, ao contrário, a 'novidade' diz respeito ao problema do uso. Uso da sensibilidade, da linguagem e dos afetos para construir verdadeiras blindagens do 'corpo-pensamento'. O constrangimento, como justificativa para segurança, conquistas, longevidade, etc.

#### **TRÊS MODOS DE FUNCIONAMENTO...**

Ao formular a noção de Ideia, Espinosa vai distingui-la em três tipos e cada tipo corresponderá, em sua perspectiva, a três modos de conhecimento. *Gêneros de conhecimento*, diz Espinosa. Porém, tais maneiras de conhecer coexistem e são, mais ou menos evidentes, mediante as composições que um corpo efetua no decorrer de sua existência. Ou ainda - conforme sublinhamos - mediante os agenciamentos coletivos que esse corpo engendra.

Estes três tipos de ideias: o *Affectio*, as *Noções* e as chamadas *Ideias Essências*, correspondem à *imaginação*, à *razão* e à *intuição*.

O *Affectio* - ideias afecções - implica um contato, uma ação de um corpo sobre outro, ou seja, diz respeito a todo tipo de mistura de corpos. As afecções vão indicar a natureza do corpo afetado, mas não a do corpo afetante e, por este motivo, Espinosa denomina essa maneira de conceber o mundo como um *Primeiro Gênero do Conhecimento*. Trata-se de um tipo de conhecimento a partir de ideias relativas às composições ou decomposições do corpo, separadas daquilo que causou essas misturas ou abalos. No modo de dizer de Espinosa, são *Ideias Inadequadas*. São *opiniões* nas quais creditamos a

veracidade das coisas, dos fatos, dos sentimentos. Maneira de conhecer na qual o que predomina é a *imaginação*, predominância que, na filosofia espinosista, terá como efeito uma maneira de viver prisioneira das paixões. Diz Espinosa que, “o homem, submetido às afecções, não é senhor de si, mas depende da fortuna, sob cujo poder ele está, de tal modo que é muitas vezes forçado a seguir o pior, vendo muito embora o que é melhor para si” (ESPINOSA, 1992:355) O pensamento, neste caso, afirma Espinosa, separado do que ele pode, é convertido em uma ilusão e, sendo assim, engendrará um modo de vida pautado nesta ilusão tornando-se dominado pelo sofrimento ou pela fraqueza, gerado por tomar os efeitos - dos outros corpos sobre o corpo afetado - como se fossem causas. Signos equívocos, sublinha Deleuze, “signos indicativos que envolvem o conhecimento inadequado das coisas, e signos imperativos que envolvem o conhecimento inadequado das leis” (DELEUZE, 1970: 62)

Um segundo tipo de ideias, as *Noções*, também chamadas de *noções comuns*, já não dizem respeito ao mero efeito de um corpo sobre outro. Elas se referem a uma conveniência interna da relação entre dois corpos. É um gênero de razão, pois reconhece as leis, os códigos e representa a “composição das relações reais entre os modos ou indivíduos existentes”. (DELEUZE, 1970:112) Embora digam respeito a um coletivo - pois sem elas não haveria comunicação - as chamadas *noções comuns* são individuais. São relações que compõem a essência, embora não sejam ‘a essência’. São regras às quais um corpo se associa. *Segundo gênero do conhecimento*, designa Espinosa. Modo de conhecer pela razão que, embora seja considerado *adequado*, não envolve uma ruptura com o pensamento linear e representativo, não envolve, propriamente, um processo de criação. Entretanto, será, a partir desse gênero de razão, que se torna possível distinguir o que é contingente daquilo que é necessário,<sup>35</sup> pois, “é da natureza

---

<sup>35</sup> Na perspectiva formulada por Espinosa, é contingente aquilo que pode existir ou deixar de existir. Como na Natureza não existem imperfeições, tudo o que existe é necessário. Existir, ser, agir são uma única expressão da Natureza. Conforme a proposição XXIX do Livro I da *Ética*, “Na Natureza nada existe de contingente, antes, tudo é determinado pela necessidade da natureza divina a existir e agir de modo certo”. (ESPINOSA, 1995)

da Razão considerar as coisas não como contingentes, mas como necessárias”.  
(ESPINOSA, 1979: 165)

Mas como o pensar pode efetuar uma descontinuidade com o meramente representativo, possibilitando que outra maneira de conhecer possa emergir, lançando um modo de vida para longe de seu perímetro habitual?

Espinosa responde à nossa pergunta, quando concebe uma terceira maneira de conhecer que permitirá uma ruptura com o pensamento linear e representativo. São as chamadas *ideias essências*, ou ainda, *perceptos*, que produzirão um além às determinações exteriores ao corpo. Entendimento, intuição, intensidade pura, ou ainda, para retomar a problematização de Deleuze, produção de um pensamento sem imagem. Pensamento que não tem falta de nada, em que não há um sujeito que pensa, mas um pensamento se efetuando em nós, a partir da experimentação. Realidade que diz respeito à causa imanente, e nunca a uma emanção, algo que derive de uma procedência determinada e externa ao próprio corpo. Ao contrário, a causa, aqui, é sempre referida a um ato. São ideias ativas, força própria e atual ou ainda, *potência de pensar e agir*.

Mas, para que serve fazer comparecer nesse ‘percurso-tese’ acerca de Expressividades na clínica o problema do conhecimento em Espinosa? Certamente, não se trata de uma preocupação epistemológica. Muito menos de dar enxerto para o chamado *capitalismo cognitivo*<sup>36</sup> que hoje ganha tanto relevo.

Interessa-nos realçar que os gêneros de conhecimento, conforme sublinha Deleuze, “são modos de existência, porque o conhecer prolonga-se nos tipos de consciência e de afetos que lhe corresponde, de maneiras a que todo o poder de ser afectado seja necessariamente preenchido” (DELEUZE, 1970:61)

Assim, a consciência, sempre, será secundária em relação à ideia de que é consciência. Dirá respeito ao efeito dos corpos exteriores - marcas -

---

<sup>36</sup> Noção proposta por pesquisadores que integram o coletivo da Associação Multitudes cuja publicação trimestral *Multitude*, fundada em 2000, articula o pensamento de autores como Antonio Negri e Michael Hardt com a filosofia de Deleuze & Guattari em relação ao estatuto da cultura e da subjetividade na perspectiva do capitalismo atual.



sobre o nosso corpo, como consciência das ideias *mutiladas ou confusas* que temos, “inseparável da dupla ilusão que a constitui: a ilusão da finalidade e a ilusão da liberdade”. (DELEUZE, 1970:29)

A razão, ainda que nos permita conhecer, fazer ciência, obter conhecimentos, mantém como alvo o alcance da verdade e do melhor, pois será sempre norteada por uma moral.

Pode-se dizer que o homem encontra-se prisioneiro do primeiro gênero do conhecimento, ainda que avançando científica e tecnologicamente, ignora as causas que lhe afetam, o que o torna mais potente ou as que o envenena a cada dia. Todavia, estas três maneiras de conhecer coexistem e se defrontam constantemente. E, será neste embate, que poderão surgir as chances de que as *forças ativas* ultrapassem a submissão, as significações dominantes, expressando atos de liberdade.

Três lógicas diferentes, três maneiras de pensar, três modos de funcionar. Nos termos de Deleuze, uma lógica do signo, outra do conceito e uma lógica da essência. (DELEUZE, 1997) Cada uma dessas maneiras de ser - que Deleuze denomina de *Três Éticas* que vão compor a obra espinosista -, “coexiste com as demais e se prolonga nas demais, apesar de suas diferenças de natureza. É um único e mesmo mundo. Cada uma estende passarelas para transpor o vazio que as separa”. (DELEUZE, 1997:170)

Conhecer é agir, é maneira de viver, maneira de produzir e desfazer realidades, *entendimento*. Conhecer a partir de graus de potência, pelo cofuncionamento ‘corpo-pensamento’: uma *Ética*.



*Ah! Até que enfim a Sra!!!*

*Uma estranha voz, um sotaque... um contra-ataque?*

*Quero entrar para o seu grupo!!!*

*A voz elevada se estendia pelo corredor. Mas o tom não era de satisfação, remetia a um tipo de desacato.*

*Era noite... Um cansaço abissal. Um desejo de partir para o acolhimento de casa. Mas, de repente, um corpo - parrudo e espaçoso -se/me aflige.*

*Estou esperando a sra já há um tempão...*

*E ainda assim, nada parecia fazer sentido.*

*Teria sido obra do esquecimento? Das marcações de atendimento? Já era noite. Apenas a secretária aguardava e olhava com um ar enigmático.*

*Podemos combinar então?*

*Mas como a pergunta ecoava longe e parecia cada vez mais estranha, o caminho possível era retornar rumo ao consultório de atendimento... Vamos lá?*

*Agora, olhando mais atentamente era possível perceber o homem forte, de boa altura, com uma rigidez nos gestos e uma rispidez no modo de falar.*

*A sra vai ou não me aceitar no grupo?*

*E a proposta que surge inevitavelmente é: que tal marcarmos um horário para saber mais sobre essa ideia de ser incluído no grupo?*

*Nesse instante, um pacote que até então estava invisível, cheio de remédios - variados em tamanho e cor, todos sem rótulo ou invólucro - é lançado ao chão. Junto desse saco plástico, também é lançada uma pasta de onde voam várias folhas de papel.*

*E todo aquele cansaço parece voar junto às folhas: muitas receitas, prescrição de exames, protocolos de processos. E o tom da voz aumenta tanto que chega até a secretária. Um forte calor subia à cabeça, às nossas cabeças. Um brado retumbante: vou tomar esse remédio -um comprimido retirado do saco que pega no chão - para me acalmar e volto porque estou pensando em processá-la por negligência. Estou aqui pedindo para entrar no seu grupo e sra. fala de voltar para continuar me ouvindo falar? Falar mais o quê?*

*Uma saída ruidosa.*

*Ir e voltar parecia durar uma eternidade. A pasta caída no chão, os papéis, o saco de remédios agora já sobre a mesa. Pra que ter pressa? O tempo parecia paralisado ali, como um trem enguiçado naquela estação.*

*A volta: por favor... ensaio um gesto que aponta para o chão. E a pasta, os papéis, os protocolos são catados um por um ainda sem a menor pressa. Já se passara mais de uma hora.*

*E a proposta retorna: marcar um novo encontro e nesse sim, entendermos juntos, essa vontade de grupo.*

*E a resposta é rápida. Não! Se eu não posso entrar para o grupo, eu não vou voltar. E a sra.? Posso lhe processar por negligência. Não ouviu?*

*Subitamente, enuncio: pois vá! Agora já está tarde e como foi disponibilizada uma hora e meia depois do horário de funcionamento do serviço, faça a denúncia de negligência. De omissão é melhor. Faça amanhã, bem cedo. Faça isso!*

*Mas, se, por acaso, mudar de ideia, volta na próxima semana.*

*Entre resmungos e desaforos, indico a porta sugerindo a saída.*

*UFA!!!! A secretária conta que apenas teria dito que havia uma pessoa que atendia grupo e ele resolveu esperar.*

*Uma semana depois, a volta. E retorna durante um ano e meio.*

*Tempo de narrativas, tempo dos acontecimentos. De dar sentido às agressões -verbais e físicas - que geraram alguns processos judiciais sem muita gravidade; às dores generalizadas estampadas na rigidez do corpo; à dificuldade de filtrar remediada apenas com os diuréticos; à amargura tamponada com alegação da disfunção do fígado que rangia cada vez mais diante de tantos remédios; ao sufoco - um fio respiratório - constante, frente à discriminação, ao descaso, à naturalização de sua presença constante e ruidosa nas policlínicas que só fazia aumentar o colorido dos remédios e forjar o sentido mais cruel de assistência.*

*Mas algo que repete, também faz escapar.*

*Foram fortes, potentes e acirrados os nossos encontros.*

*Uma geografia afetiva, aos poucos, vai-se alterando: outros dentes, novas camisas, um desejo de voltar aos estudos, vontade de namorar. E ter um psiquiatra - apenas um - centralizado no serviço.*

*Tempo de desunião de uma ligação perigosa com as unidades - não só as ditas unidades de saúde- e de poder circular por outras paisagens um pouco mais alegres.*

*O excessivo já se fazia limitador e o um podia funcionar naquele momento, como um multiplicador.*

*Depois desse um ano e meio, concluímos - cientes de alguns riscos - pela experimentação do processo de análise em grupo.*

*(Fragmento 07)*

### III. OLHAR, OUVIR, SER AFETADO E AFETAR.

#### PASSAGEM 3

Vamos enveredar por nossa terceira passagem. Ela precisa nos servir como trilha para a construção de um caminho de volta, mas desse tipo de volta que não pode interromper - fechar um círculo - nem emperrar o nosso funcionamento. Ao contrário, é preciso que ela funcione como uma espécie de espiral circulando em torno de um ponto forjado por nós - como um suposto ponto de partida - girando, carregando para longe desse eixo os nossos problemas, ilimitadamente, já que, para se constituir em elemento de passagem para a construção de uma volta, será preciso que esse 'modo- tese' - entendido aqui como primado do caminho em relação à meta - nos permita enfrentar o fugidio e embaraçoso processo de criação de portas de saída.

Uma espécie de fio condutor se mantém, já que se insinuou pela força do ensaio de Laymert Santos (1989), a partir da experiência do *Dizer* enquanto *Experiência da Agonia*, bordando alguns sentidos para a agonia de nossa experimentação.

*Dizer*, seguindo a trilha de Santos, é a *guerra dos órgãos, fio de Ariadne, luta contra a tutela do medo, reviravolta, desdobramento das forças da agonia em exercício. "Dizer é um fragmento do exercício"*. (SANTOS, 1988:21). Como um vai e vem, atração e repulsa, ziguezagues e súbitas paradas nessa experiência intensa e, ao mesmo tempo, precária. Ao modo de Laymert Santos, "não se trata de procurar exprimir, manifestar a "essência" dessa experiência, nem mesmo de procurar transcrever, num outro plano, a *morte fenomenal*, *Dizer* não é representá-la no palco da consciência. *Dizer é fragmento"*. (SANTOS, 1988:21) Transmutação da linguagem em ação no corpo, atividade fisiológica, pois, quem afirma, interroga Laymert, a não ser o corpo vivo?

Ah, essa predominância demasiada do verbo... Nada mais, nada menos do que palavras de ordem, agulhão a pressionar o corpo a livrar-se da carne

para lograr vantagens especiais ao languageiro. Desqualificação do corpo, força esvaziada, “soterrada pela civilização da voz imensa, do Verbo que ordena e se assenhora do corpo, que o submete, o disciplina”. (SANTOS, 1988:24)

Dizer na clínica, a respeito da clínica, acerca dos desvios produzidos pela clínica, das rupturas com a clínica. Nosso desafio, nossa inquietação, nossa agonia.

Sigamos, então, impulsionados pela atmosfera de mais esse fragmento do ensaio de Laymert Santos, reafirmando a ideia de que, quando abraçamos a perspectiva de que a subjetividade é um tipo de produção coletiva, não centralizada em um indivíduo, tínhamos a noção do quanto estávamos na contramão de toda uma tradição filosófica e psicológica que concebeu a subjetividade como uma identidade individual, uma entidade que habita o interior do indivíduo. Embora sabendo que esse não é um tema propriamente novo, a maneira como ele reaparece na obra de Félix Guattari tornou-se uma de suas maiores contribuições para nossos estudos na psicologia clínica, podendo nos fazer ver que a subjetividade envolve um processo produtivo no qual toma parte um conjunto heterogêneo de relações sociais, de modos de expressão - sejam os que passam pela linguagem, sejam os que dizem respeito a outros sistemas de referência - assim como, estarão, inevitavelmente, em sua composição, as relações político-econômicas e as relações midiáticas que ocupam hoje um lugar preponderante nessa produção.

Guattari produziu um deslocamento, uma subversão da clássica noção de sujeito de onde emerge o principal sentido da noção de subjetividade. Entretanto, essa subversão torna-se mais potente quando, conectados, Deleuze & Guattari vão desidentificar o pensamento ao conhecimento, mais precisamente, vão pôr em xeque as bases do conhecimento representativo.

Conforme sublinhamos no primeiro plano desse estudo, seja na filosofia de Deleuze, seja no modo como essa filosofia atravessa a clínica de Felix Guattari, o pensar irrompe como sinônimo de criar e essa criação não diz mais respeito a uma vontade livre de um sujeito pensante que ordena suas representações nem é, necessariamente, uma posse daqueles que ocupam o território dos centros acadêmicos de ensino e pesquisa ou do abundante

mercado das galerias de arte. O criar/pensar diz respeito a uma produção político-subjetiva que emerge por perplexidades, por instabilidades, por movimentos intempestivos, por quebras e rupturas, por expressividades. E se isso pode ser uma questão de poucos, também não será um privilégio de alguém.

Mais ainda, se nos apropriamos deste caminho, conforme proposto por Deleuze, a partir do qual o próprio processo do pensar implica imprevisibilidade, desvio, 'desordem', criação, o exercício do pensamento não poderá se restringir à criação de conceitos, ele dirá respeito a planos extrafilosóficos com os quais se consiga fabricar diferentes maneiras de viver. E se falamos em fabricação de maneiras de viver, como já insistíamos, falamos dos esforços coletivos para gestar, ultrapassar, ainda que aos trancos e barrancos, as delimitações e o empobrecimento dos modos de vida a partir do ato de criar.

Todos que trabalhamos na produção político-social da subjetividade, nos encontramos, conforme sublinhou Guattari, nessa *encruzilhada política e micropolítica*. Ou naturalmente, tomamos parte nos jogos pré-fabricados do mercado político-subjetivo como suposta única saída, ou trabalhamos no sentido do desacordo, a partir das possibilidades e das alianças que conseguirmos pôr para funcionar. (GUATTARI e ROLNIK: 2008,37) Podemos dizer, então, que criar, neste sentido, torna-se sinônimo de resistir. Mas, se assim for, precisaremos de uma boa dose de cuidado quando entrelaçamos as noções de criação e resistência, principalmente por esta última ter-se constituído em um 'conceito técnico' no âmbito das práticas clínicas.

A noção de resistência encontra-se, majoritariamente, associada à ideia de reação. De uma oposição a algum tipo de força superior - vinda de fora ou de dentro - com vistas a uma ação defensiva. Na versão judaico-cristã, por exemplo, resistir ganhou um sentido de suportabilidade, neste caso, ao sofrimento e ao esforço para sobreviver.

No plano sócio-político, as resistências dizem respeito - e não por acaso - a uma recusa à submissão, ao controle, uma persistência diante de uma força opressora. No discurso predominante no campo da subjetividade, a noção de resistência conservou, em certa medida, seu sentido reativo. Resistir

diz respeito à impossibilidade de que conteúdos recalcados ameaçadores cheguem à consciência.

No caso do processo de análise, torna-se sinônimo de dificultar as possíveis mudanças decorrentes desse processo, ainda que, após combatida e superada, possibilite a emergência da própria mudança. Classicamente, nos diferentes referenciais Psi, consideram-se resistência as repetições de múltiplos componentes da vida de um analisando com um caráter defensivo, cuja função do processo de análise seria interferir no modo como este analisando resiste e a que ele estaria resistindo.

Vale observarmos que a noção de resistência, em suas diferentes modulações, guardou uma relação íntima com o binômio bem e mal, com o par 'ordem - desordem' e com a dissociação entre o corpo - que sofre uma ação de compressão - e a cabeça, que deve ser capaz de reagir ou sucumbir diante desse sofrimento.

Entretanto, conforme interroga Foucault, será possível pensar em formas de resistência que não são anteriores aos poderes que enfrenta? Em certa medida é disso que tratam Deleuze & Guattari quando afirmam que criar é resistir e não o contrário. Quando dizem que criar torna-se sinônimo de resistir, falam de correlação de forças, de corpos que se enfrentam, de esforços, de tensão, embates e usos. Falam de ações, de práticas que não se limitem a uma reação, seja no plano político-econômico, seja contra algum centro de poder. Trata-se de efeitos, força inventiva, sempre, coextensiva ao poder, no sentido de Foucault, e "absolutamente contemporânea". (FOUCAULT,1979:241)

Sob este ponto de vista, soaria controverso se um exercício que se expõe a partir da análise dos modos preestabelecidos de modelagem e empobrecimento dos processos de subjetivação, abstraísse da experiência a força das formas de captura e capitalização de poder subjetivo (GUATTARI:1990).<sup>37</sup> Ignorasse o fato de que os chamados 'processos criativos'

---

<sup>37</sup>Guattari foi um provocador incansável de nossa atenção para os efeitos do capitalismo pós-industrial que ele nomeou de CMI- Capitalismo Mundial Integrado - que funciona descentrando seus focos de poder da linha de produção de bens e serviços para investir de maneira avassaladora "na produção de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens etc." Ao

tanto podem implicar efeitos liberadores, como podem se transformar em efeitos constrangedores. Podem tomar direções fugidias em relação a um *turbocapitalismo fora de controle*, conforme expressão de Pelbart (2000:41), como podem passar por recombinações e reapropriações no mercado subjetivo com seus efeitos nefastos na produção de subjetividades.

Então, em que medida os chamados processos criativos em suas múltiplas facetas se combinam ou são explorados, vampirizados, como observa Pelbart, “por dispositivos de expropriação e comando ou, ao contrário, instauram processos positivos e singularizantes, capazes de funcionar como resistência num contexto de homogeneização?” (PELBART,2003:132)

Daí, nossa constante inquietação dizer respeito a como fazer valer essa interface clínico-política, que tanto nos interessa. Fazer valer a aliança pensamento, subjetividade e clínica enquanto uma aposta no fazer clínico, como uma experimentação *extemporânea*,<sup>38</sup> já que a história inventa os fatos, mas, ao mesmo tempo, algo escapa à história factual e linear, “uma nuvem não histórica,” observa Deleuze, porque a experimentação não é histórica. (DELEUZE:2000) A experimentação já implica uma experiência de deslocamento, de desvio daquilo que nos conforma no presente, do que nos fixa a um lugar determinado - ou pré-determinado - no tempo. (NIETZSCHE: 2003)

Se pensamos assim a experimentação clínica, doravante, precisa ser encarada como ato insubmisso ao “espírito de seu tempo”, como ação inconveniente. Geração de condições para engendrar maneiras de enfrentar os desmanchamentos daquilo que, na história linear de uma vida, ainda que com grandes doses de sofrimento, se constituiu como permanente, fixo e natural, para, a partir dessa dissolvência, produzir saídas em direção a um além do seu tempo.

---

mesmo tempo foi um agente implacável na criação de modos de resistência a esses efeitos nefastos do CMI na produção de subjetividades. (GUATTARI: 1990, 31. Papirus. SP

<sup>38</sup> NIETZSCHE, FRIEDRICH. *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003.



Deleuze, na bela entrevista a Toni Negri, observa que a história “designa somente o conjunto de condições, por mais recentes que sejam, das quais desvia-se, a fim de ‘devir’, isto é, para criar algo novo, o que Nietzsche chamou de Intempestivo”. (DELEUZE, 2000:211)

Pensando deste modo, falar de experimentação clínica é defrontar-se com a experiência de deslocamento da própria história da prática clínica, das histórias lineares que compõem o cotidiano da clínica e de seus coautores - analisandos, analistas, professores, pesquisadores, múltiplos agentes extra-*Psis* - em suma, trata-se da agonia de, envolvidos no nosso próprio tempo, forçá-lo a um desvio.

Entretanto, este é um esforço sempre arriscado e instável. Desviar-se da própria trajetória da clínica, cuja produção histórica se dá a partir dos embates entre práticas heterogêneas que objetivaram - e objetivam - o que em seu sentido mais comum aparece individuado como “A Clínica”. Em suma, falamos de uma política, uma política da produção de subjetividades, de uma experimentação que se dá a partir das “*fendas da existência*”, como nomeiam Passos e Benevides, “lá onde o que somos está em vias de se modular, em que algo se anuncia como expressão da diferença, quando morremos no que somos para advir outra coisa”. (PASSOS E BENEVIDES, 2006:96)



*Fendas na parede evidenciam rachaduras na casa.*

*Abalos no/ do abrigo.*

*Porque casa pode até ser refúgio para evitar os enfrentamentos, mas também pode ser uma trincheira.*

*Racham as paredes... Sorrateiramente, vemos rachar o chão, o pensamento racha.*

*Mas se toda quebra indica um por vir... um porvir, um povo por criar?*

*Vive-se por um fio, um fio de navalha...*

*Racham as crenças, racham os planos de sustentação das crenças.*

*Mas a cidade está toda rachada...*

*Britadeiras a rachar todas as casas. A destruir os abrigos, a desfazer trincheiras, a dissolver o comum.*

*Racham os edifícios... os mal acabados mas principalmente, os que se posicionam entre: bem no veio dessas rachaduras.*

*Racham as economias - material, político-subjetiva - inflando a economia de mercado.*

*A cidade que, antes, sorria, agora é um paliteiro.*

*Expõe a pouca vergonha que tem de expropriar, aviltar, enlouquecer sua gente. São palitos de concreto rachando o lucro dessas tantas imposturas.*

*A enchente travestida em abundância, as casas erguidas sobre o lixo...*

*Racham os esgotos, rompem as tubulações, interrompe o fluxo das redes .*

*Rachados, corpo/pensamento ainda assim, cambaleantes, seguem à procura de outro jeito.*

*Vão rachando palavras, alianças, afetos. O comum agora se desajeita,*

*É quase apenas um sujeito que teme o morrer.*

*A fenda encontra-se aberta, como uma ferida exposta!*

*Há males que vêm para o bem? Faz-me chorar!*

*Há mau que precisa ir para que se insinue algo de bom?*

*Faz-me rir! Então, faz-me alegrar.*

*Tornar-se outro quase sempre - e por que não dizer sempre? - dói.*

*Essa arruaça, essa 'desordem'... esses percursos, essas travessias, essas encruzilhadas...*

*E seguir se esgueirando, atravessando por entre as fendas.*

*Inóspito, excepcional e indeterminado 'tempo' de rachaduras.*

*Fragmento 08*

E se pretendemos afirmar o sentido que temos dado ao que Félix Guattari denominou de subjetividade contemporânea, precisamos pensar se é possível dizer, numa apropriação, quem sabe até inconveniente em relação a Foucault, que a questão da experimentação clínica, hoje, não é descobrir o que somos, nem interpretar o que fomos, mas, ao contrário, recusá-los para produzir um outro tipo de realidade. Será preciso, então, insistir com Foucault, que cada época inserida em um determinado conjunto de relações de saber/poder que configuram e produzem as formas de acesso à realidade,

inventam as diferentes maneiras de produzir verdades, de produzir riquezas, de produzir modos de pensar e viver. Saber e poder, implicados mutuamente, não havendo “relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder”, (MACHADO: 2008,XXI) que vão interferir em toda e qualquer produção de realidade inclusive e, principalmente, no corpo.

Portanto, cada época engendra seu corpo próprio - biológico, social, conceitual, político, afetivo, dentre outros - e cada corpo corresponde a um conjunto de ideias, como efeito, seja das constâncias seja das discontinuidades de suas produções.

Retomemos nosso itinerário, pois embora ele se construa a partir de curvas irregulares, vai também permitindo, vagarosamente, alinhar a perspectiva desse estimado cofuncionamento, pensamento, produção de subjetividade e criação de um plano de expressividades na clínica.

### **3.1.PRÁTICA CLÍNICA E PSICOLOGIA: VICISSITUDES NO/DO CONTEMPORÂNEO**

Se em sua ambição científica, herança iluminista do século XVIII, a psicologia foi perseguindo todo um ideal de exatidão tendo como modelo as ciências da natureza, ela esteve apoiada, conforme nos indica Foucault (2006) na ideia de que a verdade do homem é equivalente à verdade que regia os fenômenos naturais e mais, que todo conhecimento científico deveria ser estabelecido por relações quantitativas, pela construção de hipóteses e pela legitimidade da ciência experimental. Entretanto, essa mesma disposição geral de reconhecer, na realidade humana, algo de semelhante à realidade natural e de procurar nos métodos matemáticos e na exatidão experimental a sustentação do seu projeto de cientificidade, torna-se uma luta inglória. A realidade humana vai- se revelando desordenada em relação às leis que regiam os fenômenos naturais bem como às determinações da verificação experimental. O próprio projeto de ciência exata - ciência experimental - vai aos poucos, se mostrando sem sentido, pois já não convinha mais às ciências

humanas sustentar um modelo quase matemático para ser aplicado ao homem no momento em que esse próprio homem já se separara da natureza.

O homem ganhara um novo *status*, diz Foucault, (2006:134) e a psicologia um novo *estilo*. Um novo projeto é esboçado para legitimar os saberes a respeito do homem e novos problemas serão atraídos para o campo de estudo/intervenção da psicologia. O saber psicológico vai se enredando em novas relações com as práticas médicas, psiquiátricas, psicanalíticas, educacionais, empresariais etc. e as demandas produzidas por essas diferentes práticas serão as da desordem, da inadequação, das perturbações, do imprevisível, do disruptivo. Podemos dizer, nos termos que nos apresenta Foucault que “a psicologia contemporânea é, em sua origem, uma análise do anormal, do patológico, do conflituoso, uma reflexão sobre as contradições do homem consigo mesmo”. (FOUCAULT, 2006:135) E, no afã de fazer valer seu fundamento científico-racional, transforma-se em um saber a respeito da adaptação, do apaziguamento das perturbações afetivas, de uma antevisão, da ordenação.

Neste sentido, a psicologia clínica vem-se defrontando com esse antigo dilema: tentar localizar-se onde o humano expõe sua própria instabilidade - em uma espécie de não localizável - escapando ao âmbito do conhecimento acerca desse mesmo homem - ou alinhar-se aos saberes hegemônicos a respeito do psicológico se consolidando como um saber a respeito do normal, do ajustamento e da ordem. Não é à toa que a psicologia clínica se ergue sob o signo de uma psicologia aplicada, ou seja, como aplicação de uma variedade de técnicas relativas a um conjunto teórico supostamente ordenado e legitimado por um tipo de saber cientificamente sustentado.

Deste modo, um desafio se impõe à psicologia clínica contemporânea, o de poder se desviar desse mesmo conjunto de práticas que a fizeram nascer e crescer enquanto saber científico. Porém, essa nos parece, ainda, uma tarefa tensa, caso levemos a sério, como nos indicou Foucault (2006), a análise das condições de existência da história da psicologia e da própria história da clínica. E porque não dizer que a história da psicologia, em particular a da

psicologia clínica, nos remete à nossa própria história *demasiadamente humana?*<sup>39</sup>

Dito de outro modo, o que está em jogo, hoje, é a possibilidade de sustentarmos uma inquietação própria à experiência de rupturas com uma suposta história linear desse homem e de empreendermos um esforço para forçar a psicologia a desviar-se de si. Essa experiência de desvio, de criação de outros modos de pensar e encarar esse corte com sua própria história e com a história dos agentes que a colocam em funcionamento vem sendo reposicionada no contemporâneo e afirmada, conforme sublinham Passos e Benevides, como experiência clínica, experimentação que “faz bifurcar um percurso de vida na criação de novos territórios existenciais” (PASSOS E BENEVIDES, 2001:90).

Contudo, é preciso que entendamos que *o nascimento da clínica*, conforme Foucault (2008), não está dissociado de um tipo de pensamento que dominou o ocidente moderno, da ideia cartesiana de que a subjetividade é um atributo humano individual e que o pensamento só poderia funcionar quando atrelado à ordem da representação e não como uma prática de criação.

Coloca-se, então, um problema para a prática clínica, seja no âmbito da psicologia clínica, nossa referência político-subjetiva, seja no da clínica psicanalítica, já que ambas mantiveram, cada uma a seu modo, relações estreitas com o pensamento a partir de um sentido vertical do conhecimento, ora voltado para o alto e tendo como princípio o modelo, ora voltado para dentro, mantendo como pressuposto algum tipo de estrutura interna como parâmetro subjetivo. E, como, na perspectiva que abraçamos, o pensar não se separa de um modo de produzir maneiras de subjetivar, podemos dizer que o pensamento vertical proporcionou a devida sustentação às formas também verticais de dominação político-subjetivas seja no âmbito da psicologia, seja no da psicanálise.

É neste sentido que problematizamos, nesse terceiro plano de estudo, as duas principais funções que vão constituir a história da prática clínica. A função do olhar e, posteriormente, a função da escuta que, ainda que

---

<sup>39</sup>NIETZSCHE. FRIEDRICH. *Humano, demasiado humano*. Companhia das Letras, São Paulo. 2005 5ª ed.

diferentes, muitas vezes até antagônicas, guardaram um interesse comum, a relação com o pensamento a partir da ideia de profundidade. Retomando elementos da filosofia de Deleuze, em suas composições com o pensamento estóico, que o vetor profundidade que perdurou, durante muito tempo na história do pensamento, o da busca pelo que há de mais profundo nos corpos, nas palavras, nas causas, nas coisas, ignorando uma espécie de plano fronteiro, um limiar entre o plano de organização dos corpos e um plano de intensidades, de composições, de indeterminações, *epiderme dos acontecimentos*.

Grande descoberta Estóica, observa Deleuze, um combate ao pensamento pré-socrático e ao mesmo tempo, ao platonismo: “a descoberta dos acontecimentos incorporais, sentidos ou efeitos, que são irreduzíveis aos corpos profundos assim como às Ideias altas. Tudo o que acontece e tudo o que se diz acontece e se diz na superfície.” (DELEUZE, 2009:136)

E, como nosso percurso se dispôs a dar dizibilidade ao exercício de uma clínica no/do contemporâneo, a partir do que chamamos, em acordo com a filosofia de Espinosa, de uma prática que se caracteriza pelo seu ‘poder de ser afetada e afetar’, torna-se necessário experimentar uma espécie de esgarçamento dessas duas funções preponderantes na história das práticas clínicas - olhar e escutar - e, coextensivamente, do vetor profundidade que, de alguma maneira, conecta e faz funcionar essas duas funções, para que se insinue um desvio, um vetor de superfície.

Se não se trata mais de plano das alturas, também não se tratará de um mergulho nas profundezas dos seres. Tomar o real como acontecimento, supondo, conforme nos indica Deleuze, que tudo está na superfície dos acontecimentos.

Não que isso implique dizer que esta superfície encontra-se em oposição a uma profundidade dos acontecimentos ou que diga respeito a uma espécie de suporte sobre o qual os acontecimentos se dão. Ao contrário, como Deleuze vai pontuar, revisitando o pensamento estóico na *Segunda Série de Paradoxos: Dos Efeitos de Superfície em Lógica do Sentido* (2009), os corpos possuem suas qualidades físicas, suas ações e paixões, como também os “estados de coisas” correspondentes. E, retomamos aqui o caminho traçado

no segundo plano desse estudo, todos os corpos produzem efeitos que não são corpos, mas efeitos incorpóreos que só se dão na superfície. Não mais estados de coisas, diz Deleuze, “mas acontecimentos incorporais na superfície, que resultam destas misturas”. (DELEUZE, 2009:08).

Não se trata mais de algo que escapa do fundo das coisas, do interior dos corpos, das ideias: trata-se de efeitos. Efeitos, diz Deleuze, “no sentido causal, mas também “efeitos” sonoros, ópticos ou de linguagem - e menos ainda, ou muito mais, uma vez que eles não têm mais nada a ver com o corporal e são agora toda a ideia...” O problema da *superfície*, lembra Deleuze, não é, necessariamente, ser uma oposição à profundidade. Seguindo as pistas da literatura de Paul Valéry, em composição com a arqueologia de Michel Foucault, ele nos provoca dizendo que, para dar conta desse contato com o que denomina de *efeito de superfície*, a interpretação - que deu suporte de esclarecimento ao pensamento representativo - precisa ser ultrapassada pela experimentação.

Se a ideia de interpretação fosse entendida no sentido que a entendem alguns músicos, diz Guattari, “eu pararia de aporrinhá-la - e pararia também de aporrinhar os psicanalistas”, (GUATTARI e ROLNIK, 2008:268) pois, no campo da música, não teria sentido falar em um interpretante geral. As notas musicais, diz Guattari, “não pertencem ao piano, mesmo que nele sejam tocadas, mas à melodia, à intenção do universo musical proposto”. A interpretação, neste caso, só tem sentido como produção de expressividades. Sigamos cientes dos nossos embaraços.

#### **O PODER DO OLHAR**

‘Debruçar-se à beira do leito’. Este é o enunciado que marca a trajetória sinuosa do conjunto heterogêneo de práticas nomeadas e reconhecidas na história ocidental moderna como ‘Clínica’. Derivado do grego *Klinikos* - do *Kliné* que diz respeito ao leito e de *klino*, que se refere ao ato de inclinar-se - adotado e disseminado pelas práticas médicas, decorre do sentido mais antigo de que temos notícia: o de que o saber clínico se dá junto

ao leito do doente, principalmente através da observação, e não com os livros, sendo transmitido a partir da sistematização daquilo que o olhar atento e constante, neste caso, o do médico, podia descrever sobre o que acometia o doente para, a partir daí, prescrever um tratamento. Entretanto, mais uma vez, recorrendo a Michel Foucault (2008), podemos compreender o quanto na história da medicina, a experiência clínica foi forjada como uma espécie de primeiro motor, *como norma constante*.

Desde o século XVIII, conforme nos indica Foucault (2008), a medicina narra sua própria história a partir da ideia de que o leito do doente sempre foi o lugar da experiência constante e estável, opondo-se, assim, às teorias e aos sistemas que permaneceriam mutantes, em variação, lugar dos conflitos e das perdas. Segundo a ótica linear desta história - do 'debruçar-se sobre o leito do doente'- seria esse olhar permanente o que teria possibilitado à medicina perseverar como uma suposta história contínua. O discurso, nesta perspectiva, apenas se refere ou representa uma realidade dada. Porém, como nos ensina Foucault, o que se modificava era "a própria rede segundo a qual essa experiência se dava, se articulava em elementos analisáveis e encontrava uma formulação discursiva" (FOUCAULT, 2008:57). Foram as mudanças nos códigos perceptivos aplicados ao corpo do doente - objeto para onde se dirigiam as observações - que reorientaram o olhar do médico em acordo com a superfície e a profundidade que esse olhar explorava.

Foucault (2008), através de sua arqueologia acerca da medicina moderna, percorre inúmeras narrativas do final do século XVIII ao início do século XIX, em torno da clínica médica, nos fazendo ver quanto, nesse período, se estabelece uma relação a partir da *sensibilidade*, muito mais do que da *experiência* e sem a mediação do saber. Deste modo, era a partir da sensibilidade que o próprio doente definia o que lhe causava alívio ou dor e o homem sadio observava e constatava, sem que isso implicasse a construção de um conhecimento futuro. Poder *ver* para poder *dizer*, classificar e nomear moléstias.

Trata-se da construção de um tipo de olhar sobre a superfície visível do corpo que dizia respeito à aparência dos sintomas e, coextensivamente, a um conhecimento por classificação das doenças, por ordenação, totalmente



abstraído do doente. Um tipo de prática que não dependia do exame do corpo e se exercia como um tipo de conhecimento pautado na realização de uma nosografia, ou seja, de uma descrição metódica acerca das doenças. O sintoma se apresentava como um meio de reconhecimento da doença e não um conhecimento, propriamente dito. Tratava-se da emergência da chamada *clínica dos casos*.

Se por um lado, diz Machado (1982), a doença era um fenômeno antinatural, uma desordem comprometedora da ordem natural, por outro, era entendida pela medicina clássica como fenômeno comparado à natureza das plantas e dos animais. Analisando o texto foucaultiano em *O Nascimento da Clínica*, Machado observa que não será por “atingir um órgão ou um tecido que ela será determinada, circunscrita e oposta a outras manifestações mórbidas.” (1982:100) Foucault, com base nos escritos de Coaklei Lettson, em *Histoire de l'origine de lamédecine*<sup>40</sup> de 1787, vai observar que, quando o saber passa a ser circunscrito apenas a um pequeno grupo de eleitos e a relação entre o *Olhar* e a *Palavra* torna-se dissociada, o conhecimento transforma-se em um problema de comunicação “transferido para a prática depois de ter passado pelo esoterismo do saber”. (FOUCAULT, 2008:59)

No século XVIII, a função da clínica passará a ser unicamente pedagógica baseada nas instruções que um professor daria ao seu aluno. Esta clínica pedagógica não dirá respeito à experiência propriamente dita, mas aos resultados de experiências anteriores que serão aplicadas e utilizadas por outros. Não é possível dizer que a clínica, neste momento, tenha sido um campo de invenções, de formação de novos conceitos ou de produção de discursos e práticas inovadoras: ela era um campo de organização, transmissão e de reprodução de um determinado conhecimento. Todavia, uma outra dimensão vai aparecer na experiência médica, no final do século XVIII quando não haverá mais diferença entre doença e sintoma, ou ainda, quando falar de doença será falar de um conjunto de sintomas. A percepção e a linguagem serão unidas e vão se exprimir na manifestação da doença. Isso implicará uma outra articulação entre o *ver* e o *dizer*.

---

<sup>40</sup> Coaklei Lettson, médico e filantropo Inglês, foi o fundador da Sociedade Médica de Londres em 1773.

Se, antes, os males diziam respeito a uma espécie de texto mediado pelo corpo do doente, agora, o doente torna-se sujeito da sua moléstia, um exemplo da doença, que passa a ser uma irregularidade que dele se apoderou tornando-o um caso. Nos termos de Foucault (2008), não será mais simplesmente o *olhar* que vai exercer o poder de análise e de síntese. Agora é a *verdade* de um saber discursivo que vem da exterioridade como um reconhecimento a um olhar investigativo.

No final do século XVIII, que o objeto da medicina moderna vai migrar para o corpo individual e, com isto um novo tipo de linguagem vai emergir no âmbito da medicina clínica. Machado dirá (1982:98), em acordo com Foucault, que o que muda é o modo de *dizer* e de *ver o mundo*. O que muda “é a relação entre aquilo que se fala e aquele que fala; o que muda é a própria noção de conhecimento”. Conhecer implicará ultrapassar a medicina do sintoma para reconhecer as causas. Essa será a condição do aparecimento de uma medicina dos órgãos, delineando uma prática clínica determinada pelas novas relações mantidas com a anátomo-patologia. Trata-se da *anátomo-clínica* que inaugura uma outra esfera de ação: o espaço corpóreo como espaço individual, espaço daquele que é portador de uma doença identificável no organismo.

Neste momento, será o interior do corpo individualizado que se torna doente e o olhar médico será convertido em um olhar de profundidade que deverá penetrar nesse corpo doente para localizar um foco, uma transformação orgânica que, embora invisível, habita o corpo visível. Essa é a grande mudança, observa Foucault, operada na passagem da medicina clássica à medicina moderna, possibilitando a transição de uma ciência da classificação para uma ciência do corpo, para a espacialização da doença no organismo, construindo uma complementaridade entre percepção e verbalização, ou ainda, entre as maneiras de ver e maneiras de dizer. Aproveitando a ênfase de Machado (1982:120), é possível afirmar que, essa *arqueologia do olhar*, traçada por Foucault, segue uma direção totalmente oposta à da história linear que procura explicar a medicina moderna por sua relação com a prática em detrimento de uma teoria. Essa mudança de uma medicina da classificação para uma medicina do corpo não se dá somente

porque mudam os nomes das doenças ou pela organização dos sintomas, mas pelas alterações dos códigos perceptivos aplicados ao corpo do doente, “as superfícies e profundidades que o olhar médico percorria, todo o sistema de orientação desse olhar”. (FOUCAULT 2008:57)

Se na medicina clássica há um privilégio da linguagem em relação ao olhar, na clínica, haverá uma espécie de equilíbrio entre esses dois termos e, posteriormente, na anátomo-clínica, haverá um privilégio do olhar em relação à linguagem. ‘Debruçar-se à beira do leito’ para poder ver.

Mas, e no caso da desordem mental? Do desatino, da loucura?

É interessante observar que a clínica das chamadas patologias mentais não fará uma trajetória muito distinta no que se refere a essa relação entre as maneiras de ver e as maneiras de dizer, mesmo que cronologicamente, tenha emergido depois da clínica médica.

Conforme nos faz ver Foucault (1975), a produção histórica da loucura seja na Idade Média, seja no Renascimento, envolvia a crença de que o louco era um tipo de doente enredado nos sentidos mágico-religiosos e que, lançando mão do poder do olhar médico - *olhar científico* - ocorreria a chamada ‘libertação’ dessas *perversões sobrenaturais*.

Outro aspecto importante que sempre vale ser lembrado é que a experiência da loucura no ocidente, antes do século XIX, se expressava por maneiras bastante distintas que não coincidiam, necessariamente, com a noção geral de doença consolidada neste mesmo século. A desordem mental, na Idade Média - violência, estados mórbidos de tristeza, desvarios de todos os tipos - ainda que tenha tido seu lugar destinado aos hospitais, não implicava a interferência de uma prática médica. O desatino podia circular incluído na paisagem e na linguagem comum, muito mais decantado que contido, dominado, reprimido ou ordenado.

São os *loucos célebres*, os escritores, os intérpretes de sonhos, todos incorporados e acolhidos de maneiras diversas no cenário cotidiano.

Porém, uma mudança vai ocorrer em meados do século XVII e a desordem mental, ‘desordem do pensamento’, se tornará incompatível com o mundo organizado e equilibrado. Não só os loucos, mas os pobres, os inválidos e miseráveis, os libertinos, os vagabundos presunçosos, religiosos

transgressores, ou seja, “todos aqueles que, em relação à ordem da razão, da moral e da sociedade, dão mostras de ‘alteração’” (FOUCAULT,1975:78), serão encaminhados para um mundo apartado do mundo ordenado e conduzidos para o desterro da internação.

Mas, conforme ressalta Foucault, essas casas de desterrados na França, por exemplo - *Saint-Lazare, La Salpêtrière, Chareton* - não tinham qualquer vocação médica. Esses asilados deveriam sair do convívio social a partir da manifestação de um tipo de conduta imprópria ao convívio social. A loucura e a doença mental não eram equivalentes, do mesmo modo que a internação não correspondia a tratamento.

No século XVIII, Phillippe Pinel - e sua obstinação humanística - inaugura a prática manicomial como um meio de disciplinar o doente mental, um doente moral que passaria a necessitar desse olhar constante e atento do médico que, por sua vez, ampliaria seu conhecimento acerca dos sintomas, da evolução e do tratamento da doença. Um século depois, a loucura modula de doença moral para doença mental e esse novo sentido estará totalmente afinado com o pensamento organicista, neurofisiológico, anatomopatológico e político-social predominantes naquele momento.

No caso do Brasil, o primeiro asilo psiquiátrico - o Asilo Pedro II - foi fundado no Rio de Janeiro, no século XIX, concebido, conforme sua inspiração francesa, como forma de reabilitação social e de tratamento moral. Os personagens andarilhos, cujas manifestações desarrazoadas eram visíveis e incluídas no movimento próprio da cidade, tornam-se - em nome da segurança pública - doentes morais e posteriormente, - em nome de sua ‘própria segurança’-, doentes mentais necessitados do olhar atento de um especialista. Logo após o advento da República, seria criado, no Rio de Janeiro o Hospício Nacional de Alienados e construído um pavilhão de observação destinado à assistência dos pacientes sob a forma de aulas práticas - da observação desse olhar clínico - oferecidas aos alunos.

Foucault (1975) observa que, na Inglaterra, por exemplo, o trabalho forçado predominava nessas casas de internamento visando, através da venda de produtos fabricados pelos internos, manter o funcionamento dos hospitais e, especialmente, produzir *sanções e controle moral* através da imposição

forçada do trabalho. É que, no mundo burguês, diz Foucault, o maior dos vícios era a ociosidade e, em torno dessa categoria, agrupavam-se os habitantes das casas de internação, já que se mostravam incapazes de produzir, distribuir ou acumular riquezas.

Quando a loucura - já sinônima de doença mental - é submetida a um total silenciamento, serão também subtraídas suas diferentes possibilidades de expressão. O antigo diálogo entre razão e desrazão - capaz de produzir arte, literatura, interpretações acerca do destino, etc. - é silenciado, sendo interrompida uma relação outrora existente entre as palavras ordenadas e as desordenadas.

Porém, ainda que sob uma outra perspectiva, esse silêncio foi quebrado quando Freud, em ruptura com a psiquiatria classificatória alemã, inaugurou um outro tipo de passagem entre a razão e a desrazão.

A linguagem, que fora excluída, tornada sem significação ou encarada como significação transgressora, ganha outro sentido e, coextensivamente, outro sentido para a clínica também vai emergir. O olhar, deslocado de sua função investigativa dará lugar à escuta. Escuta daquilo que se passa em uma região interior e obscura que só poderá ser expresso através de um falar livremente. Verdade e objetividade já não serão mais sinônimas, já que a verdade, agora, dirá respeito a uma subjetividade. Entretanto, esse novo arranjo não impediu que coexistissem - e que coexistam - elementos insistentes que marcaram o poder do olhar e os acoplamentos estratégicos ao poder da escuta, possibilitando uma espécie de trânsito entre os dois tipos de produção político-subjetiva, irmanados pela busca do 'mais profundo no homem'.



1978.

*Oitavo período de formação, o décimo quarto de formatação, de violação.*

*Enigmáticamente, ali, era Clube. Clube de Saúde Mental...*

*Humm... Hummm?*

*Seria por algum interesse 'comum'? Seriam os encontros semanais, regulares?*

*Desconfiados, três parceiros enveredam no subsolo do Clube, intencionando chegar mais perto das Imagens do Inconsciente.*

*Era tempo de Imagens do Inconsciente...*

*Mas aquelas tantas imagens, confusas, nem de longe, remetiam às pinturas da vida, dos círculos dinâmicos, cósmicos.*

*Fosse na enfermaria, fosse no ambulatório, as horas se consumiam no esforço de encontrar os confinados na expectativa de ouvir alguma história ou queixa...*

*Mas os afazeres nunca eram efetivos ou alegres...*

*Conhecer alguém - visitas apelidadas de sessão, ou consulta - era uma oportunidade subtraída por diferentes tipos de ordenação determinada aos internos: pegar toalhas, varrer enfermaria, tomar medicação...*

*Subtrações, sempre subtrações.*

*E aquela estranha circulação que fazia o sangue subir à cabeça.*

*Subia tanto, até o ponto de gelar o corpo.*

*Muitos corpos por ali pareciam congelados... outros estavam constantemente, superaquecidos.*

*Fosse a atmosfera militar, fosse o ambiente do Clube, fossem os resíduos da psiquiatria alemã cravados em cada parede fria, manchada e endurecida pelo concreto.*

*Os três parceiros se empenhavam para construir vínculos, vínculos sorrateiros.*

*Na cantina, à beira dos leitos, na perambulação com as toalhas, numa árdua e delicada insistência, ainda que por raros momentos, de produzir um pouco de amenidade.*

*Mas as regras do Clube, claras e distintas, dia após dia cercavam cada tentativa de deslocamento.*

*Construir vínculos? Nada disso era bem visto no Clube, mas tudo isso era visto.*

*Na oficialidade, falava-se de diagnóstico, de dinâmicas de grupo, de reuniões de equipe e de observação.*

*Ah, a observação...*

*Essa funcionava como uma nuvem densa, pairando naquela atmosfera asfixiante.*

*Até que, um dia, aquele dia ainda gela...*

*Seria o dia oficial de olhar.*

*Testemunhar para depois descrever, descrever para se convencer, se converter para aderir àquela espécie de corporação.*

*Ao fundo, avistava-se um dos mais chegados, mais aproximados dos 'assistidos'.*

*Ali, para ser assistido, observado.*

*Os três parceiros, ainda perseguiam as 'Imagens do Inconsciente'.*

*Tão perto e ao mesmo tempo, tão desastrosamente distantes.*

*O corpo sobre a maca, as mãos e os pés amarrados com cortes de lençol, uma bucha de pano na boca . Toda a catrefa ligada.*

*E a vigilância - ascendência dos umbrais da enfermaria -cumpria aquela função espúria de 'observar'.*

*Já era tempo de Vigiar e Punir.*

*Mas o Clube, ainda estava no tempo de vigiar e punir.*

*Um corpo a subir em outro corpo indefeso para conter ainda mais o já refreado.*

*Três apelos para sair. Três insistências para não ver.*

*E a resposta impaciente \_\_\_\_ NÃO.*

*Seis olhos fechados, três corpos geladas como a sala de concreto e o desatino comum.*

*O corpo sobre a maca agora treme a revirar os olhos, a debater-se.*

*A voz ao fundo em tom de escárnio interroga: Viram?*

*Acabou!*

*O interior da sala, já nem tão frio, experimentava a fusão,*

*Três corpos alquebrados, transbordados.*

*Tornando-se fervidos, feridos, ainda que insistentes em intimidar a morte com a reação,*

*Três destinos que se bifurcam.*

*E o Clube, no afã de conter o irrefreado, prepara o veredito:*

*“não correspondeu às exigências por motivos particulares”.*

*O particular indiscutível, o motivo pessoal incontestável.*

*Agora, só...*

*Restava recolher o que sobrevinha ao corpo, a alma...*

*Era sofrer esses/desses efeitos... até encontrar um ponto de conversão.*

*Fragmento 09*

## **O PODER DO OUVIR**

Com a consolidação da noção de *inconsciente*, ou seja, de que o psiquismo não se reduz à consciência e que determinados conteúdos se encontram inacessíveis a esta consciência, a história da psicanálise sacode os pilares da razão transformando-a em um efeito, em um modo de efetivação do inconsciente. A partir daí, a consciência torna-se o lugar do ocultamento, da distorção, da ilusão (GARCIA ROZA 1988:21) e a subjetividade passa a ser encarada como um efeito de uma relação entre o *Inconsciente* e o *Consciente*, efetuando-se a partir de uma luta travada no interior de um indivíduo cindido.

Este é um novo recorte, operado a partir de Freud e que sem dúvida, interferiu nos rumos da psicologia clínica, das ciências humanas e nos mais variados e heterogêneos campos de saber. A clínica psicanalítica vai emergir como campo que entrelaça a investigação e o tratamento, ocupando um lugar totalmente diferenciado tanto da medicina clínica quanto da psicologia aplicada.

A palavra ganha o estatuto de meio de acesso ao desconhecido no próprio homem, demandando uma escuta especial, e o estabelecimento de um local privilegiado para essa escuta, local inaugurado a partir de uma relação - antes inexistente - entre o binômio, paciente e médico, posteriormente, analisando e analista, em que o primeiro poderia demandar uma compreensão para sua dor, para sua desorganização mental e o segundo, mergulharia na escuta dos enigmas, dos significados secretos dos sonhos, no interdito que habita esse desconhecido no homem, através das palavras. Até então, o binômio que prevalecia na clínica era o da percepção e da



linguagem, sendo esta última referida à palavra do médico, isto é, a palavra como conceito, como concepção de algo.

Com Freud, surge um outro sentido para a palavra, agora referida ao doente ou ao que há de doença no homem, incluído, neste caso, o próprio médico ou analista. Trata-se, agora, da palavra falha, vacilante, que se apresenta como via de acesso ao inconsciente e escutá-la significa, doravante, decifrar um enigma: interpretar.

Será através da palavra e não da percepção que a clínica psicanalítica terá acesso a seu “objeto”, pois este não dirá mais respeito a uma realidade diretamente perceptível e neste sentido, palavra e conceito não mais se equivalem. É a emergência de um novo método terapêutico e, ao mesmo tempo, de um novo campo do conhecimento que ultrapassa a produção de uma nosografia a classificar e falar sobre aquele que adoece, mas que pretenderá ouvir aquele que adoece. Poder falar, e falar livremente, passa a ser a condição de possibilidade de que seja enunciado algo daquilo que é desconhecido àquele que enuncia. Neste sentido, podemos dizer que vai sendo delineada uma arte interpretativa a respeito desse incompreensível e Freud vai tentar entender como seria possível entrar em contato com esse inacessível, através do deciframento daquilo que não era representável.

Entretanto, a prática da escuta torna-se uma função estratégica dominante no âmbito dos interesses a respeito da subjetividade, retomando o caminho em direção à busca da verdade acerca do sujeito, ainda que essa verdade não se apresentasse de forma visível, observável. Ao contrário, tratava-se de um tipo de verdade enigmática, já que o inconsciente não cederia voluntariamente ao ouvido daquele que escuta. Ele insiste em se ocultar e “só se oferece distorcidamente, equivocadamente, dissimulando nos sonhos, nos sintomas e nas lacunas do nosso discurso consciente”. (GARCIA ROZA, 2005:08) De fato, como observa Roza em *“Palavra e Verdade: na filosofia antiga e na psicanálise,”* nessa escuta especial dos enigmas, *verdade* e *engano* não se excluem, ao contrário são complementares. Os signos que vão compor esse discurso enigmático correspondem à existência de um outro que insiste em se ocultar.

Um dos grandes enigmas que a história da psicanálise inaugura, diz Roza, “reside nesse fato desconcertante: o de que somos dois sujeitos, um dos quais nos é inteiramente desconhecido”. (GARCIA ROZA, 2005:08)

Contudo, podemos dizer, em acordo com Foucault (2006:225), que Freud vai além de uma prática de deciframento, pois essa mensagem enigmática, surgida de modo particular ao ouvido do analista, dizia respeito a uma mensagem da qual ele não sabia o que ela queria dizer, nem às leis as quais esses signos obedeciam. Por esta razão, seria preciso que aquele que se dispusesse a ouvir descobrisse o que as mensagens queriam dizer e, ao mesmo tempo, descobrisse as leis que as faziam dizer o que diziam. Ainda que de maneira furtiva, essa mensagem deveria também indicar a relação que cada um mantinha com o que lhe faltava e, ao mesmo tempo, o modo como se relacionava com as tentativas de preenchimento desse vazio pelo outro.

Do ponto de vista da desrazão, o século XX inaugura um tipo de prática clínica inédita, pautada na ideia de que o desarrazoado é portador de sua própria chave e será através dessa escuta clínica, psicanalítica, neste caso, que será delineado um espaço intersubjetivo, que, conforme nos indica Birman em seu artigo *A Clínica na Pesquisa Psicanalítica*, se sustenta numa estrutura baseada no falar/escutar, “que permite a ordenação e o deciframento da escritura inconsciente, pois esta não é uma coisa, uma substância, mas um efeito de fala”. (BIRMAN, 1989:198)

Entretanto, é preciso que se diga que, se, por um lado, essa escuta especial implicou um abalo vertiginoso da primazia da consciência dominante até o século XIX, por outro, ela vai se consolidar a partir da ideia de um sujeito desencarnado.

Em *Mal-estar na Atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*, Birman observa que, seja na tradição psicanalítica inglesa, seja na francesa, a subjetividade<sup>41</sup>, já afastada da formulação freudiana - na qual o sujeito ainda encontrava-se incorporado -, se constitui numa formulação lógica e matemática. Seja pela lógica simbólica, seja a partir do modelo

---

<sup>41</sup> Na perspectiva apresentada por Birman, tanto na vertente psicanalítica inglesa cujo enfoque se dá nos registros do pensamento (Bion), como no caso da vertente francesa cuja ênfase é na linguagem (Lacan), a Psicanálise “recalçou a intuição fundamental de Freud, pela qual o sujeito é corpóreo e afetivo, inscrevendo-se na existência pelo viés da ação”. Joel Birman em *Mal-Estar na Atualidade*. 2009: 94.

topológico ou linguístico, o efeito foi a produção de um sujeito *logificado* e apartado das transformações do corpo. (BIRMAN, 2009:87)

Birman, também chama a atenção para o quanto de resíduo do platonismo perdurou nessas concepções *logificantes*, nos fazendo ver que, nos dois casos, é a corporeidade que, historicamente, torna evidente o que existe de mais incerto e efêmero na existência. Claro que não se trata aqui de uma corporeidade apenas biológica, mas de um corpo pulsional/erógeno conforme os termos de Birman ou, como preferimos denominar, de um corpo intenso.

Sob este ponto de vista, aquele que é escutado já se apresenta cindido em relação ao binômio subjetividade-corpo e aquele que escuta precisará abdicar de qualquer observação direta para assegurar uma certa distância entre aquele que ouve e aquele que é ouvido, para que seja possível escutar muito mais do que aquele que fala pensa dizer.

A relação analista-analisando vai-se tornando cada vez mais desencarnada e assimétrica e esta assimetria, torna-se proporcional à 'capacidade' de escuta do analista em relação ao analisando, a uma ruptura com a lógica consciente e à abertura de um mundo novo que só seria acessado mediante as condições de atenção flutuante do analista, já que seus próprios fantasmas não poderiam funcionar como uma obstrução a esta escuta especial. Para tanto, a triangulação formação/supervisão/e análise passa a funcionar como sistema de precaução a uma possível 'surdez' do analista.

No caso da Psicologia, a função da escuta clínica, ainda que em suas possíveis combinações com elementos oriundos da psicanálise, na maioria das vezes foi - e ainda é - tomada como uma espécie de escuta benevolente, uma disponibilidade natural do terapeuta para ouvir e acatar o universo íntimo, subjetivo de um outro que sofre e cujo sofrimento demanda esse ouvido também especial: treinado, disciplinado e preparado para uma espécie de compreensão ao que comparece no sofrimento do outro. Uma espécie de acolhimento ao sofrimento humano baseado numa disposição existencial e técnica do terapeuta para, com isso, poder estabelecer uma relação clínica.

### 3.2. O PODER DE SER AFETADO E AFETAR

Mas para que serve defendermos a ideia de que o contemporâneo vai desenhando uma outra concepção de clínica e que esta não diz mais respeito ao aprofundamento do visível, tampouco à interioridade desse outro sujeito em nós, que insiste em se ocultar? Que outros sentidos - seja em termos de impressões ou de perspectiva - precisam ser postos em funcionamento para que seja possível arriscar dizer que o exercício da clínica no/do contemporâneo expõe de maneira mais aguda as relações que engendram o pensamento, a produção de subjetividades e a criação de um plano de expressividades na clínica?

Admitamos, então, que a prática clínica como uma prática social concreta, historicamente produzida, pode, rompendo com sua própria história, forjar desvios na sua produção político-subjetiva, inquietar seu próprio corpo ordenado, para colocar em xeque sua potência de resistência, ou seja, sua função criadora. Entretanto, como já sublinhamos, esse é um tipo de combate diferente daquele contra algo ou alguém que confluísse, necessariamente, para um vencido e um vencedor, um bem e um mal.

Combate, aqui, ganha sentido de rigor dos acontecimentos, de algo que sempre escapará, insistentemente, como uma espécie de centelha, e que de alguma maneira, vai-se distinguir e pode, por isso mesmo, anunciar e/ou forçar a emergência de modos singulares de pensar e viver.



*Era dia de sessão Clínica,*

*Além dos problemas habituais da burocratização do espaço 'comum' a uma escuta clínica, havia, também, um clima que se assemelhava à rivalidade que sempre se repetia.*

*Parecia vir daquela mistura - alunos estagiários, psicólogos técnicos e docentes psicanalistas ou não - que, de algum modo, desandava.*

*Trabalhávamos duro, semanalmente, numa comunidade em outro município...*

*Ali sim, criava-se uma composição alegre entre alunos de diferentes formações, médicos, psicólogos, assistentes sociais e, fundamentalmente, os moradores que, surpreendentemente, a partir de um desejo de coletivizar, demandavam à universidade construir com eles um espaço que denominaram interinstitucional.*

*Era possível assistir um grupo de líderes, arregimentando força para conseguir um enfrentamento coletivo às adversidades do cotidiano político-subjetivo vivido pela comunidade. Era co-movente.*

*Dois anos e meio de trabalho intenso que atravessavam os muros da escola pública, da creche comunitária, do centro social, da associação de moradores.*

*Era necessário descascar batatas para traçar ações dentro da creche.*

*Às vezes, era preciso caminhar pelas ruas procurando um menino que havia sumido da escola.*

*Era inevitável defrontar-se com o estranho, com a violência, com o causticante sol.*

*Era, às vezes, era a sede, ou a fome, a falta de transporte e a indiferença dos órgãos superiores da Universidade a essas ações.*

*Mas os grupos aumentavam, a circulação de ideias e afetos se expressavam em seminários, jornal comunitário, festas e até em momentos solenes de tristeza.*

*Imersas naquela ambiência, jorravam as alegrias e as tormentas e o intuito era poder dividir com a equipe de trabalho - estagiários, técnicos, professores - para multiplicar aquela força.*

*Mas, era dia de sessão Clínica.*

*Depois de exposta a trajetória com todas as suas fraturas, é aberta a seção de perguntas...*

*Ao fundo, ouve-se a voz que exclama em tom de quase desprezo: “Bem, me parece que esse é um trabalho que qualquer massagista poderia fazer... Concorda”?*

*Um estranho silêncio, quase assombro, toma conta do ambiente.*

*Tudo parece aguardar a fatídica reação ou a queda...*

*Num súbito revertério, ‘corpo-cabeça’ já alquebrado,*

*dobra-se fazendo vir à baila uma única resposta: “se tivesse uma massagista conosco, seria muito bem vinda”...*

*Cessamento.*

*Era dia de sessão... Clínica.*

*Fragmento 10*

Se, no plano da significação o manejo da clínica se dá pelo que se convencionou chamar de interpretação, no plano das expressividades, ele se dará, como nos indicam Passos e Benevides, por uma *cartografia dos afetos*, a partir da desconstrução e da invenção de sentidos, de realidades, de variações afetivas da existência e da construção, nos termos dos autores, de “cartas de intensidade ou cartografias existenciais que registram menos os estados que os fluxos, menos as formas que as forças, menos as propriedades de si que os devires para fora de si”. (PASSOS E BENEVIDES, 2006:117)

Avaliação de deslocamentos, produção inconsciente, como sublinha Deleuze, que não lida com pessoas nem com objetos, mas com trajetos. (DELEUZE, 1997:75)

Decerto, uma perspectiva anticartesiana nos atravessa, efeito dos elementos da filosofia espinosista - na qual o pensamento só se efetua para além de um *cogito* -, e que, a partir da força propulsiva dos estudos de Deleuze & Guattari e de outros tantos pesquisadores interessados em reverter essa lógica clássica do que seja o pensamento, a subjetividade e a experimentação clínica, nos ajudam a suportar as adversidades que encontramos em um exercício que tem como intenção partilhar e interferir a partir de um *poder de ser afetado e afetar*.

Poder, tanto no sentido das relações de dominação que põe para funcionar quanto no sentido de potência.

Conforme já observamos, a partir da *analítica do poder* realizada por Foucault - para alegria de alguns e insatisfação de muitos -, a noção de poder distanciada da sua clássica definição baseada em um princípio centralista, principalmente em relação a um poder de Estado, ganha sentido a partir de um conjunto de relações, “um feixe de relações, mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado”. (MACHADO,

2008:248) Um feixe aberto e, nos termos de Foucault, *mal coordenado*, de relações heterogêneas e fragmentárias que poderão ou não se concentrar. São *micro-relações* de poder que produzem técnicas de dominação, interferindo em toda e qualquer produção de realidade, interferindo em todo tipo de corpo, mas também são dispositivos de poder - são potências - como nos alerta Machado, como “possibilidades de resistência e contra-ataque de uns e outros”. (MACHADO, 2008:226)

Noutros termos, Foucault, aproximando a noção de poder à de força conforme concebida por Nietzsche, vai nos falar de um combate permanente de onde emerge a constituição das formas bem como sua desconstrução. Esta é a hipótese nietzscheana em que a base das relações de poder estaria, utilizando o sentido atribuído por Foucault, no “confronto belicoso das forças”. (MACHADO, 2008: 176)

E se, durante muito tempo, acreditamos que a experimentação clínica deveria nos manter fora das relações político-sociais, conseqüentemente, numa exterioridade das relações de poder, com Foucault, aprendemos que sustentávamos uma ilusão. E se, ainda assim, algo nos faz insistir, é a crença de que desse confronto belicoso das forças, sempre escapará algum vestígio, um fôlego, uma potência. *Potência*, conforme a noção espinosista, que qualquer corpo possui. Potência de ser afetado - como uma espécie de receptor passivo - mas, principalmente, potência de afetar, enquanto esforço para fazer com que essa recepção passiva se transforme em pensamento e ato, dos quais todo corpo pode ser agente, pode ser efeito e instrumento de variações e de desvios.

#### ***DISTANCIAR-SE DE 'SI'...***

Desde que o nosso problema passou a ser o da subjetividade como um processo de fabricação, uma produção político-subjetiva, outro plano de entendimento e de intervenção se impôs à experimentação clínica: pôr em análise o grau de suportabilidade ao intolerável da própria história da clínica,

a precariedade de seu corpo - conceitual, político, técnico e etc. - sua *potência de ser afetada e afetar*.

Porém, embora este seja um vigoroso enunciado, afirmar que a clínica no/do contemporâneo se volte para a potência dos afetos, no cotidiano da experimentação clínica ele comparece como uma tarefa embaraçosa, requerendo muitos aliados, muita paciência e muita disposição para a desconstrução, para o incerto, para poder despistar as inúmeras forças de captura do atual mercado político-subjetivo.

Vale, então, insistir sublinhando que as *singularidades*, conforme menciona Guattari, não são predicados atribuídos a um sujeito. São pré-individações, são dimensões intensivas, são *afetos*, que só fazem sentido a partir da experimentação, como chance de saída de uma dada delimitação, como um escape à convergência que define um indivíduo. Sendo assim, seria impróprio pensar que haveria alguma regra, algum modelo, alguma receita para fazer experimentações. Ao contrário, não será a partir dos aparatos técnicos/tecnológicos - dançar, cantar, encenar, escrever, pintar, dentre tantos outros empreendimentos do mercado subjetivo - que podemos dar conta de um processo de desestratificação, dos desmanchamentos de formas que até então vigoravam. Também não será a partir de um Eu, de um Sujeito - como efeito dessa estratificação - que surgirá qualquer inclinação para entrarmos em contato com os processos de disjunção, processos no qual desarranjar é sinônimo de produzir e, no que diz respeito aos caminhos sinuosos da prática clínica, implica a produção de maneiras de viver.

Um esforço de distanciamento do pessoal, do interpessoal, um estranhamento em relação a um 'si'. Um longo e delicado preparo que como nos diz Rolnik, "só acaba na morte; preparação onde se opera uma verdadeira torção em nosso modo de subjetivação, torção que nunca está definitivamente conquistada". (ROLNIK, 1993:244)



*A sala, ainda que não fosse hierarquicamente muito demarcada, mantinha seus 'devidos lugares'.*

*Mas também abrigava seus lugares indevidos.*



*Vá entrando...*

*São meus votos de que ali se dê um bom encontro.*

*Mais que depressa, toma o assento da pequena cadeira, ainda que não tão 'demarcada', guardava assento ao 'analista'.*

*Parece a cadeira de minha avó, diz...*

*Seu corpo mal cabia na pequena cadeira, em frente ao sofá.*

*Que, embora não tão 'demarcado', guardava assento ao 'analisando'.*

*Naquele momento, descortina-se um estranho universo...*

*Agora sentar no sofá e apreciar aquela paisagem era atraente e estranho.*

*Um silêncio tomava conta de minhas palavras, enquanto ele falava, falava...*

*Contava sua intrigante - por vezes, triste e, ao mesmo tempo tão linda - história.*

*Um pequeno gesto ...*

*Tudo invertia como uma embriaguez.*

*Insinuava acontecimentos indizíveis.*

*Falar de outra maneira, ouvir de outro jeito, andar, pensar diferentemente.*

*Era um momento raro...*

*Poder oferecer ao 'corpo-pensamento' aquelas impressões.*

*E não era possível introduzir o contrário.*

*Ao contrário, o coração palpitante aguardava com carinho e guardava aquele dia da semana para experimentar a nova perspectiva.*

*Aquele processo de dissolvência...*

*Até que, um dia, é anunciada a virada:*

*Começo a me sentir apertado aqui nessa cadeira...*

*Posso trocar de lugar com você?*

*Fragmento 11*

Mas toda aventura também constrói seus inúmeros riscos, suas oscilações e fracassos, pois, conforme salienta Deleuze (2002), sempre existirão elementos que não chegam a tempo, ou que chegam quando uma determinada forma - mesmo depois da intempérie, do esforço para fertilizar um solo - já prevaleceu.

Habitar “essa terra de ninguém, que precisa ser constantemente fertilizada, já que não é uma terra pronta, e sim bem mais uma *u-topia*”, como observam Passos e Benevides (2006:96). Desejar uma minoria em nós que só se expressa em momentos raros, como efeito desses processos não alinhados que reverberam no ‘corpo-pensamento’. Insistências que acabam por forçar derivas e/ou resistências àquilo que oprime e, ao mesmo tempo, chances também raras - porque extraordinárias - de construção de um plano de sustentação para essa diferença no mundo, pondo em funcionamento o que Guattari denominou de *processos de singularização*. (GUATTARI e ROLNIK, 1986)

#### **PARTILHAR...**

Quando Deleuze & Guattari afirmaram que o inconsciente “é uma substância a fabricar, a posicionar, a fazer fluir, um espaço social e político a conquistar” (DELEUZE,1990:85), eles nos perturbaram muito. No entanto, podemos dizer que nos colocaram em meio a uma perturbação produtiva, possibilitando considerar que o nosso elemento de análise foi totalmente deslocado. Nosso problema clínico-político deixou de ser o da eficiência da decifração para ser entendido como o desafio da criação. Todavia, o ato de criar, neste caso, implica uma produção coletiva, complexa, mutações no campo da subjetividade. (RAUTER,1997)

Dizer que as relações que compõem o ‘corpo-pensamento’ são relações complexas, pareceria falar de relações complicadas, confusas ou sobrecarregadas de questões que precisariam ser melhor esclarecidas por nosso campo de conhecimento. Entretanto, falar em relação já implica complexidade. Tecedura alinhavada com elementos os mais diversos forçando um alargamento, uma outra compreensão da realidade.

Posicionar-se, ética e politicamente a partir do conhecimento que produzimos, é compreender o quanto estamos implicados com esse conhecimento, pois “mais do que uma operação neutra e unidirecional, produzir conhecimento significa produzir mundos nos quais também

habitamos, ou seja, não somos, jamais, imunes às suas consequências.”  
(GIACOMEL, ANGÉLICA. E.; RÉGIS.VITOR.M. e FONSECA,TANIA.G.; 2004:90)

Esforço clínico-político que vivifica e produz essa afeição pelo que, de transverso, nos coloca em contato com o estranhamento dos modos de existência que cruzam, ilimitadamente, nossos saberes e afazeres na experimentação clínica. “Fazer certas escolhas, certos desvios e não outros. Tomar da diferença seu potencial de diferir. Afirmar que, num certo sentido, somos sempre marinheiros de primeira viagem ou, pelo menos, que devemos nos esforçar para sê-los”. (PASSOS e BENEVIDES, 2003:89)



#### *Dia após dia*

*O ‘corpo-pensamento’ sofria suas alterações.*

*Um choro escorria pelos poros... inaudível para os ouvidos desatentos.*

*Deitar-se na sala em regime de espera, retirar os incômodos sapatos, ouvir música, ler ou dormir.*

*A essa altura dos acontecimentos, já nos inclinávamos até o chão.*

*Sofás, poltronas ou cadeiras, não acolhiam o ardor que revezava, constantemente, com o frio, com a dor.*

*Dia após dia*

*Descortinava-se o tempo da finitude .*

*Enfrentávamos juntas, a precariedade da existência.*

*Nada que se assemelhasse a um desejo de morte.*

*Tudo era desejo de vida!*

*Desejo vívido... Entre tormentas, tristeza e esplendor.*

*Arrumar a casa, os documentos, as ideias. Desarrumar os ideais e as expectativas. Trancos, barrancos... Preparar a partida.*

*Cada célula em processo de desfazer-se, fabricando atos de persistência.*

*Astúcia inigualável do ‘corpo-pensamento’.*

*De fazer revirar a cabeça e jorrar, incontrolavelmente, as lágrimas.*

*Partilhar a cada dia, aquela tanta dor.*

*Maneiras de viver...*

*Maneiras de morrer...*

*Pensar que a vida pode entortar a gente!*

*Pode dobrar a gente.*

Fragmento 12

## IV. ENTRETECENDO: ENLACES E EMBATES

### PASSAGEM 4

Vamos chegando a uma espécie de atalho. Uma vereda que vai encerrando nosso ‘percurso-tese’, deixando muitos caminhos intransponíveis. Daí a necessidade de entretecer alguns fios soltos dessa meada e, ao mesmo tempo, deixar os trechos desfiados, livres, para outros bordados.

Em cada passagem que tramamos, a *Experiência da Agonia* funcionou como uma tocha que serviu menos para ‘iluminar’ e muito mais como força ativa de uma paixão para avivar nossos momentos de fadiga.

É em Maria Callas<sup>42</sup> que Laymert Santos encontra a inspiração para as páginas finais de seu texto *A Experiência da Agonia* que, a cada passagem, sorvemos sem recato.

*Lucia di Lammermoor*, agitando as superfícies, o desejo, o desespero, a loucura. Ouve-se outra dimensão, sublinha Santos. Embarca-se no prazer do encontro, do instante, “assombrados, os ouvidos do corpo ou o corpo dos ouvidos sentem, pela voz e por eles o trágico se dizendo”. (SANTOS, 1989:27) São sensações auditivas que lançam Laymert Santos ao enlace do ouvir, do dizer, do experimentar, dando sentido ao que chamou de *Apreciação*: encontro, comunhão, aliança que produz um *algo mais*: expressividades, *acontecimento* e *sentido*. São atos, modos de agir, a partir do dizer, ouvir, pensar de outra maneira. Entretanto, diz Santos, não se ouve quando se é servo. Não se vê, não se ouve, não se diz, não se experimenta, não se pensa, acrescentamos.

Árdua é a insistência para nos livrarmos da servidão. Problematização de Laymert Santos a partir de sua *experiência da agonia* que, aos poucos, se configura em uma pista: “em vez de procurar lembrar, agir; em vez de buscar

---

<sup>42</sup> Cantora lírica nascida em Nova Iorque, Maria Callas, de voz incomparável, foi considerada a soprano mais importante da Ópera do século XX e uma raridade atemporal. Laymert nos envolve em suas sensações auditivas com *Lucia di Lammermmor*, Ópera de autoria de Gaetano Donizetti, baseada no romance de Walter Scott, *A noiva de Lammermmor*.

o sonho, sonhar; em vez de perseguir um tempo em que as metáforas intuitivas fossem ou tivessem sido rainhas, tecer no presente (...).

Problematização clínico-política que nos arrasta para um tempo de ensaios, de experimentação, tempo de persistência e prudência, tempo de expressividades na clínica. Exercícios clínico-políticos que se engendram no tempo dos enlaces e embates, das desregulagens e, paradoxalmente, de chances - ainda que por vezes fragilizadas - de fazer consistir um plano onde o pensamento, a produção de subjetividades e o fazer clínico sejam indissociáveis.

Todavia, tempo de prudência, pois este enlace é sempre perturbado pelo assédio dos modelos, das significações e das interpretações hegemônicas. Pelos riscos de reabsorção das ressignificações do atual mercado político-subjetivo com seu repertório de ilusões.

#### **4.1. ENLACES E EMBATES**

Estamos convencidos de que não há quem procure compartilhar um território de análise - de uma microanálise - do seu modo de viver que, de alguma maneira, não carregue consigo - ainda que, por vezes, não se dê conta disto - uma força transgressiva em relação às regulações de uma língua maior, em relação a uma determinada ordenação do corpo, um fosso entre corpo e pensamento, quem não tenha atravessado por uma região indiscernível em relação àquilo que se consolida a partir de um código, mas que, prestes a desmontar esse mesmo código, no sobressalto diante da impotência de fundar outros sentidos, outras regras para reposicionar o seu modo de vida, 'adoece'.

Vale arriscar dizer que todo aquele que 'inclinado' - deslocado em relação a um eixo - procura partilhar um processo de análise de seu modo de vida, traz consigo um 'pensador', ainda que o recuse, ainda que o renegue, ainda que o sufoque, pois, de um modo geral, expõe um 'corpo-pensamento' incoerente em relação a um pseudo mundo ordenado.

Todos que trazem consigo um incômodo, um “mal estar” em relação ao tipo de mundo que, a duras penas, insistem em conservar, também carregam, como nos disse Schuls, um contrabando, os acontecimentos desordenados, fora de linha que precisam descambar, seguir por um braço lateral, por um desvio cego, para constituir outros territórios de acolhimento desses eventos ilegais. (SCHULS,1994:32) São as boas chances dos ‘analísadores’<sup>43</sup> para captar uma evocação. Uma voz, às vezes, trêmula, às vezes, sombria, às vezes, impetuosa, às vezes, gaguejante, trazendo o indício e o vibrátil entre o que era e o que estar por vir.

Daí, a necessária tarefa de tecer junto, desmanchar bordas, poder ir além das extremidades limite de uma determinada superfície, consolidando a ideia de que *ser afetado e afetar* é condição de existência que precisa ir além de uma ordenação transcendente, racional ou mercadológica - sua eficaz conjugação na contemporaneidade -, pois, seria equivocado supor que alguma dessas linhas de ordenação teria desaparecido por completo.

Pensando assim, pôr em análise os modos de subjetivar se caracteriza pelo esforço de acompanhar - às vezes como em câmera lenta - as diferentes configurações que emolduram e/ou desconfiguram um modo de vida, mas ainda, de suportar o estranho intervalo sem configuração, sem enquadramento em nenhum saber/poder consolidado, dominante.

Desenho que *acompanha e se faz*, como observa Rolnik ao mesmo tempo “em que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos”. (ROLNIK, 1989:15)

Experimentação clínico-política, afirmação do acaso, do múltiplo e dos fragmentos, no sentido de que esses desmanchamentos desencadeiem outros processos existenciais, que por algum tempo, possam persistir. Nas palavras de Rolnik, processo “que pode ser expresso por meio da forma verbal, seja ela teórica ou literária, mas também através da forma plástica, musical,

---

<sup>43</sup> Analisador: conceito formulado por Félix Guattari e incorporado pela Socianálise - e que se refere a catalisadores de sentido. Acontecimentos, pessoas, práticas cujo funcionamento produz rompimento - produz análise - do que se encontrava em conformidade com as instituições sociais. RODRIGUES. Souza, 1987.

cinematográfica etc., ou de forma simplesmente existencial”. (ROLNIK, 2008:26)

#### ACERCA DOS ENLACES...

Desacostumar as palavras, desacomodar o corpo não nos parece uma aposta muito simples, muito fácil. Um corpo que não se reduza ao organismo, uma enunciação que não se restrinja à linguagem, um pensamento que não se limite à consciência... Até que ponto estamos equipados de dispositivos concretos para efetuar esse tipo de reversão? Até que ponto a partir das ferramentas clínico-políticas das quais lançamos mão, conseguimos, no plano do pensamento, da subjetividade e, coextensivamente da experimentação clínica, tocar na “desordem do mundo” sem que com isso, deixemo-nos capturar por aquilo que Guattari (2008) denominou de *zona de enquadramento*, de *classificação* e de *referenciação* que reabsorve “tudo o possa ser da natureza de uma dissidência do pensamento e do desejo”. (GUATTARI e ROLNIK, 2008: 52)

Se toda a história ocidental moderna tem sido marcada pelos efeitos dessa captura, hoje, especialmente, de modo mais radical ainda, essa dissidência torna-se, muitas vezes, matéria de eliminação e extermínio.

Um golpe certo nas nossas investidas na arte de fazer e desfazer, inventar e desinventar, principalmente, maneiras de viver.

Como observa Maciel (2007), o tempo próprio das experimentações e dos agenciamentos, “encontra-se cada vez mais anulado, ou melhor, controlado pelos mecanismos de poder que se exercem não somente sobre a nossa subjetividade, mas também sobre a nossa condição de vivente”. (MACIEL, 2007:01)

Vivemos em ‘tempos’ em que do tempo é subtraído o intervalo necessário entre percepção e ação, sublinha Maciel, subjugando o tempo das indeterminações, das hesitações, o tempo da ignorância.

Tempo necessário, para que uma forma se esfumace fazendo desaparecer um determinado contorno, porém, ao mesmo tempo, nos fazendo



ver que outras configurações já começam a se esboçar: bizarras, aprazíveis, deploráveis, assustadoras, consistentes ou fluidas, tristes ou alegres... como uma dança das nuvens.

Daí, nossa insistência em afirmarmos que toda experimentação, destacando, aqui, a experimentação clínica, envolve o tempo da experiência de disjunção e de ruptura com o que se apresenta como dado, como constante predefinida, como ordem, pois, esse mesmo tempo, também, abriga, no rudimento do processo de criação, outras condições de existência e graus de consistência, outras combinações, para suportar os efeitos desses desarranjos. São esboços, como observa Guattari, “os índices, os cristais de produtividade molecular” (GUATTARI e ROLNIK, 2008:279) que coincidam com “um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos”. (GUATTARI e ROLNICK, 1986:17).

Todavia, importa dizer que esses elementos que a partir do pensar/agir escapam a uma determinada moldura, esses fragmentos expressivos nem sempre conseguem suportar um processo de *invenção de possíveis*. (ROLNIK, 2008)



*Já, no primeiro dia, a pequena sala de atendimento ficara mais abafada.  
Um clima seco se instalara entre nós.  
Fosse por uma espécie de arrogância...  
Mútua, provavelmente.  
Um estranho gosto pelo desgosto...  
Incomodativo, certamente.  
E o amargo desejo pelas crianças...  
Por vezes, intolerável e corrosivo.  
Um sufocamento...  
Que reaparecia sempre que nos encontrávamos.*

*A supervisão coletiva indicava, acirradamente, meus pré-conceitos, fazia ferver os conceitos, interferia naquela obstrução de respiração.*

*Mas tudo aquilo, descrito em detalhes nas sessões, causava um torpor, uma espécie de entorpecimento.*

*E o sufocamento...*

*Que se mantinha durante algum tempo depois das sessões, como sombras naquela pequena sala.*

*Não havia dúvida que o morrer rondava nossos encontros... Ainda que nunca tivéssemos falado sobre a derradeira.*

*Falávamos sobre aquele gosto, pelo gosto dos medicamentos... Os preferidos, os preteridos, as misturas... As combinações explosivas.*

*O álcool... O pó... Psicoativos de diversas naturezas.*

*Tinha sofrido internações: duas.*

*Mas desde que chegou ao serviço não era internado.*

*Parecia, então, chegada a boa hora para trabalhar a diminuição de tanta 'droga', de tanto constrangimento naquele modo de vida.*

*Veio, então, a mudança de psiquiatra na tentativa de mudar aquela lógica de envenenamento incitada pelos muitos receituários que conseguia nas rápidas consultas ambulatoriais...*

*Com essa mudança, tudo parecia bem.*

*O fatídico bem...*

*O receituário e a medicação diminuía.*

*Os encontros, regulares e intensos, começavam a pacificar-se.*

*Mas algo incompreensível que não se apresentava, comparecia às sessões.*

*O sufocamento...*

*Até que, um dia vem à baila uma farmácia. Uma 'boca' de onde partiam os medicamentos excedentes sem receita, por uma boa quantia.*

*Droga de vida! Pensava...*

*Reunir família, ameaçar comprometer farmácia, firmar acordos... Tudo isso era feito, mas nada disso parecia surtir outros efeitos.*

*Já tentamos de tudo... Ele tem seu próprio dinheiro... Só faz o que quer... É independente... Não ouve ninguém...*

*Uma espécie de ‘destino inevitável’ que fazia funcionar todo aquele conjunto de entorpecimentos e entorpecidos: médicos, farmacêutico, traficantes, botequins, INSS, turma de ‘amigos’, ‘a Lei’... e os familiares, narcotizados evitando a agonia.*

*Uma mudança se esboçava: poder distanciar-se das crianças.*

*E isso parecia ser bom. Tornava a vida se não menos penosa, um pouco menos arriscada diante dos tantos riscos.*

*Mas algo incompreensível que não se apresentava, insistia em comparecer às sessões.*

*O sufocamento.*

*E numa noite abafadiça, quando o temporal já se anunciava, ele não compareceu à sessão e nem comunicou... Isso soava estranho.*

*Seria a desistência? O insuportável teria predominado?*

*O dia seguinte chegou e cedo, também, o telefonema:*

*O final de semana foi terrível. Ele abusou muito.*

*Depois passou muito mal...*

*Foi um ataque cardíaco. Nem deu tempo de te avisar...*

*Gostava muito de você...*

*O Sufocamento????!!*

*Droga de vida!*

*Fragmento 13*

Se, de um modo geral, nossas saídas não são, de fato, tão animadoras, não podem ser reduzidas ao indicativo dramático de que não há nada mais a ser feito. Como insistiu Guattari, é preciso que não nos curvemos apaziguados à ideia de que esta é “a” ordem do mundo, “ordem que não pode ser tocada sem que se comprometa a própria ideia de vida social organizada”. (GUATTARI e ROLNIK, 2008:51)

Foi deste modo que Guattari nos situou em um plano onde seria impossível estar desimplicado da produção dos processos de subjetivação.

**ACERCA DOS EMBATES...**

Por um lado, já não nos espanta admitir essa zona de indeterminação, indispensável à experimentação - confrontação produtiva entre a constituição das formas e o movimento incessante do informe - por outro, nossos dias são nublados. Todos os mecanismos de poder-saber parecem acionados no sentido de alardear o fato inexorável de que ação é tempo. Tempo do imediatismo, tempo do já é, do fazer a qualquer preço para o mais rápido possível executar o descarte. Tempo das responsabilidades individuais, já que o Estado, deslocado de sua histórica função de promover o 'bem estar social' tornou cada indivíduo um 'empreendedor'. Nos termos de Ortega e Zorzanelli, um *gestor de si* cujos problemas político-subjetivos que enfrenta são os de uma sociedade "hiperflexível, em que tudo é temporário e sem garantia, cuja ênfase encontra-se na necessidade de adaptação às nuances do mercado e na incitação da escolha" (ORTEGA E ZORZANELLI, 2010: 124).

Debatemo-nos numa teia, enredamo-nos em um emaranhado de ofertas, de produção incessante de demandas. Uma rede - cujo sentido mais apropriado seria o de um ardil, uma armadilha - que dissemina uma espécie de obrigação, um *ônus* nos termos dos autores, um novo tipo de ordenação a ser cumprida.

Assistimos, 'aparentemente', apáticos a uma espécie de ilusionismo em relação ao sentido do desejo cujo melhor dos truques é, sem dúvida, a produção da ideia de um pertencimento generalizado a um mercado global de variedades que se constrói sobre os pilares do desprezo ostensivo à diferenciação e à incerteza própria à vida.

Bem no meio desse movimento inseparável do fazer e desfazer, organizar e desorganizar, cravou-se a falta, a carência, o desgosto, a ordem, obstaculizando o tempo da refazenda, o tempo dos rearranjos, substituídos, hoje, pelos engambelos das mega- agências de entorpecimento que sustentam o 'flexível' mercado subjetivo.

Essa 'novíssima' ordem mundial investe demasiado para não deixar escapar um fragmento inconveniente; para reordená-los, todos, de maneira

tão eficiente que é possível crer que se produzam diferenças o tempo todo e que se adquira liberdade a preços variáveis no ‘mercado livre’.

‘Cuidar bem’ do corpo tornou-se um dever cuja meta é a “conservação funcional do corpo orgânico manifesto na eficácia de seu mecanismo sensório-motor e do domínio da intencionalidade no desejo ou do bom senso na vontade como determinação da consciência normal ou civil”. (FUGANTI, 2007:129) Cuidado ideal, ideal de cuidado... Investimentos para fazer funcionar as ‘empresas da doença’ que não se encontram apenas em uma localização especial fora de nós. Todos nos tornamos de algum modo, sócios - seja em grande ou pequeníssima escala -, pois não há poder sobre a vida ou nos termos de Foucault, biopoder, que não seja exercido nas/das/atraves das vidas.<sup>44</sup>

Entretanto, retomando a importante afirmação de Fuganti, o capital não é uma entidade abstrata, “que se efetua de modo heterônomo e transcendente e se inocula por milagre no coração dos homens. Existem vidas que desejam o capital. Assim como o capital deseja um tipo de vida, em um tipo de vida”. (FUGANTI, 2007:131) São regimes - de corpos e signos - investindo em nossos modos de sentir, agir, valorar, conhecer, pressupondo sempre, que é preciso haver uma ordem exterior, transcendente que ressignifique e valora as maneiras de pensar-agir. E estes mesmos regimes vão regular os diferentes modos de funcionamento das práticas clínicas na atualidade.

Em *Biopoder e a Medicalização da Vida*, Martins (2007) enfatiza o quanto o poder sobre a vida, hoje, não se faz valer somente ou especialmente, pelo Estado, mas, por exemplo, pela mídia, pelos meios de comunicação de massa de todos os tipos. Não podemos mais falar de controle como imposição em nome da saúde, observa Martins, pois esse controle se dá “pela adesão dos controlados, por meio, literalmente, da venda de valores,

---

<sup>44</sup>Michel Foucault introduz o conceito de biopolítica, pela primeira vez na conferência ministrada no Brasil em 1974 na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, publicada com o nome de *O Nascimento da Medicina Social*, no livro organizado por Roberto Machado em 1977 com o título de *Microfísica do Poder*. Foucault nos faz ver as modulações das estratégias de poder a partir do século XVIII e indica que o controle das sociedades sobre os indivíduos inicia no corpo, com o corpo, pelo corpo. O corpo como realidade biopolítica. (Foucault :1989). Essa problematização reaparece em *A Vontade de Saber* e nos Cursos do *College de France* (75 e 76/77 e 78).

de modo a fomentar uma 'servidão voluntária', atualizando a denúncia de Espinoza de que os homens tendem a lutar por sua servidão como se lutassem por sua liberdade". (MARTINS, 2007:121)

O desejo precisa ser medicalizado, despotencializado, sufocado, não para parar de produzir, ao contrário, para ter que produzir como nunca, ainda que dispnéico, como condição dessa liberdade e do poder fazer 'o que bem entender'. Uma perspectiva de liberdade que poderíamos chamar, nos termos de Rolnik, de uma liberdade "*cafetinada pelo capital*",<sup>45</sup> pois, é das forças subjetivas, observa Rolnik, "especialmente as de conhecimento e criação, que esse regime se alimenta, a ponto de ter sido qualificado mais recentemente como "capitalismo cognitivo" ou "cultural". (ROLNIK, 2004:33).

Sem dúvida, um turvo cenário que nos força a interrogar para que tem servido a chamada 'clínica dos afetos', 'da administração dos encontros', 'do fazer o que convém e descartar o que não convém', a 'clínica da diferença', andar tão alardeada, ultimamente, sem que, com isso, não resulte sobre seu corpo uma pesada fatura, uma 'turbocaptura' - raptando o sentido de Pelbart - a sequestrar de modo relâmpago seu 'corpo-pensamento', a debilitar sua potência, e obstruir sua força de deriva?

Torna-se então, de fundamental importância, interrogar as práticas Psi, acompanhar suas modulações na contemporaneidade para, com isso, "incluí-las no campo de análise dos processos de produção de subjetividade, já que o que nos interessa, hoje, é pôr em análise suas implicações e seu funcionamento no modo de subjetivação dominante. (MENDES.S e FONSECA.D.2009:170)

---

<sup>45</sup>ROLNIK, Suely em *Geopolítica da Cafetinagem*, problematiza os caminhos da arte e suas adversidades na lógica mercadológica e midiática, ajudando-nos, com isso, a problematizar alguns dos sentidos de uma política da subjetivação na contemporaneidade.

#### 4.2. VOLTAR É PODER PARTIR PARA OUTRO LUGAR...

Em meio a esse enredamento, torna-se necessário destacar a convocação constante que Guattari nos fez ao longo de toda sua trajetória. Convocação ao *engajamento* de quem está em posição de intervir mais diretamente, nas usinas de produção de subjetividades, seja através da educação, da saúde, da arte, da mídia etc., seja importando, neste sentido, que um funcionamento *esquizonalítico*, para usar a noção cunhada por Guattari, consista em afirmar que “os Agenciamentos subjetivos individuais e coletivos são potencialmente capazes de se desenvolver e proliferar longe de seus equilíbrios ordinários”. (GUATTARI, 1990:22)

Cada um de nós, a partir da posição singular que ocupa, precisa fazer viver e articular com outros processos desalinhados as estratégias, os modos de resistência e de afronta à indústria de nivelamento da subjetividade, traço preponderante na contemporaneidade. Todavia, como enfatiza Rolnik, isto implica “reconhecer um pouco mais a crueldade da vida e assustar-se um pouco menos com o assombro e a vertigem em que a vida nos lança a cada vez que ela põe um mundo a perder”. (ROLNIK, 2004:238).

Então, se, no embate entre os arranjos e desarranjos, *paradoxo irresolúvel* como observa Rolnik, entre duas maneiras de apreender o mundo, “como matéria - como desenho de uma forma ou como campo de forças -, os quais, por sua vez, dependem da ativação de diferentes potências da subjetividade”, (ROLNIK, 2004:232) resultasse apenas um terceiro termo, uma espécie de síntese, efeito do combate entre contrários, isto nos enredaria, inevitavelmente, em torno dos sinais deixados pelos estados de corpo. Isso não quer dizer, como já sublinhamos, que os estados de corpo não nos interessam. Ao contrário, porém eles não se confundem com o que faz vibrar, com o que ainda não incorporou ou que se insinua como acontecimento clínico e sentido crítico.

Diremos que, do embate entre as formas e o sensível, irrompem como denominou Guattari “domínios de entidades incorporais que se detectam ao

mesmo tempo em que são produzidos, e que se encontram todo o tempo presentes, desde o instante em que os produzimos”. (GUATTARI,1992:29)

É neste instante que “pode ser instaurado um espaço-tempo inédito, e que é preciso fazê-lo persistir”. (MENDES.S.; FONSECA.D, 2009: 173)

Paradoxo próprio aos *universos de referência* coexistentes ao “instante criador, como *hecceidade*<sup>46</sup> e escapam ao tempo discursivo; são como os focos de eternidade aninhados entre os instantes”. (GUATTARI 1992: 29)

São modos de produzir realidade que se libertam como fagulhas, são fragmentos intensivos, já que não dizem respeito a nenhuma forma delineada nem, propriamente, a um estado de corpo, mas às irregularidades, às ‘desordens’, às fugas em ato, à efetuação do ‘corpo-pensamento’: são Expressividades.

Tais expressividades insistimos, não se referem a nenhuma manifestação criativa de um indivíduo, nem mesmo aos efeitos da emergência de um sujeito do inconsciente. Também não dizem mais respeito às formas seja de conteúdo, seja de expressão: são como os acontecimentos extranumerários, desalinhados, fora dos trilhos e que não podem ser domesticados, engessados, ou postos na fila de aguarde. (SHULS, 1994)



*Um dia desses, dentro das suas aparentes normalidades...*

*Um dos telefones toca.*

*Pra você, parece problema.*

*O berrar atormentado da mãe, aos prantos, pedindo que alguma coisa fosse feita antes que a internação fosse consumada.*

*O pai, dizia ela, vai matá-la ou interná-la...*

*Imediatamente, uma rajada de suor, um tremor, o transtorno dominara meu corpo.*

*Tentou matar todo mundo!*

<sup>46</sup> A noção de *Hecceidade* em Deleuze, inspirada na ideia de Duns Scot, sugere um modo de individuação que não se confunde com uma coisa, um sujeito, ou uma substância. É “poder de ser afetado e afetar”. (DELEUZE, 2002:47)



*Mas, como foi isso?*

*Jogando detergente na comida.*

*Menos mal, pensava... talvez somente sofressem uma indigestão.*

*E aos berros, continuava: Já apanhou de cinto e agora não quer sair do quarto.*

*A cabeça oca, os sentidos perturbados...*

*Nãooo! Gritando mais alto e sem controle. Vou até aí. Não façam nada antes disso!*

*Desligo. As ideias vão chegando e vão partindo...*

*Como assim? Vou? Quem vai? Quem chama? Pra que serve ir? Tarde demais...*

*Dali em diante, o mundo parecia não ter pé nem cabeça. Sem apaziguamento, só a forte impressão de que arriscara ser envolvida por aquela rede de violência.*

*Em certa medida, essa ameaça pairava, ainda que dissimulada em preocupações, nos contatos mantidos com a família durante o percurso do tratamento. Havia uns seis meses...*

*Chega a hora de ir... Seguir pelas ruas do centro da cidade sem ter noção de um 'destino'... A quem destinava, ao que se destinava, por que me destinava?*

*Chegar foi pior... A erupção de queixas, de ameaças, os choros ininterruptos. Uma balbúrdia que parecia não ter fim e fazia zumbir os ouvidos.*

*Até se tornar possível chegar ao quarto levou um tempo... Difícil precisar quanto tempo.*

*Lá estava ela, jovem mirrada, abraçada ao cachorro. Espécie de barricada frente àquela violação.*

*Entrar naquele quarto...*

*A terapeuta ganhara um semblante duvidoso. Tomara parte daquele cenário indigno?*

*De onde surgira? Quem a chamou? Viria sustentar o forçoso descarte?*

*Tudo era impreciso... duvidoso.*

*Até que ponto seria possível produzir um aparte naquela desolação?*

*Todos nós e todos aqueles nós.*

*Foram meses lutando ombro a ombro contra uma possível internação, pensava. E ia fazendo sentido aquela disposição estranha acionada a partir dos berros da mãe.*

*Mais de uma hora se passara, e toda aquela tentativa exaurida de construir alguma saída que não fosse de ambulância.*

*Recontávamos a história das nossas lutas, refazíamos o caminho traçado pelas lutas das nossas histórias até que se desviasse o sentido do internamento, do confinamento, da restrição, das violências.*

*A barricada se estende: jovem, cachorro, terapeuta.*

*Repactuar com a família a suspensão da ideia da internação, apostar no incerto e poder dizer, até amanhã.*

*Mas não seria tão fácil, já que ficar era sustentar aquele bloco de resistência.*

*Sair, agora, era poder ficar, ainda que isso não assegurasse o novo arranjo.*

*Pelo menos, até amanhã...*

*Exaustão, tristeza. Tudo chegava de uma só vez.*

*Voltar era como arrastar correntes pelas ruas do centro da cidade, agora, silenciosa e inóspita.*

*As barricadas, construídas pelo lixo acumulado nas calçadas. As barricadas de papelão fazendo anteparo para os habitantes da rua, as barricadas dos becos abrigando os programas.*

*E já passava das dez. Mais de dez da noite...*

*Apressar o passo... O centro da cidade às dez da noite para uma mulher desatinada parece mais sinistro.*

*Já era possível avistar a avenida principal, dava pra ver também, um homem que se aproximava, agora era um senhor, agora parecia beirar uns setenta.*

*Agora um frio percorre a barriga...*

*Tem dia assim...*

*E antes que fosse possível distinguir se o frio era de medo ou era da...*

*Corpo no chão... Chega bem perto e cai naquele chão.*

*Um outro mundo se descortina. Não menos terrível, mas outro mundo.*

*Mais duas pessoas se aproximam. Três cidadãos indignados...*

*Começam os telefonemas: corpo de bombeiros, ambulância do serviço público de urgência, hospital universitário, e nada. Nada que tornasse mais digna aquela atmosfera. Difícil precisar aquele tempo.*

*Aos poucos o corpo deitado na calçada dá alguns sinais de vida.*

*Um carro vai diminuindo a velocidade e alguém - surpreendentemente - pergunta se queremos levá-lo para o hospital.*

*Imediatamente, o corpo ainda trôpego, é agarrado e colocado no carro que segue levando uma testemunha para tentar poupá-lo do descaso, do isolamento, da violência.*

*Seguir pelas ruas do centro da cidade de volta para casa. Insistência de um pouco mais de possível, ainda que isso não assegurasse o amanhã.*

*Vem o dia seguinte...*

*Olá! Que bom que você veio!*

*Hummmm?! Aquele misto de desdém e apreço...*

*Que bom que você foi....*

*Fragmento 14*

#### **TRAVESSIAS...<sup>47</sup>**

Dar a partida é como apontar um nó por onde passam inúmeros fios, como numa trama do tear e depois ir tecendo desenhos os mais diversos. Alguns possuem seus rascunhos, outros surgem a partir da disposição e dos incidentes compostos pelas tramas, pelas histórias, pelos enredos, pelas linhas soltas que vão indicando outros caminhos, outros bordados.

São travessias, que, no sentido da experimentação clínica, se tornam vívidas quando tomamos o curso do compartilhamento.

Partilhar com diferentes agentes sociais - analisandos, alunos, professores, trabalhadores de todos os gêneros, transeuntes, aliados anônimos - arregimentando a coragem necessária para arriscar saídas.

---

<sup>47</sup>Uma reverência ao *Coletivo Travessias* que desde 2010 se empenha na produção de alianças com outros campos do saber - filosofia, história, literatura, arte -, no sentido de criar diferentes frentes de ação coletiva, produção e análise da subjetividade.

Desassossegá-se com os inquietos personagens conceituais forjados pelos pensadores do adverso e do diverso construindo com estas interferências, instrumentos de enfrentamento aos momentos de impasse e dúvidas.

Comemorar, quando os acontecimentos arremessados como flechas, interferem, ainda que, sorratamente, nas conjugações dos saberes e afazeres, aumentando a potência de modular, desviar, transitar, fazer funcionar a arte de “misturar”, de “dosar”, como nos encoraja Stengers (2008).

E, ao forçar um pouco mais a potência desta arte, indo além do desejo de encontrar uma nova relação entre práticas científicas e práticas não científicas, entre os saberes e afazeres constituídos, arrastar seu uso para nossas experimentações cotidianas. Modos de viver, trabalhar, pensar, amar, enfim, esforços diários para construir um *comum*. Encantar-se com a riqueza dos cofuncionamentos, dos acoplamentos coletivos - pré representativos - e suas respectivas individualizações.

Travessias sinuosas que abrigam uma insistência, uma determinação: as implicações com os processos desalinhados e seus riscos. A afirmação de que o dispositivo clínico “pode se constituir em uma das maneiras de enfrentar e combater o que nos faz desejar e amar aquilo que nos explora, domina e retira de nós a força de criação obstruindo a expansão dos processos de transformação”. (FONSECA, D, 1999:06)

Mas, transformar é um termo que sofreu profundo desgaste. Hoje, imediatamente associado à aquisição de uma nova forma, uma nova feição, algo que, rapidamente, por cair em desuso ou ao sair da moda, precisa ser ‘repaginado’.

Portanto, é necessário posicionar a noção de ‘trans-formação’ no seu sentido mais potente: ir além das formas, além das formatações pré-estabelecidas para entrar em contato com processos nascentes. Já que, como firmemente sublinhou Guattari (1992), não há mudança social, política, econômica, sem uma mutação das mentalidades, sem uma espécie de defasagem de metas. Sejam as metas do mercado acadêmico, sejam as dos chamados interesses públicos com seus inumeráveis anseios particulares, ou

dos interesses privatistas e suas artimanhas para obter lucro. Enfim, muitas das nossas 'metas' cotidianas que fortalecem os braços desse imenso 'polvo' denominadas por Guattari de *mercado capitalístico*, com suas inúmeras eficientes ventosas.

Nos procedimentos de ordenação e controle da sociedade atual - controle contínuo, comunicação instantânea, produção de penalidades ou recompensas - tudo se dá de maneira "rápida, imperceptível, constante e ilimitada, tendo a mídia como instrumento auxiliar principal", (NEVES, 1997:89) urge cuidar para que o 'magnetismo' do *caos*, como fonte geradora de imprevisibilidades e desorganizações não se constitua em artefato de captura para pôr em ação inúmeras práticas de violação e produção de miséria material e subjetiva. Cuidar para não nutrir à ideia de que as instabilidades *contingentes* - que esse novo tipo de ordenação produz e faz com que o 'corpo-pensamento', seja absorvido por uma espécie de canto de sereia - sejam confundidas com *causas necessárias*. (ESPINOSA, 1979)

E por falar em sereia, não é à-toa que os 'mitos' também modularam, e reposicionaram seu lugar de destaque na contemporaneidade. Não mais como compreensão da realidade, através das narrativas acerca da criação. Agora, eles reaparecem com regras modificadas, lembrando Foucault (2008), como verdades pseudocientíficas que disseminam o temor/terror em 'tempo real'. Mito do corpo saudável, do glamour, das celebridades, dos comportamentos apropriados, da sexualidade eficiente e seus correlatos, a decadência, as ameaças de destruição, a criminalidade, a medicalização e judicialização da vida, dentre outros.

Se antes, o mito, como observa Vernant (1977), expressava concepções relativas a uma função política e à ordenação das relações de soberania, hoje, expressa um outro tipo de arranjo do corpo social. Recombinados, 'mito' e razão, insinuam um outro modo de ser das coisas e da ordem dessas coisas.

Deste modo, encarar a prática clínica como inseparável dos processos de produção de subjetividades implica, como apontam Passos e Benevides, necessariamente, "que nos arrisquemos numa experiência de crítica/análise das formas instituídas, o que nos compromete politicamente". (PASSOS E BENEVIDES, 2009:163)

Importa, assim, que o ‘corpo-pensamento’ tenha outras ‘intenções’... Outras tensões, outras ‘inculcações’.

No caso desse ‘percurso-tese’, o corpo-pensamento se esforça, agonisticamente pois se interessa por fragmentos...

Todavia, insistimos que fragmentos nada têm a ver com o esmagamento dos processos, muito menos com as sobras, a precarização, os ‘transtornos’ que o capitalismo, na contemporaneidade, faz funcionar - *Sociedade de Controle*, no sentido forjado por Deleuze (2000) a partir das pistas deixadas por Foucault, *Império*, como sublinha Negri e Hardt (2003) - enquanto novo regime de ordenação da vida.

Ao contrário, fragmentos dizem respeito a excessos, desordens, *acontecimentos*. Incidentes, como nos ensinou Guattari, “fora das normas como índices de um trabalho potencial de subjetivação”. (GUATTARI: 1990)

Palco das Expressividades que, na experimentação clínica do/no contemporâneo, nos dão sinais de que é preciso seguir desalinhado, cindido, fragmentado, ‘esquizo’ em relação à ordenação do mercado político-subjetivo do nosso tempo.

Desalinho em relação ao eixo da institucionalização psiquiátrica, da psicofarmacologia desenfreada, da psicologização abusiva. Da máquina de produção da miséria - material e subjetiva - da anestesia social, da solidão, da angústia, do medo, do desencanto.

Contudo, seguiremos interrogando: em que medida as práticas, que, em seu conjunto, denominamos de clínico-políticas podem funcionar como ato insubmisso a esse “espírito de seu tempo”? Podem - usando noções tão caras à filosofia espinosista - engendrar práticas de *liberdade, ação*? Até que ponto podem converter *constrangimento* em *alegria*, para que condições reais de existência se construam, pela potência recíproca dos afetos?

Daí a atenção rigorosa, ao deslocarmos o lugar do ‘grande olho’, do ‘grande ouvido’, para experimentarmos outras sensibilidades que o processo de diferenciação pode nos proporcionar. Depois, inspirados pelo primeiro princípio descartável formulado por Guattari, “ficar na adjacência da mudança em curso e extinguir-se tão logo possível”. (GUATTARI,1979:188)



*Em parte nos damos conta da nossa pretensão,  
Exageramos e solicitamos compreensão.  
O impossível que todos os discursos desejam...  
A impaciência do espectador por querê-lo decifrável,  
O vazio jamais existente... Triângulo das bermudas ou centro da Terra?  
Em partes, nos damos conta.  
Por vezes são exageros incompreensíveis, captáveis talvez aos que desejam -  
de espectador a ator - o indecifrável.  
Pois, ideias claras são ideias mortas!  
Leis dirigindo vidas. (...)  
Comunicação difusa de um discurso cabeludo. (...)  
Fragmento 15*

#### APONTAMENTOS 'FINAIS'

Construir 'acabamentos' é tarefa tão complexa quanto a de disparar percursos. Talvez, porque não exista uma delimitação nítida entre um começo e um fim. Os acabamentos são apenas delicados arremates, às vezes frouxos outras vezes mais firmes que precisam realçar certos detalhes e minimizar outros.

Tomar o caminho de volta é seguir diferente, afrontando um *falso nomadismo*, como observou Guattari (1992), que nos deixa no mesmo lugar e sem forças para embarcar na canoa do desejo em sua errância.

Poder *Dizer*, após um "começo indizível", retomando Laymert, nosso maior desafio. Pois, quando conseguimos dizer, barragens foram abaladas, crenças e valores sofreram reviravoltas. Experiência radical, agonia própria para tecer dizibilidade, acerca das Expressividades que a experimentação clínica nos proporciona.

Na perspectiva que abraçamos, nossos *ditos* e *escritos* - aproveitando a inspiração foucautiana - implicam um outro modo de pensar, uma outra

compreensão dos modos de subjetivar e, necessariamente, uma reorientação dos saberes e afazeres em relação a prática clínica.

Análise ‘*esquizo*’ da realidade, reafirmada por Deleuze & Guattari ao longo de sua obra, como maneira de apreender um problema. O pensamento rachando as regularidades, o esquadrinhamento e a ordem que dominaram a perspectiva acerca da concepção de sujeito moderno e seus efeitos na contemporaneidade.

Do germânico *skhízein*, o termo esquizo abriga os sentidos de fender, dividir, fragmentar. Deleuze & Guattari, utilizaram, primeiramente, o termo “esquizoanálise” em *O Anti-Édipo*, em 1972, como crítica aos princípios da psicanálise clássica e, ao mesmo tempo, como modo de pensar a subjetividade como uma produção político-subjetiva.

Deleuze & Guattari nos proporcionaram uma compreensão da realidade - material e subjetiva - pluridimensional e transvesa, cujo entendimento se dá a partir de uma análise transversal desta mesma realidade. Análise dos agenciamentos, das fendas, dos fragmentos.

Uma tomada de posição que nos coloca ‘frente a frente’ com o tipo de produção de subjetividades em curso, seus efeitos e apropriações e ao mesmo tempo ao lado, na adjacência dos processos de subjetivação

Pode, o corpo-pensamento, inventar práticas insubmissas, subjetividades insubordinadas, inconscientes irrepresentáveis, rigor dos acontecimentos para além da ordenação político-subjetiva?

Nosso percurso aponta para a compreensão do mundo para além dos conceitos. Como poetiza Manoel de Barros (2000), poder compreender o mundo por “eflúvios”, por “afeto”. Algo que sempre escapará e que, de alguma maneira, se distinguirá, anunciando reviravoltas.

Neste sentido, pode-se dizer que é todo um modo “ de desejar e produzir relações do homem consigo e com a natureza que devem ser reavaliados e reinventados”. (FUGANTI, 2007)





*Pareciam-me assim enfileirados numa sequência de vozes e engasgos.*

*E entre espasmos, um torpor!*

*Como se o chão suspenso sucumbisse num sopro quase infernal.*

*Como uma doooooor!*

*Que à medida em que cresce em intensidade e se aprofunda,*

*multiplica suas avenidas e suas riquezas em todos os círculos da sensibilidade.*

*Fragmento 16*

Cada passagem traçada nesse estudo abriga, silenciosamente, a ideia nietzschiana que Deleuze sublinha, enfaticamente, em *Nietzsche e a Filosofia*, de que a história de todas as coisas é “a sucessão de forças que dela se apodera e a coexistência das forças que lutam para dela se apoderar”. (DELEUZE, 1976:03)

Transversalizar a experimentação clínica com um turbilhão de sensações e afetos vindos dos saberes e afazeres extra-*psis* nos possibilitou a oportunidade de entender que todo tipo de prática - e aqui nos cabe, especialmente, a prática clínica- estará sempre inscrita nesse jogo de forças que posicionarão e forçarão seus usos, tanto no sentido do ajuste ao poder constituído como instigando potências de ruptura com os equipamentos de dominação e exploração do ‘corpo-pensamento’ e coextensivamente, do corpo social.

Nesse contexto que fomos arriscando modos de dizer como que construindo “ruínas para certas palavras”. Quem sabe, elas possam “renascer das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo” (...) (BARROS. M 2000:31) Desejo de apostar em uma ‘virada’! Apostar na invenção como resistência ao que oprime, constrange e obstrui a alegria criadora.

Na trilha deixada por Gabriel Tarde, Pelbart inspira e auxilia nosso arremate: cabe a cada um de nós, inventar!

“A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum” (PELBART, 2003; 112)

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ABBÊS, CLAUDIA B. N. *Sociedade de Controle, o neoliberalismo e os efeitos de subjetivação*. In. Saúde e Loucura 6. Subjetividade. São Paulo, Ed Hucitec. 1997.

ALMEIDA, JULIA. *Estudos Deleuzeanos da linguagem*. Campinas, Ed. UNICAMP, 2003.

ANTOUN HENRIQUE. *Deleuze*. Curso ministrado na UFRJ. Rio de Janeiro: mimeo. 1992.

ANTONIN, ARTAUD. *Eu, Antonin Artaud - O homem-árvore*. Lisboa: Hiena Editora. 1988, (105-110). Disponibilizado em WWW. *Escola Nômade.org*

\_\_\_\_\_ *Linguagem e Vida*. São Paulo, Ed. Perspectiva S.A. 1995.

BARROS MANOEL DE. *Ensaio Fotográficos*. Rio de Janeiro, Record :2000.

BIRMAN, JOEL. *A clínica na pesquisa psicanalítica*. II Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercambio Científico - ANPPP, Gramado, 1989.

\_\_\_\_\_ *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009. 7ª ed.

CANETTI. ELIAS. *Massa e Poder*. Brasília. Ed. Universidade de Brasília: Melhoramentos. 1983

CASTRO C. MURILO. *Vocabulário de Filosofia*. Submittedon: Wed, 16-Jun-2010.

CHAUÍ, MARILENA. *Espinosa: Uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Ed. Moderna, 1995

DELEUZE, GILLES. *Spinoza et le problem de l'expression*. Paris: Minuit, 1968.

\_\_\_\_\_ *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro. Ed. Graal Ltda. RJ 1988

\_\_\_\_\_ *Espinoza e os Signos*. Lisboa: Ed.Rés, 1970

\_\_\_\_\_ *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro; Ed.Rio, 1976

\_\_\_\_\_ *Quatro proposições sobre a psicanálise*. in. Saúde e Loucura 2. HUSITEC. 1990.

\_\_\_\_\_ *Conversações*. RJ: Ed, 34, 2000. 3ª Ed

\_\_\_\_\_ *Espinosa : Filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002

\_\_\_\_\_ *Lógica Do Sentido*. São Paulo; Perspectiva: 2009. 5ª Ed

\_\_\_\_\_ *Cursos sobre Spinoza: (Vincennes, 1978-1981)* Coleção Argentum Nostrum.EdUECE, Fortaleza-CE, 2009.

DELEUZE, GILLES E PARNET CLAIRE. *Diálogos*, Lisboa: Ed. Relógio d'Água. 2004

DELEUZE, GILLES & GUATTARI FÉLIX. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. V.1*. Rio de Janeiro. Ed.34, RJ 1995

\_\_\_\_\_ *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. V.2* Rio de Janeiro.Ed.34, 2008. 5ª Ed.

\_\_\_\_\_ *Mil Platôs:capitalismo e esquizofrenia. V.3*. Ed. 34, RJ. 1996

\_\_\_\_\_ *Mil Platôs:capitalismo e esquizofrenia. VOL. 4*, Rio de Janeiro. Ed.34, 2002. 2ª Ed.

\_\_\_\_\_ *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. V.5*. Rio de Janeiro. Ed.34, 2002. 2ª Ed.

DIAS, REGINA. *Introdução às psicoterapias/Esquizoanálise*. Curso ministrado na Casa do Saber. Rio de Janeiro. 2008.

ESPINOSA, *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 2ª.Ed

\_\_\_\_\_ *Ética* . Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

FERREIRA, AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1975.

FIGUEIREDO, LUÍS CLAUDIO M. *A Invenção do Psicológico: quatro séculos de subjetivação 1500-1900*. 6ªEd. São Paulo. Ed.Escuta. 2002.

FOUCAULT. MICHEL. *Doença mental e psicologia*. Ed. Tempo Brasileiro, RJ. 1975

\_\_\_\_\_ *Ditos e Escritos I - Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Ed. Forense Universitária, Rio e Janeiro, 2006. 2ªed.

\_\_\_\_\_ *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Martins Fontes, SP. 2007. 9ª ed.

\_\_\_\_\_ *O Nascimento da Clínica*. Ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro. 2008. 6ª ed.

FONSECA, F. DENISE. *Avessos de Cidadania: um exercício analítico*. PUC- São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_ *Subjetividades e “trans-formação”*. XVI Semana de Psicologia do Ceucel. Rj. 1999. mimeo

FONSECA, TANIA M. GALLI e KIRT G. PATRICIA. *Cartografias e Devires. A construção do presente*. (Org) Porto alegre. Ed UFRGS, 2003.

GIACOMEL.A. E.; RÉGIS V.M FONSECA, T.M.G. *Que tal um banho de bar... para ativar a potência política do corpo!* FONSECA.T. M.GALLI E ENGELMAN SELDA (ORG) in CORPO, ARTE E CLÍNICA. UFRGS, Porto Alegre, 2004.

FUGANTI, A LUIZ. *Saúde, desejo e pensamento*. São Paulo. Ed. Hucitec: Linhas de Fuga, 2008

\_\_\_\_\_ *Biopoder nas políticas de saúde e desmedicalização da vida* . Palestra ministrada no CRP-RJ em 29.03.2007. Disponível em [www.escolanomade.com.br](http://www.escolanomade.com.br).

GARCIA ROZA, L. ALFREDO. *Freud e o inconsciente*. Jorge Zahar Ed, Rio de Janeiro, 2009. 24ª ed.

\_\_\_\_\_ *Palavra e verdade na filosofia antiga e na psicanálise*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro. 2005 .5ª ed.

GUATTARI, F.e ROLNIK, S. *Micropolítica- Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 2008. 9ª Ed.

GUATTARI, F. *O Inconsciente Maquínico - Ensaio de Esquizoanálise*. Campinas: Papiros, 1988

\_\_\_\_\_ *As Três Ecologias*. São Paulo: Papiros, 1990.

GARROCHO LUIZ C. *Anotações Sobre Teatro e Experimento*. Revista Polêmica Imagem, UERJ, n.20,2007.

LINS, DANIEL SOARES. *Expressão: Espinosa em Deleuze, Deleuze em Espinosa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

MACIEL, AUTERIVES. *Spinoza e Método Reflexivo Formal*. Rio de Janeiro, mimeo.1993

\_\_\_\_\_ *Spinoza e o Paralelismo Psicofísico*. Rio de Janeiro, mimeo. 1993.

\_\_\_\_\_ *Diferença e Repetição em Gilles Deleuze*. Rio de Janeiro, mimeo. 1996

\_\_\_\_\_ *Pré-socráticos: a Invenção da Razão*. Odysseus Ed. Ltda. São Paulo. 2003.

MACHADO, ROBERTO. *Microfísica do Poder*. Ed. Graal, São Paulo. 2008. 26ª ed.

\_\_\_\_\_ *Clínica, indeterminação e biopoder*. In. Direitos Humanos: o que temos a ver com isso? CRP/RJ, Rio de Janeiro, 2007.

MARTINS. ANDRÉ. *Novos Paradigmas em Saúde*. In. PHYSIS: Rev. de Saúde Coletiva. Vol. 9 (1): 83-122, 1999.

MENDES. SILVANA.L. E FONSECA.DENISE.F. *Novas formas de vida no contemporâneo e suas relações com as práticas no âmbito da clínica*. In. CLINICA E POLÍTICA:SUBJETIVIDADE, DIREITOS HUMANOS E INVENÇÃO DE PRÁTICAS CLÍNICAS. 2. Rio de Janeiro. Ed. Abaquar.2009

MULLER, ADALBERTO. *Encontros - Manoel de Barros*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.

NEGRI ANTONIO. *Cinco lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEVES. CLAUDIA.A.B. *Sociedade de Controle, o Neoliberalismo e os Efeitos de Subjetivação*. In. SAÚDE E LOUCURA 6. SUBJETIVIDADE. São Paulo. Ed. HUCITEC.1997.

NIETZSCHE, FRIEDRICH. *A Genealogia da Moral*. Ed.Moraes. São Paulo. 1985

\_\_\_\_\_Rio de Janeiro, *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Relume Dumará, 2003.

\_\_\_\_\_ *Humano, demasiado humano*. Companhia das Letras, São Paulo. 2005 5ª ed.

PASSOS, EDUARDO; BENEVIDES, REGINA. *Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo*. In Revista de Psicologia Clínica. V 13.n.01. Foucault 40 anos de História da Loucura, Ed. Companhia de Freud, PUC RIO, RJ, 2001

\_\_\_\_\_ *Complexidade, transdisciplinaridade e produção de subjetividade*. In: FONSECA, T. (Org.). CARTOGRAFIAS E DEVIRES: A CONSTRUÇÃO DO PRESENTE. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003

\_\_\_\_\_ *O que pode a clínica? A posição de um problema e de um paradoxo*. In: Fonseca, T; Engelman, Selda (org) CORPO, ARTE E CLÍNICA. Porto Alegre: UFRGS Ed. 2004

\_\_\_\_\_ *Clínica, política e as modulações do capitalismo*. In. CLINICA E POLÍTICA: SUBJETIVIDADE, DIREITOS HUMANOS E INVENÇÃO DE PRÁTICAS CLÍNICAS. 2. Rio de Janeiro. Ed. Abaquar.2009

\_\_\_\_\_ *Passagens da clínica*. In. Maciel,A; Kupermann, D; Tedesco,S (org) Polifonias: Clínica, Política e Criação. Rio de Janeiro: Contra Capa, Livraria Ltda. 2006, pp. 89-100

PASSOS. EDUARDO H. *Políticas Públicas e Psicologia: potencialidades e desafio dessa relação*. IV Seminário Nacional de Psicologia e Políticas Públicas, Maceió. Alagoas: 2007.

PASSOS,E. KASTRUP,V E ESCÓSSIA L. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PELBART P. PETER . *A Nau do Tempo Rei: sete ensaios sobre o Tempo da Loucura*. Rio de Janeiro. Imago, 1993

\_\_\_\_\_ *A Vertigem por um Fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

\_\_\_\_\_ *Da função política do tédio e da alegria*. In. Vida Capital: ensaios de biopolítica. São Paulo: Ed. Iluminuras Ltda.2003.

\_\_\_\_\_ *Vida nua, vida besta, uma vida*. S.P. 2006  
Disponível: <http://p.php.UOL.com.br/TROPICO/html/textos/2792,1.shl>.

PLATÃO, *Timeu: tratado teórico de Platão sob a forma de diálogos socráticos sobre a origem do universo*. Instituto Piaget, Lisboa. 2003.

PRIGOGINE, ILYA. *Ciência, Razão e Paixão*. Ed. Livraria da Física, São Paulo. 2009

\_\_\_\_\_ *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. Ed. UNESP. São Paulo. 1996

\_\_\_\_\_ *O fim da certeza*. In: Mendes, C. (Org) REPRESENTAÇÃO E COMPLEXIDADE. RJ. Garamond, 2003.

\_\_\_\_\_ *O Nascimento do Tempo*. Tradução de João Gama. Rio de Janeiro: Edições 70, 1988.

RAUTER, CRISTINA. *Subjetividade, Arte & Clínica*. in. SAÚDE e LOUCURA 6, SUBJETIVIDADE. São paulo. Ed.hucitec. 1997

\_\_\_\_\_*Clínica Transdisciplinar*. in. CLÍNICA E POLÍTICA: SUBJETIVIDADE, DIREITOS HUMANOS E INVENÇÃO DE PRÁTICAS CLÍNICAS 2. Rio de Janeiro. Ed. Abaçar. 2009

RODRIGUES HELIANA DE BARROS CONDE, SOUZA VERA LÚCIA BATISTA. *A análise institucional no Brasil*. R.J. Ed Espaço e Tempo, 1987.

ROLNIK, SUELY. *Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico*. Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

\_\_\_\_\_*Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade. 1989.

\_\_\_\_\_*Geopolítica da cafetinagem*. In. *Fazendo Rizoma*, Organizado por Beatriz Furtado e Daniel Lins. Ed. Hedra Ltda. São Paulo, 2008.

ORTEGA, FRANCISCO; ZORZANELLI, RAFAEL. *Corpo em Evidência: a ciência e a redefinição do humano*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 2010.

SANTOS, LAYMERT GARCIA DOS, *Tempo de Ensaio*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

SILVA, CINTIA Vieira da, *Corpo e pensamento: alianças conceituais entre Deleuze e Espinosa*. Tese de Doutorado defendida no Departamento de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP. 2007

SCHULS, BRUNO. *Sanatório*. Rio de Janeiro. Ed. Imago Ltda. 1994

STENGERS, ISABELLE. *O Nascimento da Ciência Moderna*. São Paulo. Ed. Siciliano, 1990.

\_\_\_\_\_*Quem tem medo da ciência? Ciências e poderes*. Ed. Siciliano, São Paulo. 1990

\_\_\_\_\_*Reportagem e entrevista de Isabelle Stengers à Roberto Ciccarelli* publicadas no Jornal Il Manifesto, 29-09-2008. Tradução de Benno Dischinger. IHU-Online

VASCONCELOS, JORGE. *A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia*. Educ.Soc. Vol.26, n.96. Pgs.1217-1227. Campinas. 2005

VERNANT J. PIERRE. *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro. DIFEL/Difusão Editorial. 1977

ZOURABICHVILI FRANCOIS, *O Vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Sinergia; Ediouro, 2009

## FRAGMENTOS CLÍNICOS.

01. Fragmento da entrevista de **DAVI KOPENAWA** à Claudio de Ângelo

Publicada no Jornal Folha de SP, 12/5/2010.

02. Fragmento Literário da obra de SCHULS, BRUNO. *Sanatório*. Ed. Imago Ltda. RJ, 1994

03. Fragmento Literário da obra *Pervertimentos*, de José S. Sinisterra, traduzido e adaptado para o espetáculo teatral, com o mesmo nome, por Leonardo Simões. Niterói. 2009

04. Fragmento Literário da obra, *A Trégua*, de Mario Benedetti, 2008

05. Fragmento Clínico

06. Fragmento Clínico

07. Fragmento Clínico

08. Fragmento Clínico

09. Fragmento Clínico

10. Fragmento Clínico

11. Fragmento Clínico

12. Fragmento Clínico

13. Fragmento Clínico

14. Fragmento Clínico

15. Fragmento da Comunicação coletiva "*Comunicação Difusa De Um Discurso Cabeludo*". Apresentada como tema livre no evento Clínica e Cidadania. /UFF.

16. Idem